



Thiago Brazil



# A Igreja do Arrebatamento

O Padrão dos Tessalonicenses  
para estes Últimos Dias



# **A Igreja do Arrebatamento**

**O Padrão dos Tessalonicenses  
para estes Últimos Dias**

**Thiago Brazil**

1ª Edição



**CPAD**

Rio de Janeiro

2018

Todos os direitos reservados. Copyright © 2018 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Miquéias Nascimento  
Capa/Adaptação: Nathany Silves  
Projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos  
Produção de ePub: [Cumbuca Studio](#)

CDD: 230 – Cristianismo e teologia cristã  
ISBN: 978-85-263-1549-5  
ISBN digital: 978-85-263-1574-7

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

**Casa Publicadora das Assembleias de Deus**

Av. Brasil, 34.401 – Bangu – Rio de Janeiro – RJ  
CEP 21.852-002

1ª edição: 2018



## **Dedicatória**

A Danielly, Thaíssa e Gabrielly, consolo e fortalezas de Deus para minha frágil existência.



## Agradecimentos

**D**esejo agradecer ao Deus e Pai de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo por, em sua imensa misericórdia, conceder que eu, um simples homem do sertão nordestino, tenha a honra de não apenas usufruir da graça e da alegria que há no serviço da vocação para o ensino, mas também de poder compartilhar com centenas de milhares de pessoas um pouco do tanto que tenho recebido imerecidamente.

Quero agradecer a minha família: Danny, Thaíssa e Gabby, que não apenas me apoiam, como também são o fundamento de todo o meu ministério. Sei que Cristo está comigo a cada abraço, sorriso e afago que recebo incondicionalmente de vocês.

Devo ainda louvar a Deus pela riquíssima oportunidade que a CPAD concede-me de compor o tão seletivo grupo de homens e mulheres que trabalham incansavelmente para o desenvolvimento espiritual e educacional desta e das próximas gerações de salvos.

Finalizo minhas palavras de gratidão agradecendo à amada igreja onde tenho a felicidade de servir a Deus por meio dos dons que Ele deu a mim; que a semente do amor que cotidianamente se semeia neste solo brote com frondosos frutos para a glória de Deus.





**É** com imensa satisfação que nós, que fazemos a Assembleia de Deus em todo o estado do Ceará, recebemos mais um dos textos de nosso estimado ministro do Evangelho, o evangelista Thiago Brazil. Agora desta feita com uma alegria redobrada por ser este seu segundo livro publicado pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD).

O caro evangelista Thiago Brazil faz parte de uma geração de jovens obreiros que o Senhor Jesus tem levantado para realizar a obra com dedicação e destreza, e cuja característica mais notável é a formação acadêmica sólida, sendo esta diretamente proporcional a um caráter santo e cheio do Espírito de Deus. Além de sua atuação no pastoreio de uma igreja local, o evangelista Thiago Brazil tem sido sempre um fiel cooperador do Reino de Deus em todo o Ceará, especialmente por sua atuação junto às atividades promovidas pela CONADEC.

Também é necessário registrar que muito nos honra, enquanto Assembleia de Deus no Ceará, ter um comentarista das Lições Bíblicas que são ministradas em todo o território nacional.

Nossas orações são no sentido de que, assim como regionalmente os textos e pregações do evangelista Thiago Brazil tem-nos abençoado, que chegue a todo o Brasil o bom cheiro de Cristo que exala da escrita precisa e piedosa deste amado servo de Cristo.

Que as palavras profetizadas por Isaías a Israel alcancem também, por misericórdia a toda a nossa nação brasileira que tanto clama e deseja um real avivamento, o avivamento por meio da Palavra:

O deserto e os lugares secos se alegrarão com isso; e o ermo exultará e florescerá como a rosa. Abundantemente florescerá e também regurgitará de alegria e exultará; a glória do Líbano se lhe deu, bem como a excelência do Carmelo e de Sarom; eles

verão a glória do SENHOR, a excelência do nosso Deus. Confortai as mãos fracas e fortalecei os joelhos trementes. Dizei aos turbados de coração: Esforçai-vos e não temais; eis que o vosso Deus virá com vingança, com recompensa de Deus; ele virá, e vos salvará. Então, os olhos dos cegos serão abertos, e os ouvidos dos surdos se abrirão. Então, os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará, porque águas arrebentarão no deserto, e ribeiros, no ermo. E a terra seca se transformará em tanques, e a terra sedenta, em mananciais de águas; e nas habitações em que jaziam os chacais haverá erva com canas e juncos. E ali haverá um alto caminho, um caminho que se chamará O Caminho Santo; o imundo não passará por ele, mas será para o povo de Deus; os caminhantes, até mesmo os loucos, não errarão. Ali, não haverá leão, nem animal feroz subirá a ele, nem se achará nele; mas os remidos andarão por ele. E os resgatados do SENHOR voltarão e virão a Sião com júbilo; e alegria eterna haverá sobre a sua cabeça; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido.

Isaías 35.1-10  
Fortaleza, CE

A handwritten signature in dark ink, reading "José Bezerra de Oliveira". The signature is fluid and cursive, with the first name "José" being the most prominent.

*José Bezerra de Oliveira*  
Pastor-presidente da Convenção das  
Assembleias de Deus no Estado do Ceará (CONADEC)



Agradecimentos

Prefácio

Introdução

Capítulo 1 - Introdução às Cartas

Capítulo 2 - A Alegria pela Nova Vida em Cristo

Capítulo 3 - O Fruto de um Trabalho Zeloso

Capítulo 4 - Conservando uma Vida Frutífera

Capítulo 5 - Vivendo uma Vida Santa

Capítulo 6 - Vivendo Amorosa e Honestamente

Capítulo 7 - Nossa Esperança na Vinda do Senhor

Capítulo 8 - A Vida Cristã e a Estima pela Liderança

Capítulo 9 - Coragem em Meio à Perseguição

Capítulo 10 - A Manifestação do Anticristo e o Dia do Senhor

Capítulo 11 - Firmes na Verdade e na Graça de Deus

Capítulo 12 - Uma Vida Exemplar diante de Deus e dos Homens

Capítulo 13 - Conselhos para a Vida

Conclusão



A presente obra tem como aspiração contribuir para o edificante debate que se desenvolve há séculos sobre as duas epístolas de Paulo à Igreja em Tessalônica. O maior desafio imposto foi produzir um texto que coopera simultaneamente como auxílio direto àqueles que se dedicarão a lecionar nas salas de jovens durante o segundo trimestre de 2018, mas também, que ultrapassasse tal limite tão circunscrito, para servir de bibliografia introdutória àqueles que desejam compreender mais sobre estes dois extraordinários textos paulinos.

Ainda que a composição dos capítulos siga, formalmente, a estrutura das lições dominicais, o conteúdo dos mesmos concentra-se — sempre que possível — na estrutura do próprio texto apostólico e nas questões que pareceram mais razoáveis a serem debatidas no espaço das páginas a seguir.

Em cada capítulo, há uma bibliografia específica — que, em alguns casos, se repete em variados capítulos da obra conforme a temática abordada —, em sua imensa maioria em língua portuguesa, a qual, certamente, se consultada e lida, enriquecerá formidavelmente aqueles que desejam compreender os detalhes não aprofundados de cada texto.

O que este autor sinceramente espera é que cada página a seguir constitua-se apenas como chaves, por meio das quais um conjunto infinito de portas possa ser aberta para que, dessa forma, cada leitor-investigador tenha a possibilidade de pessoalmente enveredar por novos e outros caminhos do conhecimento para além desta obra.

Thiago Brazil, Fortaleza-CE

## Capítulo 1



# Introdução às Cartas

## Introdução

**E** estudar analiticamente um texto bíblico do Novo Testamento é sempre um enorme desafio por vários motivos. Em primeiro lugar, porque estamos cronologicamente distantes quase 2 mil anos de seu momento autoral; por isso, o peso do estranhamento das práticas culturais, litúrgicas e sociais torna-se mais evidente ainda durante a leitura deste.

Temos ainda que lidar com as especificidades linguísticas — pois o NT foi todo escrito numa versão popular de um idioma antigo, o grego — que desembocam também em enormes desafios para a compreensão literária da obra.

Lembre-mo-nos ainda que, no caso das epístolas aos tessalonicenses, não estamos diante de apenas um texto, mas, sim, de duas composições diferentes — apesar de ambas as correspondências serem, provavelmente, de um mesmo autor e para uma mesma comunidade. Desse modo, seria absolutamente incoerente utilizar-se de um mesmo conjunto de pressupostos teóricos para fundamentar a análise dessas duas obras sem qualquer tipo de distinção entre as mesmas.

Deve-se ainda levar em conta que os textos aos quais nos propomos a discutir nas páginas a seguir são literatura do *corpus paulinus*. Para tanto, faz-se necessário uma compreensão, mínima que seja, das particularidades do pensamento do apóstolo dos gentios, de modo especial, no início de sua produção epistolar. Pelo menos *1 Tessalonicenses*, se é que não se pode dizer o mesmo de *2 Tessalonicenses*, é uma amostra histórico-literária de uma genuína produção teológica paulina.

Sim, esse é outro desafio no estudo das epístolas aos tessalonicenses: estas são produções literárias antigas, sendo uma delas considerada o mais antigo texto neotestamentário presente no cânon bíblico. O que isso implica na análise do texto? Dentre as possibilidades concebíveis de serem apresentadas, estão, por exemplo: a escrita paulina nas epístolas aos tessalonicenses — por ser a manifestação de um pensamento teológico em construção — está desprovida de uma série de conceitos-chave abundantemente presentes em outros textos do apóstolo, tais como justificação, a humanidade de Cristo, a contraposição entre lei e graça, etc.

Há, por outro lado, temáticas centrais que, como demonstram os textos, já estão presentes na gênese da teologia paulina: o Dia do Senhor, redenção,



santificação. Outras questões, como, por exemplo, a natureza kerigmática da pregação e o debate sobre a *kenosis* do Senhor Jesus estão presentes nessas epístolas, ainda que introdutoriamente se possa citar que, já em *1 Tessalonicenses*, Jesus é reconhecido como o Senhor, o *kyrios* da Igreja.

Por fim, outra questão extremamente importante de considerarmos é o fato de que a produção epistolar é uma prática social bastante comum naquele contexto histórico; tal informação deve levar-nos a reconhecer a qualidade do relacionamento entre Paulo e aquela comunidade.

O que lemos em *1 e 2 Tessalonicenses* não é uma produção literária que se propôs a ser canônica já na sua origem — até porque, como bem sabemos, o processo de reconhecimento canônico dos textos contidos no Novo Testamento deu-se num momento histórico posterior<sup>1</sup> e segundo regras que estavam alheias ao conhecimento de Paulo.<sup>2</sup>

Conforme afirma-nos Tenney:

O verdadeiro critério da canonicidade é a inspiração. [...] (2 Tm 3.16,17). Por outras palavras, aquilo que foi dado por inspiração de Deus era escriturístico, e o que não veio por inspiração de Deus não era escriturístico, se “Escrituras” significarem o registro escrito da Palavra de Deus revestida de autoridade.

Se este critério for adotado como definitivo, há que responder a próxima pergunta: “Como se demonstra a inspiração?” Os livros do novo testamento não começam todos com a afirmação de que foram inspirados por Deus. Alguns relacionam-se com assuntos muito vulgares, outros contém enigmas históricos, literários e teológicos que só com dificuldade podem ser resolvidos. Será possível demonstrar a sua inspiração a contento de todos?

A resposta a este problema é tripla. Primeiro, a inspiração destes documentos pode ser apoiada por seu conteúdo intrínseco. Segundo, essa inspiração pode ser corroborada pelo seu efeito moral. Finalmente, o testemunho histórico da Igreja Cristã mostrará o valor que era dado a esses livros, se bem que a Igreja não fizesse com que eles fossem inspirados ou canônicos. (TENNEY, 208, p. 428,429)

É importante reconhecer que a autenticação do caráter canônico de um texto

constituiu-se na coletividade, por seu uso comunitário e popularidade entre os cristãos; tais fatos são tão verdadeiros que, durante muito tempo, se discutiu a canonicidade de textos como a *Didaché*, *Apocalipse de Enoque*, *Evangelho de Tomé*. O contrário também deve ser considerado, como, por exemplo, as fortes críticas apresentadas por Martinho Lutero (1483–1546), em pleno século XVI, à presença da *Carta de Tiago* no *Corpus* neotestamentário.

Sobre esse contexto, afirma-nos Cullmann:

De uma maneira geral, o cânone do Novo Testamento não se formou, como se poderia supor, por adição, mas por eliminação. Ainda no início do século II, foram redigidos não somente evangelhos apócrifos e atos dos apóstolos, mas também um grande número de outros escritos cristãos (como os escritos dos Pais Apostólicos). Esses, mesmo que não pretendessem remontar às origens, não tinham, em princípio, uma autoridade inferior àquela dos escritos que hoje fazem parte do Novo Testamento. (CULLMANN, 2015, p. 90)

Para deixar claro que esses conflitos com relação à construção de um cânon não é um problema exclusivo do cristianismo, pode-se citar o fato de que o conjunto de livros do Antigo Testamento, como conhecemos hoje, só foi “canonizado” pela comunidade judaica por volta do século III d.C (Moura, 2013).

Se *1 e 2 Tessalonicenses* são textos sagrados, agora os compreendendo para além da questão histórico-crítica da canonicidade e muito mais próximo de uma concepção devocional das epístolas, isso se deve ao fato de que Paulo, ao escrever àqueles irmãos, não fez isso de modo institucional ou religioso, mas, sim, de maneira amorosa e fundamentalmente cristã. Não se tratava de um técnico de assuntos religiosos transmitindo ordens a um grupo de iniciados, mas, sim, de um líder, um amigo, um pastor, que pacientemente ensina um grupo de novos convertidos a como proceder diante de dúvidas e questões que afligiam o cotidiano daquela comunidade.

# Características Gerais de Tessalônica

Fundada pelo general macedônio Cassandro no século IV a.C, a partir da reunião de 26 províncias existentes, Tessalônica foi assim denominada em homenagem à esposa deste monarca que se chamava de *Thessaloniki*.<sup>3</sup> A geografia da região fez com que Tessalônica rapidamente se destacasse como cidade portuária, tornando-a extremamente importante do ponto de vista comercial para a região da Macedônia. Consequentemente, foram desenvolvidas diversas rotas comerciais e militares; com destaque a Via Egnácia — estrada construída pelo Império Romano para a interligação das províncias da Macedônia, do Ilírico e da Trácia.

Ainda sobre as informações geográficas de Tessalônica, informa-nos Claro:

A par desta privilegiada localização, o mérito de Tessalônica era potenciado pela excelência de recursos naturais de toda a província: solos férteis e suficientemente irrigados, que aliados a épocas estivais quentes e inverniais severas, favorecia o cultivo de grão e frutos continentais, bem como proporcionava pastagens abundantes aptas à atividade pastoril. Em volta da cidade, as montanhas ofereciam a madeira necessária à edificação de habitações e à construção de embarcações. Não seria de estranhar que a atividade pesqueira tivesse larga predominância dada a localização na orla costeira e a presença de rios e lagos por toda a província. O subsolo oferecia a exploração de minerais nobres como o ouro, a prata e o cobre, bem como o ferro e o chumbo. (CLARO, 2017, 11 e 12.)

Na tentativa de desvincular-se do poder de Roma, a província da Macedônia como um todo se revoltou contra Roma em três episódios distintos (214–205 a.C; 200–197 a.C; e 171–168 a.C), sendo subjugada todas as vezes. Com as reformulações implantadas para manutenção da política imperialista de Roma, Tessalônica passou a ser a capital da província da Macedônia a partir de 146 a.C. A partir de 42 d.C., Tessalônica torna-se sede de residência do procônsul romano, ganhando, assim, *status* de cidade-livre sem nunca,

todavia, ser de fato.

Sobre a população tessalonicense, Trimaille e Darrical defendem que:

A população de Tessalônica não era homogênea, a colonização romana havia trazido famílias itálicas, juntaram-se também os orientais, atraídos pela esperança de fazer fortuna (sírios, egípcios e judeus). Paulo encontrou ali uma sinagoga, testemunho de uma melhor implantação judaica em Tessalônica que em outros lugares. [...] Esse caráter cosmopolita da população havia feito proliferar os cultos e as divindades. Várias inscrições que se conservaram nos antigos monumentos demonstram que ali se veneravam pelo menos vinte divindades. Convém recordar que [...] Dioniso era especialmente honrado em Tessalônica, o qual tem sua importância para situar certas exortações em 1 Ts, isto porque este culto cristalizava, mais que os outros, as esperanças de uma vida futura (cf 5.1-11). (TRIMAILLE, 1982, p.3,4)

Atualmente, Salônica, a moderna Tessalônica, é uma importante cidade grega, destacando-se como forte centro universitário e industrial.

Pensemos, então, pormenorizadamente, a partir desse ponto, sobre os aspectos gerais de cada uma das epístolas aos tessalonicenses, ressaltando as características em comum, mas também as especificidades de cada um dos textos.

## **1 Tessalonicenses — Paulo e os Tessalonicenses: uma Peculiar Relação**

Neste momento introdutório, dentre as várias análises possíveis de serem feitas com relação à *1 Tessalonicenses*, optar-se-á por concentrar-se num aspecto referente à obra: o relacionamento entre Paulo e aquela comunidade. Como se demonstrará ao longo deste comentário, apesar de não ter vivido um longo período de tempo naquela cidade — e, por isso, ter conseguido ampliar de maneira pormenorizada os laços com os tessalonicenses — Paulo nutria uma enorme consideração por aqueles irmãos.

Pode-se fundamentar tal afirmação a partir do seguinte argumento: tendo o

apóstolo já realizado sua primeira viagem missionária — onde visitou, pregou e fundou pelo menos seis comunidades cristãs, as quais foram fortalecidas ainda no retorno antes do fim da viagem — e tendo anunciado o evangelho em outras cidades já na segunda viagem missionária, é para Tessalônica que Paulo endereça sua primeira carta.

Como defende Trimaille (1982, p. 13), há, nesse momento do ministério paulino, uma forte ênfase na necessidade de vida em coletividade. Só há cristianismo em comunidade; daí, a necessidade de obter notícias daqueles irmãos e do andamento da vida de fé dos mesmos.

Durante a segunda viagem missionária de Paulo, especialmente durante sua estada na Macedônia, a qual se fez por meio de uma inequívoca revelação divina, estabeleceu-se — pelo menos, é o que entendemos por meio da narrativa de Lucas — uma lógica para a implantação de igrejas: a) Anúncio do evangelho; b) Fundação da igreja; c) Forte perseguição dos judeus; d) Saída abrupta. Essa “lógica” por ser exemplificada com os casos de Filipos, Tessalônica e Bereia.

Por tudo o que aconteceu na fundação da igreja em Tessalônica — perseguição, oposição, acusação —, o coração pastoral de Paulo preocupava-se enormemente com a possibilidade do fracasso espiritual daquela comunidade; porém, qual não foi a surpresa do apóstolo ao receber notícias de que aquela neófito comunidade ia bem. Nada, nem mesmo os problemas sociais ou as recentes heresias, conseguem calar a alegria de Paulo, a qual transborda em cada linha desta amistosa carta.

Assume-se, assim, uma chave hermenêutica para a leitura de *1 Tessalonicenses*, que advoga a experiência da fé mútua, da confiança em Deus, mas também uns nos outros, como elemento central desta análise. Concordamos com Marques quando ele afirma que:

Tendo em mente o profundo significado que a Morte e Ressurreição e Parusia de Cristo adquirem no Evangelho de Paulo, este estudo é uma leitura de 1Ts sob o viés

da confiança mútua entre os personagens por ela envolvidos. É pela confiança em Paulo, Silvano e Timóteo que os tessalonicenses confiam primeiro no Deus vivo e Verdadeiro em quem eles creem e a quem confiam suas existências. Neste Deus Vivo e Verdadeiro os tessalonicenses passam a crer com convicção a ponto de abandonarem seus ídolos (1Ts 1,9), e mais ainda, creem no Senhor Jesus, que em sua Parusia virá libertá-los da ira futura do juízo final (1Ts 1,10). O comprometimento dos tessalonicenses com o Deus Vivo e Verdadeiro não poderia acontecer antes que os tessalonicenses tivessem conhecido Paulo e seus colaboradores, Silvano e Timóteo. Os tessalonicenses observaram seus evangelizadores: eles eram modelos de uma confiança inabalável em Deus. Por outro lado, Deus mesmo mostrava sua confiança em Paulo e seus auxiliares, porque por meio deles Deus realizou uma obra que homem algum realizara antes em favor dos tessalonicenses. Por fim, convertidos, os tessalonicenses imitam seus evangelizadores e se tornam, também eles, evangelizadores da Macedônia e da Acaia (1Ts 1,4-10). (MARQUES, 2009, p. 15,16)

*1 Tessalonicenses* não é um texto institucional, burocrático-religioso; esta primeva Escritura é uma manifestação histórico-cultural da simplicidade do evangelho que se vivia naquele contexto de cristianismo primitivo. A espontaneidade com que Paulo dirige-se àquela comunidade identifica com clareza a natureza desinstitucionalizada das relações cristãs em Tessalônica. Para alguns, como defende Luckensmeyer (2009, p.1) e Claro (2017), por exemplo, isso seria o resultado de uma forte influência da filosofia helenística em *1 Tessalonicenses*, o que não é tão evidente em outras epístolas paulinas que são posteriores, tanto pelo contexto histórico como pelas evidências textuais. Segundo essa hipótese, a necessidade de cuidado e proximidade de Paulo com aqueles irmãos justificou-se pela necessidade de superar uma série de práticas idólatras que estavam diretamente associadas a vivências do cotidiano da comunidade.

Um exemplo clássico da relação entre o cuidado de Paulo com os tessalonicenses e a questão da cultura helenística pode ser identificado na reticente abordagem da questão da ressurreição. Diante da variedade de

cultos a divindades, entre os quais ao egípcio Osíris e ao grego Dioniso, a questão da ressurreição necessitava ser apregoadá a partir de uma perspectiva cristã — inclusive para superar o materialismo estoico e o indiferentismo epicureu, que predominava entre os atenienses ali bem próximo de Tessalônica.

Por isso, Claro defende que:

[...] na comunidade de Tessalônica, a principal questão que suscitava interpelação e dúvida não era tanto como seriam ressuscitados os cristãos, mas fundamentalmente, como os vivos e os mortos tomariam parte no evento escatológico. Por sua vez, Paulo não pretende explicar a transformação dos corpos dos cristãos operada por tal evento (cf. 1Cor 15, 51-52; Fl 3, 20-21), antes a sequência dos momentos escatológicos, de forma a elucidar que os mortos ressuscitarão em primeiro lugar de maneira a tomarem parte da *parusia* de Cristo. (CLARO, 2017, p. 83)

As dúvidas dos tessalonicenses, segundo essa argumentação, não se concentravam no conceito da ressurreição — diferentemente daquilo que Paulo enfrentará em Atenas —, mas na maneira como se dará o Dia do Senhor. Acreditar que mortos reviveriam era algo presente no mundo religioso dos tessalonicenses, mas eles não compreendiam como se daria o encontro de vivos e mortos no mesmo lugar. Percebe-se, assim, que, por meio de uma estratégia de evangelização que partiu de elementos próprios da cultura do povo, Paulo anuncia a genuína Boa-Nova aos tessalonicenses.

## **2 Tessalonicenses — A Polêmica da Autenticidade**

Assim como se fez com relação à primeira epístola, a título de apresentação de 2 *Tessalonicenses*, eleger-se-á uma temática para aqui ser apresentada e debatida, a despeito de várias outras poderem receber o mesmo trato. O debate sobre a suspeita de uma condição deuteropaulina para este texto demonstra-se como uma questão de destaque e relevância.

A centralidade dos argumentos a favor da compreensão de 2

*Tessalonicenses* como um texto não paulino concentra-se especialmente com relação ao trato da questão sobre as últimas coisas. Para esses pesquisadores, existe uma discrepância insustentável entre a abordagem escatológica de *1 e 2 Tessalonicenses*. O contraste central com relação à escatologia dessas duas epístolas dá-se em virtude de uma visão da *parusia* como algo repentino e imediato em *1 Tessalonicenses*, porém processual e distante em *2 Tessalonicenses*.

Um modo simples de propor uma solução para essas supostas divergências é analisar a problemática escatológica a partir de dois prismas contextuais específicos: enquanto em *1 Ts* Paulo está envolvido num processo de confirmação e fortalecimento à distância da fé dos tessalonicenses — algo que, na primeira viagem missionária, foi feito no retorno às cidades quando da volta, mas aqui não foi possível em virtude das inúmeras situações adversas —, em *2 Ts*, Paulo está fazendo uma conexão entre ética e escatologia, mais propriamente uma apresentação daquilo que seria uma ética da provisoriedade.

Ora, o caráter provisório de nossa vida, em virtude da *parusia* de Cristo, não pode prescindir de uma profunda fundamentação ética. Cristo vai voltar, mas isso não deve ser pretexto para uma vida pessoal desorganizada; na verdade, há uma série de acontecimentos que envolvem o retorno de Cristo; logo, é necessário termos uma vida eticamente séria. Se assim compreendermos os dois objetivos diferentes de Paulo ao falar sobre as últimas coisas, as supostas contradições serão facilmente diluídas.

Sigamos, então, nas páginas a seguir, em uma análise capítulo a capítulo destas duas preciosas cartas paulinas.

## **Bibliografia**

CLARO, Francisco Eloi Martinho Prior. *Marcas helenistas na Primeira Carta de São Paulo aos Tessalonicenses*. A inculturação no primeiro escrito



- bíblico cristão. Dissertação (Mestrado em Teologia). Porto, 2017. 116f.
- CULLMANN, Oscar. *A formação do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal e EST, 2015.
- LUCKENSMeyer, David. *The Eschatology of First Thessalonians*. Göttingen: Vandenhoeck&Ruprecht, 2009.
- MARQUES, V. *Paulo em Tessalônica: o relacionamento de confiança mútua na fundação da Igreja*. Perspectiva Teológica. Belo Horizonte, v. XLI, p. 09-37, 2009.
- MOURA, Valmir Nascimento de. *Protoevangelho de Tiago: um estudo sobre crenças “alternativas” nos primeiros séculos da era cristã*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). João Pessoa, 2013. 132f.
- TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento sua origem e análise*. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.
- TRIMAILLE, Michel. *La primera carta a los tessalonicenses*. Estella: Editorial Verbo Divino, 1982.

- 
- <sup>1</sup> O reconhecimento da canonicidade dos textos do Novo Testamento foi um processo que ocorreu de forma lenta, majoritariamente entre os séculos II e IV d.C, como uma forma de preservar o cristianismo de uma série de perniciosas heresias que se disseminavam no seio da Igreja. Assim, o reconhecimento canônico dos textos ocorreu como uma consequência do caráter autoritativo que estes já possuíam entre as comunidades cristãs. O cânone de Marcião de Sínope e o muratoriano são exemplos de antigas listas que buscavam elencar a literatura cristã primitiva que deveria ser reconhecida com valor de Escritura Sagrada. Já no século XVI, durante o Concílio de Trento — como uma reação institucionalmente organizada da Igreja Católica contra os efeitos da Reforma Protestante —, uma lista de livros canônicos será oficialmente *apresentada*.
- <sup>2</sup> Para ser considerado canônico, o texto teria de ser de autoria apostólica, estar compatível com os ensinamentos apostólicos e ter autoridade apostólica. Percebe-se, assim, um comprometimento com uma tradição apostólica, com o intuito óbvio de referendar comunitariamente a veracidade de um determinado escrito.

<sup>3</sup> É necessário registrar que esta era filha de Filipe II (382 a.C.–336 a.C.), rei da macedônia, e meia-irmã de Alexandre Magno (356 a.C.–323 a.C.) mais conhecido como Alexandre, o Grande.

## Capítulo 2



# A Alegria pela Nova Vida em Cristo

## Introdução

O capítulo inicial de 1 Tessalonicenses pode ser naturalmente subdividido em três temáticas centrais: 1) Palavras de gratidão de Paulo. Gratidão pela vida dos cristãos em Tessalônica, pela preservação da fé destes, mesmo em meio a uma situação adversa complexa, e pelo desenvolvimento espiritual

daqueles irmãos; 2) Um emocionado testemunho do apóstolo sobre a fé contagiante dos tessalonicenses. O cristianismo apregoado por Paulo e praticado pelos tessalonicenses constituiu-se como o fundamento de uma prática de vida restaurada e inspiradora; e 3) Uma síntese daquilo que Paulo compreende como natureza, desenvolvimento e finalidade do evangelho. Ao final desse primeiro capítulo de 1 Tessalonicenses, o apóstolo apresenta os elementos constitutivos do evangelho que se tornou fundamento de fé para aqueles cristãos. Analisemos, assim, pormenorizadamente, cada um desses aspectos do capítulo introdutório da epístola.

## **O Cristianismo como Amor Fraternal: A Saudade de Paulo e dos Tessalonicenses**

Há uma característica no ministério paulino que, já aqui no seu primeiro texto epistolar, sobressai-se de maneira bastante destacada: Paulo é muito mais que um pregador itinerante — figura tão comum no ambiente religioso daquela época, muito em função de uma compreensão apocalíptica daquele contexto histórico que influenciava, inclusive, o judaísmo da época<sup>4</sup> —, ele era um plantador de igrejas, um pastor.<sup>5</sup>

O comprometimento de alguém com tal vocação com as pessoas para quem o evangelho é anunciado é algo muito forte. Não basta apregoar, não é suficiente demonstrar a razoabilidade do discurso que se anuncia; é necessário mais. O comprometimento de Paulo com as comunidades que pastoreou e, em especial, Tessalônica, por ser objeto de nossa análise, envolve dedicação pessoal, atenção, acompanhamento, mentoria — em suma, discipulado.

O cristianismo que Paulo apregoa àqueles irmãos não teria sentido algum se não fosse vivenciado em práticas efetivas, que resultassem em efeitos reais tanto na vida dos cristãos em Tessalônica como do próprio apóstolo. É por isso que as epístolas aos tessalonicenses podem ser lidas a partir de conceitos como, por exemplo, o anelo pela vida em comunidade ou a confiança mútua

que foi estabelecida nos vários tipos e níveis de relacionamentos que são identificados nos textos — Deus para com Paulo/Paulo para com Deus; Paulo para com os membros de sua equipe missionária (Silvano e Timóteo)/Os auxiliares de Paulo e o apóstolo; Deus e os tessalonicenses/Os tessalonicenses e Deus; Paulo e os tessalonicenses/os tessalonicenses e Paulo; os tessalonicenses e os auxiliares de Paulo/Os auxiliares de Paulo e os Tessalonicenses.

É bem verdade, como veremos capítulos a frente, que alguns relacionamentos não estavam desenvolvendo-se bem em Tessalônica; todavia, esse detalhe aponta, inclusive, para a centralidade dos conceitos de comunhão, comunidade e fé mútua nas epístolas aos Tessalonicenses.

Paulo, ao referir-se a elementos básicos da fé compartilhada com os tessalonicenses, utiliza-se exaustivamente do plural — não porque esteja em busca de autogloriar-se por meio do uso de um plural majestático —, pois, em Tessalônica, a experiência primitiva de Atos 2.44-46 estava sendo novamente vivida.

Entre os tessalonicenses, Jesus Cristo é nosso — nunca egoisticamente meu (1 Ts 1.3; 2.19; 3.11,13; 5.9,23,28); o Deus adorado também é de todos — bem diferente das divindades mistericas da religião greco-romana (2.2; 3.9,11,13); o evangelho não é objeto de posse exclusiva de ninguém e também é nosso (1.5); depois de anunciado o evangelho, a salvação iguala a todos; por isso, Paulo pode falar sobre verdades espirituais sempre no plural (5.5,8,10); o trabalho realizado para o Reino é de uma equipe para uma coletividade, jamais apenas de um indivíduo para outro indivíduo (2.13; 3.5); o maravilhoso resultado espiritual obtido nunca é propriedade de alguém, mas sempre um bem da comunidade (2.19,20); até os acontecimentos escatológicos que a Igreja presenciara serão numa vivência coletiva (4.15).

Paulo lembrava-se do esforço amoroso — “τοῦ κόπου τῆς ἀγάπης” — que havia entre os tessalonicenses (1.3). Ele era sofredor e estava disposto a enfrentar os

revezes da vida para testemunhar o novo que Deus estava trazendo àquela comunidade. Não é possível seguir a Deus sem a consciência de que, diante das situações adversas, devemos vencer mediante o amor de Deus derramado em nossos corações.

Deve-se notar que, em 1 Tessalonicenses 1.3, tem-se a primeira menção das três virtudes teologais — fé, esperança e amor —, tão comuns nos textos paulinos. Sobre a tradução e interpretação desse versículo, o mesmo Hendriksen traz-nos um extenso, porém enriquecedor comentário:

As principais teorias estão melhor representadas pelas várias traduções que têm sido sugeridas, das quais, apresentamos três:

“Lembrando sem cessar” (ou outra frase semelhante):

(1) “sua obra de fé

E labor de amor

E paciência de esperança.”

Rejeita-se esta tradução pela simples razão de fazer pouco ou nenhum sentido. O que é mesmo uma “paciência de esperança”?

(2) “sua obra, isto é, fé

E labor, isto é, amor

E paciência, isto é, esperança.”

Além de haver objeções doutrinárias, rejeitamos esta porque, embora seja gramaticalmente possível, dificilmente pode ser julgada fiel à ênfase paulina. Também, o conceito “paciência, isto é, esperança”, é difícil.

(3) “sua fé atuante

E amor diligente

E esperança tenaz.”

Mas a ênfase aqui é colocada onde não deveria estar, pelo original. As palavras enfatizadas no original não são a fé, o amor e a esperança, e sim, trabalho, esforço (ou labor) e firmeza. A nosso ver, a construção gramatical da locução é a seguinte: Os substantivos “operosidade, diligência e firmeza” estão no genitivo objetivo e servem para completar o verbo “tendo em mente”. Portanto, a palavra sua modifica as três: sua operosidade, sua diligência, sua firmeza. Cada um desses substantivos

tem um modificador no genitivo (sentido de posse). A ideia aqui é que a obra é decididamente uma obra de fé, isto é, uma obra que surge da fé, é realizada pela fé e revela fé. Não fosse a presença da fé viva, essa obra não estaria em evidência. E assim ocorre com os outros modificadores: o esforço é motivado pelo amor (e revela) amor: e a firmeza é inspirada pela esperança (e evidencia) esperança. (HENDRIKSEN, 2008, p.60)

Defendendo uma compreensão oposta a de Hendriksen, Staab afirma que:

Os primeiros frutos [dos tessalonicenses] são a fé, o amor e a esperança, que, entre os fiéis de Tessalônica, não são apenas um sentimento interior, senão uma força que penetra e preenche inteiramente suas vidas. Paulo fala da “atividade” da fé, do “esforço” do amor e da “constância” da esperança. Três termos que expressam certa gradação ascendente, como a que se dá entre as três virtudes mencionadas. A fé não chega a converter-se em força ativa senão pelo amor (Gl 5.6), e este não alcança seu fim próprio enquanto a esperança não tenha a suficiente vitalidade para poder traduzir-se em constância, resignação e confiança. (STAAB, p. 23)

Os argumentos de Staab parecem-nos mais coerentes como possibilidade de tradução e compreensão hermenêutica do que os de Hendriksen, em face de sua maior integralidade com aquilo que seria um pensamento paulino como um todo. Como se dará nos outros textos de Paulo, em que as três virtudes aparecem juntas, a ênfase conceitual dá-se nestas; sendo que as expressões adjuntas servem para qualificá-las.

A hipótese interpretativa de Staab assemelha-se muito a de Tomás de Aquino (1225–74) (2015, p.34), que, em seu comentário às epístolas aos tessalonicenses, argumenta que Paulo vê na igreja em Tessalônica uma fé operosa, um amor sofredor e uma esperança constante.

Duas naturais contra-argumentações que se podem apresentar a essa hipótese é a de que, em 1 Tessalonicenses, o pensamento paulino ainda está em contínua construção; logo, relacionar o que se afirma nesse momento do

ministério de Paulo com todo o *corpus paulinum* seria uma inferência impossível de sustentar. Outro argumento, um tanto quanto mais radical, porém não menos plausível para alguns especialistas, é a defesa de que todo esforço de sistematização do pensamento de Paulo é uma operação completamente artificial, uma vez que cada texto tem seu contexto específico e natureza própria, não podendo, assim, haver qualquer tipo de hierarquização, interpolação conceitual ou mesmo qualquer tipo de apropriação semântica intertextual entre os textos paulinos contidos no Novo Testamento.<sup>6</sup>

## **Os Tessalonicenses como Imitadores de Paulo e Exemplo dos Fiéis**

Este caráter positivo do elemento mimético, imitativo, do cristianismo é um conceito extraído da cultura helênica e, depois, ressignificado por Paulo.<sup>7</sup> A imitação entre os gregos e romanos tinha uma natureza absolutamente limitada, circunscrita apenas ao entretenimento ou a não criticidade. É por isso que, na Antiguidade greco-romana, há um esforço para separar a produção de conhecimento que se propaga por meio da imitação daquela que se fundamenta na reflexão.<sup>8</sup>

O μιμητής, o imitador, é o ator que, de maneira representativa, finge ser quem ele não é. Tal natureza da mimesis pode ser exemplificada pelo uso obrigatório de máscaras nas encenações teatrais no mundo antigo. Dessa forma, o imitador, que também pode ser denominado no contexto helênico de “impostor”, é alguém que, diante da coletividade, simula uma *performance* social alheia a sua, um padrão comportamental alternativo ao que, de fato, ele advoga; enfim, ele utiliza-se de máscaras para esconder quem, de fato, ele é.

Para Paulo, entretanto, a natureza mimética do discipulado tem uma finalidade completamente diferente, uma vez que o objetivo da imitação em sua concepção evangelística é conduzir os novos cristãos a um nível de espiritualidade que transcenda a simples adesão intelectual e atinja uma



práxis transformadora da realidade. Nas palavras de Claro:

Em Paulo, não existe uma separação entre o Evangelho que proclama e a sua própria vida, oferecendo-se como paradigma a seguir para os Tessalonicenses. Como por exemplo, tal como ele, eles devem ganhar a sua própria vida (cf. 1 Ts 2,9; 4,10-12;5,14). A imitação está por isso estreitamente ligada ao acolhimento do Evangelho (1 Ts 1, 6) e não redundava simplesmente na vontade de imitar, mas acontece nas ações, como adiante explicitará em 1 Ts 2, 14. Usando um estilo parenético, Paulo apresenta-se como paradigma, modelo moral a imitar, pois palavras e obras estão incindivelmente unidas... (CLARO, 2017, p.58)

Como se pode perceber, a *imitatio pauli* tem como objetivo comunicar aos tessalonicenses um padrão de vida que se identifique com Cristo — pois, se o Mestre sofreu e foi perseguido, não há como o destino dos discípulos ser diferente. Ao contrário do que os críticos contemporâneos pretendem afirmar, a imitação na teologia de Paulo é um exercício de “depotencialização”, por meio do qual cada cristão deve assumir sua natureza frágil em si mesma, porém restaurada e fortalecida pela graça de Deus Pai.

Na verdade, o padrão não é Paulo, mas Cristo (Ef 5.1). Ao invés de um discurso hierarquizante, por meio do qual o apóstolo pudesse ascender a um nível não acessível aos demais indivíduos, aqui em 1 Tessalonicenses — assim como em outros escritos paulinos —, encontramos um Paulo que se identifica com as pessoas, com seus sofrimentos e agruras cotidianas, convidando-as a um padrão de vida pautado na simplicidade, alegria e piedade a Deus.

### **O Testemunho de Paulo, a Conversão dos Tessalonicenses e a Esperança da Parusia**

A parte final dessa perícopes (1 Ts 1.2-10) termina com um resumo da operação do evangelho entre os tessalonicenses. Foi um movimento que apontou para o testemunho externo das cidades circunvizinhas, as convicções

internas da nova igreja que a levou a romper com a ordem idolátrica vigente e as promessas futuras oriundas do evangelho anunciado. Os versículos 9 e 10 subdividem-se assim, naturalmente, em três partes:

- a) **O testemunho da população de toda a Macedônia e Acaia sobre a eficácia da evangelização de Paulo e sua equipe entre os tessalonicenses.** Os acontecimentos em Tessalônica tornam-se notórios para além dos limites da própria cidade. A repercussão sobre os efeitos do poder transformador do evangelho comove as cidades circunvizinhas. Essa informação apresentada por Paulo corrobora a tese de que os acontecimentos entre os tessalonicenses foram divinamente guiados, a ponto de inspirar as igrejas vizinhas a manter o mesmo nível de perseverança e alegria no evangelho que aquela recém-fundada igreja desfrutava.
- b) **O testemunho de Paulo sobre como a conversão dos tessalonicenses foi algo genuíno.** Como já sabemos, o contexto cultural dos tessalonicenses expunha-os a um panteão, literalmente, de deuses; as várias opções de divindades e os cultos das mais diversas naturezas impunham-se como um elemento de obstáculo ao estabelecimento de uma fé genuinamente cristã. Todavia, a experiência de salvação dos tessalonicenses foi algo tão profundo que — tal como ocorreu com os efésios (ver At 19.19) — eles resolveram abandonar publicamente a idolatria e declarar exclusivamente Jesus como Senhor. A decisão dos tessalonicenses torna-se mais radical ainda quando lembramos que o culto ao imperador romano era uma prática corriqueira e quase que imposta naquela sociedade.

Como nos afirma Green:

Os tessalonicenses haviam abraçado o evangelho anti-imperial e estavam sofrendo por sua lealdade ao “outro rei” chamado “Jesus”. Em sua correspondência com eles Paulo chama a mensagem que lhes havia pregado de εὐαγγέλιον, palavra que comumente traduzimos por “boas novas” ou “evangelho”. Naquele contexto de

então este substantivo e verbo afim εὐαγγελίζομαι se usavam em referência a notícias de vitórias em guerras, as palavras de um oráculo ou as boas novas de uma boda. [...] Em Tessalônica, cidade que celebrava o poder imperial no seu templo dedicado a Júlio César e o “filho de deus” Augusto, εὐαγγέλιον soava nos ouvidos dos habitantes como as “boas novas” do culto imperial que exaltava o imperador como soberano, mas também como deus e salvador. (GREEN, 2007, p.10,11)

O rompimento dos tessalonicenses com a ordem religiosa vigente obviamente desencadeou uma série de perseguições sobre aquela jovem comunidade; porém, nem mesmo essa oposição popular e institucional que se arremeteu contra os tessalonicenses fizeram com que se desviassem do foco de servir ao Senhor Jesus apregoado por Paulo.

c) **O anúncio das promessas vindouras.** Diante da inspiradora experiência de fé dos tessalonicenses, Paulo anuncia a maravilhosa obra da salvação. De maneira sintética, porém extremamente rica, o apóstolo esclarece aos novos irmãos as verdades profundas acerca da salvação em Cristo, nas palavras de Marques:

Pela confiança em Deus e no Seu Filho, a perspectiva histórica dos tessalonicenses se muda: seu passado, presente e futuro se explicam pela adesão à fé. O passado dos ídolos não voltará mais, o presente é a doce experiência da profunda transformação que se alimenta pela caridade ensinada pelo mesmo Deus. E o futuro é aguardado com a serenidade de quem encontrará no juiz escatológico um Pai amoroso que recria, acalenta, exorta, encoraja e instrui para a perseverança final, tendo ao lado o Filho como advogado eficaz. (MARQUES, 2009, p. 37)

Já aqui no primeiro capítulo, a temática das últimas coisas começa a ser abordada. A promessa aqui anunciada é que a “ira futura” — compreendida como condenação eterna — não atingirá os filhos de Deus, ainda que a “ira presente”, que se manifesta por meio da violência e perseguição do império

romano, esteja assolando a igreja local.

A realidade dos tessalonicenses era muito dura; falsas promessas apenas angustiarão o coração daqueles irmãos já tão sofridos; era necessário tirar-lhes o foco da tribulação presente para lembrá-los do sacrifício de Cristo, já oferecido cerca de 20 ou 30 anos atrás no calvário, e apontar-lhes o futuro de eterna paz que os espera na glória vindoura.

Diante das múltiplas temáticas presentes neste primeiro capítulo, pode-se perceber a riqueza do texto paulino, que consegue ser simultaneamente simples e animador em sua leitura, porém profundo e brilhante.

## Bibliografia

CLARO, Francisco Eloi Martinho Prior. *Marcas helenistas na Primeira Carta de São Paulo aos Tessalonicenses: A inculturação no primeiro escrito bíblico cristão*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Porto, 2017. 116f.

HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: 1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemom*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

GREEN, E. *La muerte y el poder del Imperio — 1 Tesalonicenses 4:13-18*. Kairós. N° 40, Jan-Jun, 2007.

LUCKENSMAYER, David. *The eschatology of first Thessalonians*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2009.

MARQUES, V. *Paulo em Tessalônica: o relacionamento de confiança mútua na fundação da Igreja*. Perspectiva Teológica. Belo Horizonte, v. XLI, p. 09-37, 2009.

MOURA, Valmir Nascimento de. *Protoevangelho de Tiago: um estudo sobre crenças “alternativas” nos primeiros séculos da era cristã*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). João Pessoa, 2013. 132f.

SOUZA, J. D. *O Movimento Apocalíptico em seu Contexto Sociopolítico e Histórico*. Sacrelegens (UFJF), v. 9, p. 143-152, 2012

STAAB, K. *Cartas a los Tesalonicenses*. Barcelona: Editora Herder, 1974.

TRIMAILLE, Michel. *La primera carta a los tessalonicenses*. Estella: Editorial Verbo Divino: 1982.

THISELTON, Anthony C. *1 & 2 Thessalonians. through the centuries*. Blackwell Bible commentaries. West Sussex-UK: Wiley-blackwell, 2011.

---

<sup>4</sup> Vide, SOUZA, 2012, p.149,150.

<sup>5</sup> Conforme Thiselton (2011, p.24), essa característica marcante do ministério de Paulo pode justificar todo o cuidado e alegria para com aquela comunidade.

<sup>6</sup> Essa é a hipótese defendida por Marques (2009, p.12), assim como por teólogos como Alain Gignac (1996), Carriker (2000), dentre outros.

<sup>7</sup> É claro que, para alguns críticos, como aponta Thiselton (2011, p.25), essa apropriação paulina do termo μιμέομαι (imitar), que, aqui em 1 Tessalonicenses, é apresentada como uma prática de exercício de poder, em outros contextos, ela será parte de uma exortação a ser seguida de modo imperativo (1 Co 4.16; Fp 3.17; II Ts 3.9). Dentre os autores que apresentam essa crítica ao modelo imitativo de liderança de Paulo, estão CASTELLI, E. A. *Imitating Paul: A Discourse of Power*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1991; e BURKE, T. J. *Family Matters: A Socio-Historical Study of Kinship. Metaphors in 1 Thessalonians*. New York: T&T Clark International, 2003.

<sup>8</sup> Deve-se ressaltar, todavia, que, quanto ao aspecto da religiosidade greco-romana, há registros de orientações de caráter mimético extremamente similares às de Paulo. Vide PLUTARCO. *Obras Morais de Costumes*; e EPITETO. *Fragmentos*.

## Capítulo 3



# O Fruto de um Trabalho Zeloso

## Introdução

**P**aulo inicia o segundo capítulo de sua primeira epístola aos tessalonicenses destacando a natureza abnegada de seu ministério entre aqueles irmãos. Mais que um autoelogio narcisista, essa apologia paulina ao seu ministério pessoal — atitude que ele também toma ao escrever para outras igrejas (2 Co 12.11-21; Gl 6.14-18) — é um registro

histórico do modelo inspirativo de ministro no cristianismo primitivo. Mesmo tendo vivenciado uma experiência extremamente traumática em Filipos (acusação de perturbação pública, prisão, açoite, detenção inapropriada, etc.), o apóstolo persistiu na obediência à visão que Deus concedera a ele (At 16.9) e iniciou a evangelização em Tessalônica.

Não era ganância ou benefícios pessoais que moviam o coração de Paulo para a realização desse serviço ao Reino de Deus, e sim o amor às pessoas e a confiança de que o Senhor que vocaciona também é o que supre todas as necessidades daquele que se dedica liberalmente à obra.

Compreender como se deu esse processo de evangelização, quais os fundamentos da mensagem anunciada por Paulo entre os tessalonicenses e, principalmente, qual o comportamento adotado pelo apóstolo entre os habitantes daquela cidade serão os objetos de estudo para nossa discussão e reflexão neste capítulo.

## **O Esforço Pessoal de Paulo para Garantir a Evangelização dos Tessalonicenses**

Qual seria a reação normal de alguém que, seguindo uma intuição pessoal, ao iniciar um novo empreendimento, encontra de pronto um forte revés? Logicamente, desistir. É por isso que tantas empresas fecham nos seus três primeiros anos de funcionamento; muitas pessoas abandonam a faculdade ainda no primeiro ano estudo. Entretanto, é isso que se esperaria de um missionário que, logo no início de sua atuação evangelística num território desconhecido, tivesse enfrentado cárcere, perseguição e tortura? Segundo uma avaliação humana, sim; talvez, alguém ainda dissesse: “Essa missão não era de Deus!” ou “A vocação desse missionário acaba de ser desqualificada!”.

Deve-se esclarecer, no entanto, que, em primeiro lugar, Paulo não seguia um pressentimento pessoal; sua ida à Macedônia fora resultado de uma orientação divina (At 16.9). Ora, a obediência à vocação divina não nos isenta dos sofrimentos da vida. Deve-se lembrar, inclusive, que a ida de Paulo

àquela região tinha como objetivo auxiliar os irmãos que, segundo a visão divina, passavam por dificuldades e necessitavam de ajuda.

Sobre o entendimento acerca do sofrimento paulino registrado nas suas epístolas e, especialmente neste caso, aos tessalonicenses, afirma-nos Barreira:

Por isso, a melhor maneira de se esperar a *parusía* é uma fé que não pretende dar conta de realidades objetivas e “a-históricas”, ou mesmo de uma fé de imperativos éticos, pois, em ambos os casos, nega-se o caráter histórico da revelação e se produz uma forma de idolatria (Vattimo, 2004, p. 110-112). Paulo associa seu destino soteriológico ao destino dos tessalonicenses (1 Ts 2, 20). Os sentidos da pregação de Paulo, como sua própria salvação, ancoram-se no testemunho de que estes derem até a *parusía*. [...] Na carta aos Tessalonicenses, de acordo com Gesché, a tribulação e o sofrimento da experiência cristã vinculam-se ao destino soteriológico (1 Ts 2, 12; Rm 8, 17; 8,18; Cl 3,4). Este autor também esclarece que a precariedade existencial associa-se à experiência de filiação ao Pai, filiação que, na carta aos Romanos, é o grande mistério revelado e oculto desde toda a eternidade (Rm 3, 21-22 Rm 16, 25-26; ver Cl 1, 26; 2 Tm 1, 10; Tt 1, 3 e 2, 11). (BARREIRA, 2008, 261-262)

Soteriologia e Escatologia estão imbricadas por meio da temática do sofrimento no pensamento de Paulo apresentado aos tessalonicenses. Ao entender-se a dor humana — muito mais complexa no seu aspecto existencial-fundante do que no físico-circunstancial — por meio desses prismas, altera-se qualquer análise valorativa sobre uma suposta negatividade do sofrimento e vislumbra-se uma rica positividade nesse contexto.

A Bíblia está repleta de exemplos de pessoas que, mesmo no cumprimento da perfeita vontade de Deus, tiveram que passar por momentos angustiantes. O próprio Jesus é o perfeito exemplo sobre essa questão. O seu sofrimento em vários níveis (intenso, contínuo, episódico) e tipos (emocional, físico, espiritual) era um dos elementos inevitáveis no curso do pleno cumprimento



do plano de Deus.

Sobre essa relação entre o cristão, Cristo e o sofrimento, declara-nos Dietrich Bonhoeffer:

Ser cristão não significa ser religioso de uma determinada maneira, tornar-se alguém (um pecador, um penitente ou um santo) com base em alguma metodologia, mas significa ser pessoa; Cristo não cria em nós um tipo de ser humano, mas o próprio ser humano. Não é o ato religioso que produz o cristão, mas a participação no sofrimento de Deus na vida mundana. Esta é a *metanoia*: não pensar primeiro nas próprias necessidades ou aflições, perguntas, pecados e medos, mas deixar-se arrastar para o caminho de Jesus, para dentro do evento messiânico... (BONHOEFFER, 2003, p.489)

Como bem argumenta o teólogo alemão, o sofrimento não é uma opção para o verdadeiro cristão, mas, antes, um fundamento condicionante de sua fé em Cristo Jesus. Não há Cristo sem cruz, assim como não há cristão sem o Cristo crucificado, e muito menos cristão sem a vivência existencial de Mateus 16.24.

No momento da dor, naturalmente, não conseguimos avaliar qualquer aspecto positivo nas tormentas da vida; contudo, após a vivência e superação de tais problemas, segundo a graça constante que nos concede Deus, somos capazes de reavaliar os acontecimentos e identificar a ação de Deus em tudo o que envolve nossa vida. É o que nos afirma os autores dos Salmos 118.18; 119.71, por exemplo; tal compreensão não está acessível a todos os indivíduos, mas apenas àqueles que, tendo sido provados, atravessam o processo avaliativo com louvor, isto é, são aprovados. Pois, após todo esse encadeamento de acontecimentos, certamente se colherão os devidos prêmios de tal amadurecimento (Tg 1.12). Tal tipo de contexto situacional é o que alguns comentadores chamarão de “sofrimento educativo”. A dor, a angústia e o medo — avaliados de modo bruto, apenas em si — são extremamente negativos; todavia, ao serem devidamente contextualizados e imersos num

conjunto de acontecimentos patrocinados pela misericórdia de Deus, tornam-se absolutamente pedagógicos. Esta parece ser a virtude paulina a ser elogiada nesse contexto: a visão de conjunto (Rm 8.28).

Não foram as adversidades de Filipos que desestimularam Paulo, muito menos a intolerante recepção em Tessalônica. O apóstolo continuava firme e empolgado com a orientação dada por Deus.

### **Uma Prática Ministerial Centrada em Cristo nunca É Infrutífera**

Diante desse quadro de adversidades que se estabeleceu, Paulo fez questão de registrar que sua ida aos tessalonicenses não foi em vão. Mais uma vez, se a análise da situação for feita a partir de elementos humanos, os resultados da viagem da equipe missionária à Tessalônica foram pífios e inúteis: a presença apostólica na cidade foi de apenas alguns meses — talvez, meramente, de semanas; não houve tempo para a consolidação da fé daqueles irmãos, além de restarem numerosas dúvidas no processo do discipulado, etc.

A avaliação, contudo, deve ser feita segundo o critério da fé. Por isso, os instrumentos de mensuração e classificação são completamente outros; desse modo, Paulo pode alegremente afirmar para aqueles irmãos: a presença entre os tessalonicenses não foi inútil (v. 1). Conforme nos declara Glubish:

... [*kenos*]. Onde quer que Paulo ministrasse, não importando aquilo que fizesse, tudo deveria ser avaliado de acordo com uma medida de serviço: Trabalhei arduamente para Jesus? Fui fiel? Cumpri o meu dever? Como um servo obediente de Cristo, trabalhou com todo o seu coração (Cl 3-23). Os convertidos foram o fruto de seu trabalho, que provou que ele não correu nem labutou em vão [*kenos*] (Fp 2.16). Paulo está confiante no sucesso de sua visita a Tessalônica... (GLUBISH, 2006, p. 1372)

Elege-se o serviço como instrumento de medida ministerial. Segundo tal critério, o apóstolo pode ficar confortável quanto a sua avaliação, pois, sabendo ele o quanto se doou, sua auto-avaliação ocorrerá de modo mais

claro e objetivo. Quando se trata da apreciação sobre determinado conjunto de ações ministeriais, os resultados quantificáveis são, na maior parte dos casos, menos relevantes que a repercussão espiritual, não enumerável, do que se realizou.

Se os inimigos da sinagoga judaica estabelecida em Tessalônica tinham dúvidas sobre o que estava sendo feito por intermédio de Paulo e de sua equipe ministerial, não se estabeleceu nenhuma incerteza no coração do apóstolo, mas, antes, uma pacificadora convicção de que aquilo que poderia ser feito — segundo as limitações daquele contexto — foi realizado. Em Cristo, nada que fazemos é em vão.

### **As Diferenças Litúrgicas entre o Evangelho e a Religiosidade Pagã dos Tessalonicenses**

A natureza da mensagem paulina em Tessalônica é eminentemente missionária. Há o uso de expressões como *λαλέω* (*falar*) em 1 Ts 1.8; 2.2,4,8, *κηρύσσω* (*anunciar*) em 1 Ts 2.9 e *παρακαλέω* (*exortar*) em 1 Ts 2.12; 3.2-7; 4.10. Pode-se, assim, comparar a essência kerigmática da missão paulina entre os tessalonicenses com a ambição monetária que alguns falsos pregadores já demonstravam em pleno nascedouro da Igreja Primitiva. É contra tais falsos obreiros que Paulo compara-se ao declarar que anunciou o evangelho entre aqueles irmãos sem engano, imundícia ou fraudulência (v. 3) e também sem bajulação ou pretensão gananciosa (v. 5).

O termo que Paulo utiliza em 1 Ts 2.3, que, em língua portuguesa, é geralmente traduzido por imundícia ou impureza, é *ἀκαθαρσία*. Na cultura politeísta helenista daquele contexto histórico, *ἀκαθαρσία* tem um uso técnico, referindo-se ao estado daqueles que necessitavam de purificação. No orfismo, havia a tradição de um culto que fazia referência ao sacrifício e morte de Dioniso, bem como sua ressurreição, os quais serviriam como atos de *kátharsis* (purificação) para a alma e o corpo dos indivíduos.

É, provavelmente, numa referência a essas categorias religiosas tão próprias

da cultura dos tessalonicenses que Paulo faz uso desse conceito amplamente utilizado nas religiões mistéricas do mundo greco-romano, para apresentá-lhes um modelo de culto que os libertasse de todo o comprometimento sexual que o culto a Dioniso exigia. Como nos informa Claro:

... as festas rústicas ou Dionísias rurais, pautadas pelas diversões, pelo sacrifício de touros e cabras, e ainda pelas faloforias, ou seja, cortejos rituais com a representação de um falo; e o festival *Katagogia* ou grande *Dionysia*, que continha também as procissões fálicas, os ditirambos e as performances dramáticas com uma forte atmosfera sexualizada. Vemos assim, como Dionísio é reverenciado como o deus da natureza, da fertilidade, do prazer (vinho, festa, erotismo, etc.), num culto com capacidades para fazer esquecer os males presentes e transcender para lá deste mundo, através das danças, do consumo de álcool, dos êxtases, e das práticas sexuais libertinas, bem como embrenhava-se pelas questões da morte e da vida futura. (CLARO, 2017, p. 25)

Ao contrário daquilo apenas prometido pelas sacerdotisas de Dioniso, Paulo apregoava um evangelho de purificação da alma e do corpo dos indivíduos, mas que os permitissem apropriarem-se de seus corpos com as devidas honras que estes mereciam. Algo bem diferente das escandalosas procissões fálicas e cultos sexuais promovidos, até então, em Tessalônica.

Há, ainda, outro aspecto relevante que o apóstolo faz questão de apresentar para diferenciar-se dos falsos profetas que já se introduziam naquela comunidade. A transmissão das verdades do Reino foi feita sem segundas intenções. Diferentemente de determinados contemporâneos seus, Paulo anunciava as palavras de Jesus sem a expectativa de um “retorno financeiro”. Não havia bajulação ou charlatanismo na mensagem apostólica (v. 5).

Além de suas próprias consciências e corações que estavam diante de Deus, Paulo e sua equipe dispunham ainda do unânime testemunho dos tessalonicenses que referendavam uma postura não mercenária e não ambiciosa. Paulo não fora a Macedônia para entesourar riquezas humanas;

não era seu objetivo fazer um “pé-de-meia” para sua vida apostólica. O evangelho foi anunciado sem ganância ou bajulação, tendo Deus como testemunha.

A crítica contemporânea ao conjunto de indivíduos que insistem no enriquecimento por meio da espiritualidade cristã apresenta-se, na verdade, como um eco da denúncia paulina já no primeiro século. Ambição financeira e avidez por lucro são posturas que acompanham há muito o cristianismo.

Sobre essa postura de Paulo com relação à necessidade de pureza na pregação do evangelho e comprometimento pessoal com o trabalho individual, defende Barbosa:

Naquela época trabalho árduo não era para pessoas livres e, estes, ressaltava-se não trabalhavam. E é essa ideologia que sustentava o sistema escravagista, pois as pessoas livres que significava uma minoria, não trabalhavam e viviam às custas do trabalhador, do escravo, que representavam a maioria. É essa ideologia de que o Apóstolo Paulo condena... (BARBOSA, 2014, p.408)

É por isso que, seguindo tais pressupostos práticos, Paulo pôde testemunhar que jamais foi preguiçoso ou aproveitador das comunidades que evangelizou. Ele sempre produziu o necessário para sua própria subsistência com o trabalho de suas mãos. Foram posturas como essas do apóstolo Paulo que tornaram o cristianismo tão popular entre os mais pobres desde aquela época.

Dessa forma, ainda que o anúncio do evangelho colidisse diretamente com as tradições e cultos daquela cidade, especialmente em virtude de um enorme distanciamento das tradições litúrgicas, Paulo cumpre sua vocação estando cênscio de que seu chamado não visa à popularidade, mas à fidelidade (v. 4).

Ah, como seria bem diferente grande parte dos cultos e das práticas celebrativas no mundo protestante contemporâneo se o principal objetivo de tais ações fosse a glória de Deus, e não a repercussão midiática das mesmas! Em cultos cada vez mais narcisistas, muitas comunidades locais já perderam

o foco do anúncio do evangelho para simplesmente se concentrarem na manutenção do entretenimento de pessoas.

A quem os pregoeiros de hoje pretendem agradar com seus sermões retoricamente bem articulados, porém vazios de conteúdos? Quais os limites de uma comunidade que vive da aparência do cristianismo, porém distanciada da essência deste? Já que vivemos numa sociedade das aparências, das efemeridades, o evangelho precisa ser o total inverso dessa lógica do descartável que se impõe contemporaneamente; contudo, não é bem isso que testemunhamos nos nossos dias.

Sobre esse *status quo* da religiosidade contemporânea, aqui exemplificado pela lógica de *marketing* agressivo de certas igrejas, assevera Campos:

O templo, como espaço de um “espetáculo de fé”, tornou-se uma espécie de supermercado, onde os consumidores recolhem os bens simbólicos que lhes interessam, enquanto transitam pelos corredores internos, como se estivessem no interior de um shopping center. Surge então uma religião à *la carte* ou em sua versão brasileira, uma “religião por quilo”. Nelas, novas formas de pagamento são usadas para esse intercâmbio entre os fiéis e o especialista religioso. (CAMPOS, 2006, p.109,110)

Em Tessalônica, mesmo diante de todas as adversidades impostas, Paulo preferiu permanecer centrado na vocação que lhe foi confiada, ainda que, para isso, sua impopularidade chegasse a tal nível que tivesse de fugir da cidade; todavia, a boa semente sempre produzirá os seus preciosos frutos ao cair na boa terra.

### **Paulo, as Metáforas Parentais e o Exercício do Amor Fraternal em 1 Tessalonicenses**

Conforme nos aponta McNeel (2014), há no pensamento paulino, especialmente em 1 Tessalonicenses, uma série de comparações relativas às relações familiares — grande parte delas é feminina —, que aponta tanto para

o cuidado pastoral como para a desenvoltura retórica do apóstolo. As expressões “como a ama que cria seus filhos” (1 Ts 2.7), “como o pai a seus filhos” (2.11) e “como as dores de parto àquela que está grávida” (5.3) apontam para esse uso de imagens parentais nos capítulos de 1 Tessalonicenses.

Segundo essa autora, o uso de comparações familiares e de cuidado — numa referência às imagens medicinais associadas à pregação do evangelho — faz parte de um sofisticado arcabouço retórico-argumentativo do apóstolo.

O comprometimento de Paulo com os tessalonicenses não era uma questão burocrático-religiosa, mas, sim, uma relação de amor e cuidado para com aquela jovem igreja que nascia; tal amor envolvia a doação de si para com os outros sem constrangimento. Talvez, 1 Tessalonicenses 2.8 seja uma das afirmações mais profundamente cheias de amabilidade que Paulo utiliza-se para referir-se a uma comunidade local em sua tradição epistolar.

Não havia apenas uma preocupação humano-material com a Igreja em Tessalônica, mas também um relacionamento de amor e cuidado mútuos de tal nível, que Paulo sacrificou-se por aqueles irmãos, correu riscos de morte, esforçou-se no nível de um esgotamento pessoal; contudo, não pensou em desistir em momento algum.

O objetivo de Paulo em Tessalônica não é simplesmente compartilhar uma mensagem ou apresentar àquela população mais uma religião dentre tantas outras que já havia naquela cidade. O apóstolo estava convicto em desenvolver relacionamentos, compartilhar as verdades profundas do próprio eu; mercenários interessados apenas no enriquecimento pessoal são incapazes de ter atitudes assim. O padrão de liderança neotestamentário estabelecido por Paulo em Tessalônica é este: deseja-se tão afetuosamente a felicidade do outro que, para tanto, o doar-se completamente, assim como fez o próprio Cristo, é algo natural.

# Conclusão

Nossa vocação divina não visa à obtenção de objetivos pessoais ou financeiros, mas, sim, o desenvolvimento de relacionamentos interpessoais sadios e edificantes mutuamente, por meio dos quais possamos glorificar a Deus muito mais pelo que somos do que por qualquer tipo de obra que façamos. O princípio jesuânico da plena doação de si vivenciado por Paulo em Tessalônica deve ser o fundamento de nossa prática ministerial cotidiana. Não temos mais nada a perder; podemos doar-nos por completo, pois somos absolutamente de Deus.

# Bibliografia

- BARBOSA, João Cândido. *O Trabalho e a Escravidão na Visão do Apostolo Paulo*. Fragmentos de Cultura (Online), v. 24, p. 403-411, 2014.
- BARREIRA, Marcelo Martins. *A Versenkung mística diante da ética hermenêutica de Vattimo*. Filosofia Unisinos, v. 9, p. 258-268, 2008.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2003.
- CAMPOS, L. S. *Cultura, liderança e recrutamento em organizações religiosas: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus*. Organizações em Contexto, v. Ano II, p. 102-138, 2006.
- CLARO, Francisco Eloi Martinho Prior. *Marcas helenistas na Primeira Carta de São Paulo aos Tessalonicenses: A inculturação no primeiro escrito bíblico cristão*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Porto, 2017. 116f.
- GLUBISH, Brian. *1 Tessalonicenses*. In: ARRINGTON, F. L. e STRONSTAD, R. *Comentário Bíblico Pentecostal – Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- McNEEL, J. H. *Paul as Infant and Nursing Mother*. Metaphor, Rhetoric, and



Identity in 1 Thessalonians 2:5–8. Atlanta: SBL Press, 2014.

STAAB, K. *Cartas a los Tesalonicenses*. Barcelona: Editora Herder, 1974.

## Capítulo 4



# Conservando uma Vida Frutífera

## Introdução

O evangelho frutificou e consolidou-se em Tessalônica, apesar de tudo cooperar para o contrário: fuga de Paulo, multiculturalismo local, fortes perseguições sociais, introdução de falsos pregadores. Como se pode explicar tal fato? Pela simples resposta: foi a maravilhosa graça de Deus. A jovem comunidade cristã tessalonicense, apesar de sua fragilidade doutrinária,

conseguiu acessar o cerne da mensagem evangélica: o amor. Eles não apenas compreenderam o cristianismo como vivência pura e profunda do amor, como também experimentaram comunitariamente os efeitos de tal verdade divina. Reflitamos sobre como crescer em comunhão intensa com Deus de modo rápido, porém absolutamente sadio.

### **O “Fracasso” de Atenas, as Boas Notícias de Tessalônica**

O que Paulo podia esperar depois da surra e cadeia em Filipos e da fuga repentina de Tessalônica? Bem, se Paulo fosse um de nós, talvez a confirmação de que a vocação para a Macedônia era um propósito divinamente inspirado e não apenas um empreendimento humanamente falido. A missão em Beréia serviria perfeitamente a essas expectativas; afinal de contas, como nos narra Lucas, houve uma adesão coletiva daquela cidade à pregação de Paulo (At 17.11,12). E que modo melhor de ratificar isso, senão por meio de uma exitosa missão na celebrada Atenas?

Centro filosófico do mundo, ainda naquele momento histórico, casa dos fatalistas estoicos e dos epicuristas hedonistas, Atenas — numa análise humanamente fundada — seria uma ótima oportunidade para cancelar o ministério de Paulo não apenas naquela região, mas também em todo o mundo antigo. Entretanto, como bem se sabe, apesar do emblemático discurso no Areópago (At 17), os resultados práticos foram similares aos de Filipos e Tessalônica: numericamente inexpressivos; bem diferente dos alcançados em Bereia.

Talvez, a maior lição transmitida por Paulo em seu ministério macedônico seja esta: a presença de Deus na vocação ministerial de uma pessoa não deve ser mensurada numericamente ou pela popularidade que esta alcança, mas, sim, pela doação pessoal em tudo o que se realiza. Como qualquer outra pessoa, a vida de um vocacionado é repleta de altos e baixos, fracassos e vitórias. É ambiência contemporânea, moldada por uma ambição perfeccionista, que nos impele a falsa crença de que só os colecionadores de

sucesso serão felizes. Devemos retornar, de maneira insistente, aos princípios e pressupostos de Cristo, segundo os quais, mesmo em meio as mais aparentes derrotas, muitas vezes, somos feitos vitoriosos por Deus.

Falando em termos meramente humanos, quem continuaria numa jornada tão desgastante como essa que Paulo empreendia com seu grupo de amigos se não fosse pela presença fortalecedora de Deus? É a graça cotidiana de Deus que aperfeiçoa nossos ministérios e continuamente confirma, de modo especial a nós mesmos, o quanto nossas vocações são valiosas para o Reino de Deus.

Os efeitos de uma hipotética desistência de Paulo em sua missão macedônica são simplesmente inimagináveis para seu ministério em particular, assim como as repercussões de tais acontecimentos para o curso de todo o cristianismo primitivo. A boa notícia que nos relata a história é que, mesmo diante de todas as adversidades, Paulo não desistiu.

A ambição dos negociadores de adivinhações em Filipos (At 16.19), a inveja dos líderes judeus em Tessalônica (At 17.5) e o achincalhamento dos filósofos atenienses (At 17.18) não foram capazes de ofuscar a enorme alegria de Paulo por tudo aquilo que Deus estava fazendo em sua segunda viagem missionária. Conforme argumenta Marques:

É confiado em Deus que parte para Tessalônica, sabendo que ali Deus garantiria o sucesso da missão tal como em Filipos. Isto nos diz que a fundação de Tessalônica tem sua origem na confiança de Paulo em Deus. Como se convenceu disto? Foi pelo resultado obtido, apesar de ser expulso, desta vez por manobras de judeus. Em Atenas (1Ts 3,1), perante o fracasso no Areópago, vê com clareza a mão de Deus em Tessalônica. Que tal esforço não fora inútil, os tessalonicenses mesmos o confirmaram (1Ts 2,1). Esta confiança de Paulo em Deus não nascera apenas na Macedônia, é claro. Dirá mais tarde, como em outras ocasiões, que foi salvo por sua fé em Deus (cf. 2Cor 6,4-10; 11,23-28). (MARQUES, 2009, p.24)

Assim, compreende-se que o conjunto de vivências experimentadas por

Paulo e sua equipe em todo o seu percurso ministerial é fundamental para o crescimento do próprio apóstolo, de modo que o acúmulo de aprendizagens fez, cada vez mais, a vocação paulina aperfeiçoada.

É nesse contexto da atuação em Atenas que Paulo toma uma de suas decisões ministeriais mais acertadas junto à Igreja em Tessalônica: o apóstolo resolve enviar Timóteo para visitar aquela comunidade e trazer-lhe notícias. Por que o próprio Paulo não voltara à Tessalônica? Porque, segundo ele afirma em 1 Ts 2.18, houve uma forte oposição — não apenas circunstancial, física e material, mas também espiritual. O missionário chega a nomear Satanás como o impedimento a seu retorno àquela cidade. Para autores como Pastor (2009, p. 152), essa nomeação da malignidade está associada à cultura apocalíptica da qual Paulo era participante. Sobre esse impedimento satânico, afirma-nos Turrado:

[Paulo] Não precisa como o impediu. Logo, não é necessário, ainda que não se exclua, supor uma intervenção extraordinária ou milagrosa; bastam obstáculos naturais, de ordem física ou moral, nos quais Paulo vê as mãos do demônio. Ele está firmemente convencido, muito ao contrário do que praticamente às vezes nos passa despercebido, da funesta ação do demônio, cujo triste papel é opor-se aos interesses de Deus (Rm 16.20; 1 Co 7.5; 2 Co 2.11; Ef 6.11; 1 Tm 3.7). (TURRADO, 1965, p. 650)

Para além de toda conjectura de qualquer natureza, o que é mais relevante tratar nesse episódio do impedimento paulino é o reconhecimento da existência de oposições que não são meramente fruto do acaso, mas subordinadas a determinada causalidade malignas.

### **Paulo como um Formador de Novos Líderes**

Em 1 Ts 3.2, somos informados de que Timóteo é enviado a Tessalônica não como um estagiário em missão de representação de seu líder, mas como um ministro revestido de autoridade e responsabilidade sobre um determinado

grupo de irmãos. Como já afirmamos anteriormente, essa é uma atitude absolutamente acertada para ambos os lados, isto é, tanto Timóteo, que teve a oportunidade de vivenciar uma riquíssima experiência pastoral ainda muito jovem, quanto a comunidade dos tessalonicenses, que foi confortada e animada por meio da palavra anunciada.

Para a maioria dos comentadores, Timóteo tinha entre 20 e 30 anos quando foi enviado em missão à Igreja de Tessalônica. Quais eram os riscos que tal atitude de Paulo poderia produzir para a vida de Timóteo? Inúmeros. Em primeiro lugar, a própria morte. O clima em Tessalônica estava absolutamente hostil; tanto os religiosos judeus quanto os desordeiros que havia naquela cidade realizaram uma verdadeira caçada a Paulo e seus amigos, tanto que alguns irmãos sofreram perseguições e prisões ainda com Paulo em Tessalônica (At 17.6), e, mesmo depois de terem saído da cidade, a equipe missionária ainda foi perseguida de maneira insistente, a ponto de terem de fugir de Bereia também (At 17.13-15).

Havia, de fato, um risco de morte, não apenas pela oposição dos religiosos e baderneiros, mas também do próprio império romano, uma vez que a acusação que pesava sobre os missionários era de insurreição. Os religiosos recorreram às autoridades romanas sob a alegação de que Paulo e sua equipe proclamavam outro rei em terras tessalonicenses, Jesus (At 17.7). Ora, esta fora a mesma acusação segundo a qual o próprio Cristo acabou sendo crucificado.

Se o risco de morte for desconsiderado de modo arbitrário, ainda persistem as possibilidades de perseguição, prisão, espancamento, etc., que já eram reais durante a ação ministerial de Paulo e que continuavam, pois a distância temporal da fuga apostólica para o retorno de Timóteo era muito curta.

Além de todos os riscos de integridade física que Timóteo corria, ainda havia a possibilidade de tudo se complicar ministerialmente. Bastaria os tessalonicenses rejeitarem a juventude do auxiliar de Paulo, ou, quem sabe,

de modo justificado, sua inexperiência, e a trajetória ministerial de Timóteo sofreria um revés, talvez, insuperável.

É necessário lembrar que, além dos problemas sociais — que se concretizavam por meio da oposição comunitária que se constituía —, a Igreja tessalônicaense enfrentava uma consistente crise doutrinária, especialmente com relação a questões escatológicas, as quais repercutiam em problemas relacionais. Era, então, necessário um pastor habilidoso, que soubesse, ao nível dos tessalonicenses, transmitir as verdades ainda não compreendidas por eles.

Timóteo foi o homem certo para a missão de retorno a Tessalônica. As qualidades deste auxiliar de Paulo podem ser avaliadas a partir do versículo 2, quando o apóstolo define-o por meio de dois termos de designam positivamente duas áreas diferentes da vida do jovem pastor: irmão (ἀδελφός) e cooperador (συνεργός). Enquanto trato pessoal, Paulo tinha total confiança em Timóteo, tanto que o tratava como irmão — em outros contextos, anos à frente, Timóteo será amorosamente chamado de filho; nas circunstâncias que envolviam a Igreja em Tessalônica, ele recebe uma denominação que denota sua proximidade a Paulo não apenas nas relações pessoais, mas também na responsabilidade ministerial. Já com relação ao perfil vocacional, Paulo testemunha que seu amigo não é um inexperiente neófito, e sim um qualificado colaborador do Reino de Deus. Sobre a confiança de Paulo em Timóteo e as qualificações deste, afirma Pastor:

O apóstolo sabe das dificuldades e dos problemas dos tessalonicenses (cf. 1 Ts 1,6; 2,14; 3,1-5) e, uma vez que ele não pode ir pessoalmente para ajudá-los e sustentá-los, enviou seu colaborador Timóteo com esse encargo e com o de informar-lhe a situação da comunidade. Por esse motivo, vemos uma primeira qualificação deste personagem em tom altamente positivo; Paulo chama-lhe, além de irmão, de nada menos que colaborador de Deus na pregação do evangelho, indicando como Deus não atua de forma separada da ação humana, ainda que não seja uma colaboração no mesmo nível (cf. p.e. Rm 10,14-15). (PASTOR, 2009, p. 154)

A relação do apóstolo com o jovem obreiro era muito estreita, tanto que, ao afirmar que era necessário o envio de Timóteo à Tessalônica, Paulo declara em 1 Ts 3.1 que ficou, literalmente, “abandonado”, “sem ajuda”. Não temos acesso aos pormenores da visita e nem ao ambiente de recepção do jovem missionário; entretanto, as palavras de Paulo registradas em 1 Ts 3 demonstram o sucesso do envio. Nas palavras do apóstolo, usando um trocadilho que, em língua portuguesa, se perde, mas que fica muito claro no grego, ele afirma no versículo 6: “Vindo, porém, agora, Timóteo de vós para nós e trazendo-nos boas novas da vossa fé e amor”; ou seja, Timóteo, ao regressar de Tessalônica, trouxe tão ricas notícias por meio das quais “evangelizou” Paulo acerca da fé e do amor dos tessalonicenses. As informações de Timóteo eram muito confortantes a Paulo, analogamente, assim como o evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo foi confortante aos tessalonicenses.

### **Paulo e o Ministério como Motivação para a Vida Cotidiana**

Em 1 Ts 3.8, temos uma das declarações mais pastorais de todo o Novo Testamento. Paulo literalmente diz nesse texto que a continuação da vida tornou-se muito mais leve e sem o peso da culpa por meio da maravilhosa notícia de que os tessalonicenses permanecem firmes na vocação da salvação que lhes foi anteriormente anunciada pelo missionário.

A amabilidade desse texto surpreende qualquer leitor de outras cartas paulinas, nas quais, apesar de toda atenção e cuidado, em nenhuma se registra tamanho afeto. Nessa pequena declaração, Paulo está afirmando o quanto foi angustiante ficar sem notícias daquela jovem comunidade; desse modo, diante do retorno de Timóteo, o ânimo novamente se recobrou no coração do apóstolo.

Ao refletirmos sobre o relacionamento de Paulo com a Igreja de Tessalônica, deparamo-nos com um modelo de liderança muito distante das



práticas eclesiástico-empresariais dos dias atuais. Quem atualmente investiria tempo e pessoal numa localidade extremamente avessa ao evangelho? Basta analisar o quanto a igreja contemporânea investe em templos suntuosos em comparação ao que envia para os trabalhos missionários em países avessos ao cristianismo.

Imaginemos a revolução missionária que aconteceria ao invertermos a balança de prioridades da igreja contemporânea; quantos missionários seriam enviados, quantos cristãos oriundos de países fechados ao evangelho receberiam treinamento de qualidade para atuarem novamente em suas culturas, quantas bíblias poderiam ser traduzidas, reproduzidas e distribuídas. Infelizmente, tudo isso hoje é dissolvido em mármore para templos nababescos, atividades para entretenimento de cristãos ociosos e jatinhos para líderes gananciosos.

Lembremos que Tessalônica era um desses lugares ostensivamente contrários à pregação do evangelho; onde se formou uma pequena comunidade de novos cristãos; contudo, era para lá que as orações de Paulo estavam direcionadas; era para lá que seu coração pulsava. É necessário reconhecermos que os fundamentos do Reino são completamente diferentes das regras dos negócios religiosos de hoje.

Em muitas instituições religiosas, se determinada igreja local seguidamente não “atingir a meta” de seus desafios financeiros de arrecadação monetária impostos pela igreja matriz, ela corre o risco de simplesmente ser fechada, a despeito das pessoas ali congregadas. Nesse tipo de compreensão da espiritualidade, não há espaço para a visão de amor ou misericórdia; o que impera é o pragmatismo financeiro, de tal modo que, diante do fracasso dos objetivos materiais, não há qualquer preocupação espiritual ou com pessoas.

Segundo essa lógica, mata-se e morre-se, e mais se mata do que se morre, pelo poder de grandes catedrais, de grandes aglomerações humanas; não por amor às almas perdidas, mas por ambição das vidas sem sentido, as quais, na

busca desenfreada por paz interior, são capazes de embarcar na ilusão de investir financeiramente para comprar tal condição.

Precisamos urgentemente de pastores como Paulo.

## **Paulo e o Rogo pelos Tessalonicenses**

Diante do retorno de Timóteo, do anúncio das boas notícias vindas da parte dos tessalonicenses, Paulo, o apóstolo, faz um rogo a Deus por aqueles novos irmãos. A importância de destacar-se aqui tal pedido deve-se à natureza desse tipo de clamor intercessório. O rogo, *déomai* em grego, diz respeito à oração que se faz com insistência, em virtude de uma falta estrutural. Desse modo, podemos compreender que Paulo, diante das impossibilidades que se impunham, assume suas limitações, suas carências, e roga ao Pai, ou seja, àquEle que é poderoso, para fazer algo em favor dos tessalonicenses.

Uma atitude de oração tão intensa demonstra o quanto Paulo estava preocupado com a situação dos tessalonicenses. Assim, pode-se supor que, se havia paz e firmeza em Cristo no interior da igreja, no entorno desta, isto é, na sociedade na qual a comunidade estava inserida, a situação era muito complicada.

Outra causa do rogo intercessório de Paulo, como defende Boor, é o fato das naturais deficiências ainda existentes na fé dos tessalonicenses. Segundo esse autor:

Igualmente se explicita que a “fé”, que está em jogo durante toda a vida cristã, não é uma fé pronta. Embora surgisse em Tessalônica por meio da atuação do próprio Deus e agora tivesse sido aprovada em duras tribulações, ela não obstante apresenta “deficiências”. Como é bom que isso pode ser dito tranquilamente aos tessalonicenses, sem “magoá-los”! (BOOR, 2007, p. 30)

A compreensão desse universal e insuperável déficit de fé é algo que nos ajuda a reconhecer o que somos com maior naturalidade: seres em constante

transformação, obras de Deus inacabadas, imperfeições ambulantes em contínuo aperfeiçoamento. Essa condição de crescimento foi posteriormente citada por Paulo ao escrever para os colossenses por meio da metáfora do corpo ligado à cabeça (Cl 2.19).

A assertiva paulina sobre a deficiência na fé tessalonicense não é uma crítica, mas, antes, o registro de uma questão que era completo consenso para aquela igreja cristã e seu pastor: nada em nós está completo; tudo precisa ser cotidianamente melhorado: a salvação operacionalizada (Fp 2.12); virtude, conhecimento, domínio próprio, paciência, santidade e amor fraternal constantemente acrescidos de maneira recíproca (ver 2 Pe 1.5-7); e o próprio amor cada vez mais aumentado (1 Ts 3.12; 4.9,10).

### **A Causa e a Finalidade do Amor dos Tessalonicenses**

Foi para uma vida centrada no amor que os tessalonicenses foram vocacionados. A vivência desse amor, como atesta Paulo em 1 Ts 3.12, não deveria ser algo egoísta ou centrado apenas nas pessoas que aderiram à fé na pequena comunidade cristã, mas, pelo contrário, a prática fraternal deveria ser para com todos daquela cidade, inclusive para os inimigos da fé.

Deve-se destacar que, quando Paulo ora a Deus e roga o aumento do amor entre os tessalonicenses, esse amor que Deus acresce é, textualmente, o *agápe* (v. 12); já em 1 Ts 4.9,10, quando o apóstolo elogia o amor fraterno vivenciado e praticado por aquela jovem igreja, cuja repercussão já atingia toda a Macedônia e que só deve ser aumentado cada vez mais por eles, o termo grego para designar esse amor é *philadelphia*. Dessa maneira, não importa o nível ou tipo de amor que vivenciamos; devemos aspirá-lo e promovê-lo continuamente.

Este amor divinamente inspirado que aumentou e multiplicou-se entre os tessalonicenses é a causa e a finalidade da existência daquela comunidade. Se não fosse o amor de Deus por aqueles frágeis irmãos, a Igreja em Tessalônica não teria subsistido diante de tamanhas perseguições e oposições. Se não

fosse o verdadeiro amor dos tessalonicenses a Jesus, estes jamais teriam abandonado os ídolos tradicionais de sua cultura pagã para vivenciar a radicalidade do evangelho. Foi o amor fraterno entre os irmãos de Tessalônica que fortaleceu mutuamente aquela jovem comunidade, a ponto de juntos superarem os desafios ao estabelecimento da sua fé. Mediante o amor aos demais habitantes daquela cidade, o testemunho daqueles irmãos ultrapassou os limites da cidade e espalhou-se por toda a província. Poderoso e inigualável amor.

## Conclusão

Sem amor, toda e qualquer intenção humana facilmente transitará entre a ganância e o animalesco instinto de sobrevivência. Foi para amar que fomos salvos, para viver em amor, para existir pelo amor. Que a experiência mais extraordinária da vida cristã — amar — seja uma realidade em nossas vidas.

## Bibliografia

- BARBOSA, João Cândido. *O Trabalho e a Escravidão na Visão do Apóstolo Paulo*. Fragmentos de Cultura (Online), v. 24, p. 403-411, 2014.
- BARREIRA, Marcelo Martins. *A Versenkung mística diante da ética hermenêutica de Vattimo*. Filosofia Unisinos, v. 9, p. 258-268, 2008.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2003.
- BOOR, Werner. *Cartas aos Tessalonicenses. 1 Tessalonicenses*. COMENTÁRIO ESPERANÇA. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2007.
- CAMPOS, L. S. *Cultura, liderança e recrutamento em organizações religiosas: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus*. Organizações em Contexto, v. Ano II, p. 102-138, 2006.

- CLARO, Francisco Eloi Martinho Prior. *Marcas helenistas na Primeira Carta de São Paulo aos Tessalonicenses: A inculturação no primeiro escrito bíblico cristão*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Porto, 2017. 116f.
- GLUBISH, Brian. *1 Tessalonicenses*. In: ARRINGTON, F. L. e STRONSTAD, R. *Comentário Bíblico Pentecostal – Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- MARQUES, V. *Paulo em Tessalônica: o relacionamento de confiança mútua na fundação da Igreja*. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. XLI, p. 09-37, 2009.
- PASTOR, F. CORPUS PAULINO II. *Comentarios a La Nueva Biblia de Jerusalén*. Henao: Desclée De Brouwer, 2009.
- STAAB, K. *Cartas a los Tesalonicenses*. Barcelona: Editora Herder, 1974.
- TURRADO, L. *Professores de Salamanca: Bíblia Comentada VI - Hechos e San Pablo*. Madrid: Biblioteca Autores Cristianos, 1965.

## Capítulo 5



# Vivendo uma Vida Santa

## Introdução

**N**o capítulo 4 de 1 Tessalonicenses, vemos o início do esforço de Paulo para responder algumas demandas doutrinárias e procedimentais daquela comunidade. Neste momento específico da carta, temos uma profunda reflexão sobre a necessidade de uma vida santa. O contexto politeísta do mundo antigo no qual aquela igreja estabeleceu-se

exigia muito mais do que uma simples “troca” de deuses, ou seja, a conversão ao cristianismo implicava uma série de mudanças comportamentais na vida pública e privada.

Ser cristão em Tessalônica acarretava não apenas mudanças litúrgicas, mas também o abandono de todo um repertório sociocultural que tinha a religiosidade como pano de fundo, e, nesse caso, com grande destaque, o orfismo — principal religião mistérica do mundo helênico.

Reflitamos, então, sobre as orientações acerca da vida privada — centradas, aqui, na questão da sexualidade —, assim como naquelas destinadas à vida pública — pautadas na exigência de uma vida proba, desvencilhada das corrupções e abusos aos mais fracos; práticas tão comuns naquele contexto histórico.

## **O Cristão e a Cultura**

Existe um modelo de procedimento social a ser adotado por um cristão? O modelo de vida proposto por Paulo aos tessalonicenses para uma comunidade há 2 mil anos ainda tem caráter aplicável na sociedade atual? Ao discutirmos questões relativas à vida em sociedade dos cristãos, devemos pautar-nos em regras ou princípios, atitudes ou conceitos?

Ora, as respostas a essas questões envolvem uma série de comprometimentos conceituais, os quais, por se organizarem como uma cadeia argumentativa, não podem ser assumidos sem levar em consideração aqueles que estão conectados a eles.

Talvez, a questão central em toda essa discussão seja compreender a relação entre cristianismo e cultura, mais especificamente sobre a necessidade de apresentação dos princípios norteadores da cultura cristã e a aplicabilidade dos mesmos à realidade comunitária de cada igreja local.

Se assumirmos o caráter estrutural dessa questão, a necessidade de resposta a algumas das seguintes questões impõe-se: o que é cultura? Existe uma cultura cristã ou apenas pressupostos cristãos que, aplicados a qualquer

cultura, ressignificam as práticas culturais vigentes de qualquer sociedade? Diante do multiculturalismo contemporâneo, a defesa de pressupostos supraculturais ainda faz sentido?

Partamos da definição de cultura como tudo aquilo que é realizado pelo homem e não está condicionado pelo biológico. De tal concepção, deriva-se uma inevitável conclusão: apenas o homem produz cultura, uma vez que todos os demais seres vivos estão subordinados as suas determinações genético-biológicas, restritos, assim, aos seus instintos animais, a uma determinada região geográfica e modo de vida, por exemplo; o homem, por sua vez, é criador de seus costumes, produtor de seu modo de vida e colonizador de todo o planeta.

Para que se esclareça mais ainda tal definição de cultura, lembremo-nos de que o homem é o único ser capaz de transformar a natureza, enquanto os demais seres apenas se apropriam da mesma do modo como esta lhes é apresentada. Criamos objetos para superar nossas limitações biológicas. Com o avanço da tecnologia, somos capazes de, inclusive, por meio de substâncias que produzimos ou transformações que realizamos em nós mesmos, alterar condicionamentos naturais — pensemos em cirurgias para implantes de córneas, utilização de próteses para substituição ou melhoramento de membros ou órgãos, etc.

Sobre essa concepção de cultura como elemento constitutivo e construtivo do homem, afirma-nos Laraia:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2008, p.48)



Pode-se, no entanto, restringir o conceito de cultura ao conjunto de práticas significantes produzidas por uma determinada coletividade. De acordo com essa definição *stricto sensu* de cultura, podemos entender que cada comunidade, em períodos de tempo específicos, produziu uma série de conhecimentos, artes, costumes e rituais — em suma, cultura — que só pode ser entendido a partir de uma vivência interna à própria comunidade. Desse modo, um simples observador externo será incapaz de compreender determinadas práticas culturais; no máximo, será capaz de avaliá-las somente a partir de seu prisma cultural particular, deformando, assim, o significado de certo conjunto de ações próprio de uma sociedade.

A pergunta que persiste é: como definir uma cultura cristã? Falando em termos sociológicos, seria mais exato falar sobre a cultura da comunidade cristã em Tessalônica. Ou seja, as práticas culturais da Igreja em Tessalônica provavelmente serão distintas daquelas vivenciadas na comunidade cristã em Corinto, por exemplo, apesar de ambas serem coletividades que se guiam religiosamente de acordo com a orientação cristã.

É por isso que Paulo não criticará, especificamente, a alimentação onívora ou vegetariana dos grupos em conflito na Igreja de Roma, mas, antes, exortará que, acima das questões gastronômicas — e é simplesmente neste nível que elas são definidas pelo apóstolo —, estejam o amor ao próximo e a misericórdia para com os mais frágeis na fé. A discussão que se concentra na questão da liberdade e tolerância materializa-se por meio de uma celeuma cultural (Rm 14).<sup>9</sup>

Acerca de uma abordagem bíblico-teológica sobre a cultura, defende Schwambach:

Se lermos o AT e o NT, vamos ver que a realidade do pecado corrompeu os seres humanos e tudo o que eles pensam, falam, fazem, constroem, inventam etc. Isso significa que toda a produção cultural da humanidade está afetada pela realidade do mal, da queda, do pecado. O exercício de qualquer profissão, o ensino em todos os

níveis, toda a ciência, toda a tecnologia, toda política, toda a arte, mas também todos os tipos de pensamento humano — toda a elaboração filosófica, ideológica, cultural e até mesmo religiosa... Nenhuma dessas realidades ficou sem ser atingida pela trágica realidade da queda. (SCHWAMBACH, 2011, p.32,33)

Segundo esses critérios, parece ser mais coerente falar de princípios supraculturais com relação ao cristianismo. A defesa daquilo que seria o conceito de “cultura cristã” — abstraída de toda materialidade e intersubjetividade social — implicaria na aceitação de que tal produção cultural é fruto da ação humana que, ao longo dos séculos, por tradição, foi transmitida às gerações seguintes. Sem dúvida alguma, o cristianismo e seus pressupostos culturais são muito mais que uma elaboração humana, limitada ao gênio de uma determinada comunidade e seus membros.

Outro argumento que nos auxiliará a rejeitar a ideia de uma “cultura cristã” entendida como elemento produzido pontualmente em certo ponto da história é o de que a produção cultural é algo extremamente dinâmico, movido pelas transformações políticas, econômicas e sociais, atualizando-se continuamente conforme as interações internas e externas de cada povo. Ora, se as verdades cristãs que seguimos são eternas, logo estas não podem ser um produto exclusivo da dinâmica social de uma comunidade.

Infelizmente, o que se percebe é que, ao longo dos séculos, práticas culturais pertencentes a comunidades específicas foram impostas a outras coletividades humanas sob o pretexto de serem parte de um conceito abstrato de “cultura cristã”. Esse tipo de processo de violência simbólica é que se denomina de etnocentrismo — a defesa da imposição de aspectos culturais de um povo sobre outro de modo coercitivo e cruel.

É necessário, entretanto, reconhecermos que algumas práticas culturais adotadas por certos povos colidem frontalmente com os princípios cristãos, de tal forma que o papel da evangelização cristã nessas comunidades será o de promover não apenas redenção individual, mas também a transformação

coletiva; não apenas salvação pessoal, mas também a restauração sociocultural.

Sobre essa delicada questão, os elaboradores do relatório sobre a questão da cultura do movimento de Lausanne afirmam:

A conversão não deve “desculturalizar” o convertido. Na verdade, como temos visto, sua lealdade agora pertence ao Senhor Jesus, e todas as coisas do seu contexto cultural devem submeter-se ao escrutínio do Senhor. Isso se aplica a toda a cultura, não somente às culturas hindu, budista, islâmica ou animista, mas também à cultura cada vez mais materialista do Ocidente. A crítica pode produzir uma colisão, à medida que elementos da cultura forem submetidos ao juízo de Cristo e tiverem de ser rejeitados. Nesse ponto, como reação, o convertido pode tentar adotar a cultura do evangelista em lugar da sua. Deve-se resistir firme, mas carinhosamente a essa tentativa. Dever-se-ia estimular o convertido para que visse suas relações com o passado como uma combinação de ruptura e continuidade. Por mais que os novos convertidos sintam que precisam renunciar por amor de Cristo, ainda são as mesmas pessoas, com a mesma herança e a mesma família. “A conversão não desfaz; ela refaz.” É sempre trágico, embora seja às vezes inevitável, quando a conversão da pessoa a Cristo é interpretada por outros como traição às suas origens culturais. Se possível, a despeito do conflito com sua cultura, os novos convertidos deveriam procurar identificar-se com as alegrias, esperanças, dores e lutas de sua cultura própria. (LUZBETAK, 1985, p.34)

Percebe-se, assim, que a busca incessante de cada comunidade cristã local deve ser alinhar suas tradições e costumes ao crivo dos pressupostos da cruz, os quais são eternos, supraculturais e constitutivamente promotores da bondade e da justiça. Somente uma abordagem nesse nível poderá ajudar-nos a fugir do falso dilema do relativismo cultural de um mundo multiculturalista.

As múltiplas culturas podem e devem coexistir pacificamente entre si. O que é inaceitável é o fato de que atos de violência — seja esta simbólica ou física — sejam defendidos como tradições culturais respeitáveis. Tudo aquilo que subjuga o outro sem conceder-lhe qualquer oportunidade de escolha

diferente, expropriando-lhe a humanidade e condicionando sua existência à reificação deve ser totalmente rejeitado e combatido.

Violência, seja ela de qualquer tipo, não é cultura!

O cristianismo não pode ser utilizado como instrumento de justificação de qualquer tipo de preconceito, discriminação ou violação pessoal. A tônica do discurso de Cristo é o amor e a liberdade. A denúncia que se deve fazer cotidianamente ao pecado deve ter a transgressão como foco exclusivo, possibilitando, assim, a restauração pessoal, a qual inicialmente passa por um processo de reconhecimento do outro como pessoa, nunca como pecado em si; como filho de Deus, e não como personificação da perversão; como objeto do amor de Cristo, jamais a uma redução do ser ao erro que cometeu.

Desse modo, no que concerne à questão do cristianismo e da cultura, cabe-nos o exercício diário e constante de diferenciar costumes e tradições do judaísmo e das comunidades cristãs primitivas dos pressupostos que devem fundamentar nossas práticas culturais.

### **Paulo, os Tessalonicenses e o Padrão de Vida Cristão**

Uma vez tendo sido realizado tal esclarecimento sobre o papel da cultura e sua relação com o cristianismo, ficam mais claras as orientações paulinas à comunidade tessalônica. A preocupação de Paulo repousava na necessidade de esclarecer àqueles novos cristãos que alguns elementos de suas práticas culturais não eram próprios de execução para alguém que experimentou um novo nascimento, uma vez que tais atitudes estavam inteiramente ligadas a práticas idolátricas.

Um dos possíveis exemplos a serem apresentados sobre essa relação das práticas socialmente regulares entre os tessalonicenses, porém reprováveis segundo o padrão do cristianismo, é àquele que remete ao uso do vinho nas celebrações antigas. Segundo Almeida (2014, p.27): “As orgias em torno do vinho na Ásia Menor e na Palestina — os tabernáculos, solenidades dos cananeus, eram, originalmente, orgias ao estilo dos bacanais — foram

marcadas por estados idênticos de êxtase aos das orgias em torno da cerveja na Trácia e na Frígia.”

Rituais celebrativos do culto dionisíaco<sup>10</sup> — os quais possuíam um calendário anual de, pelo menos, três grandes festejos públicos anualmente — estavam intrinsecamente associados a práticas sexuais.

Cultos centrados no conceito de fertilidade da terra que estavam interligados ao uso do corpo como oferenda às divindades, por meio de danças, orgias e possessões, era algo muito comum naquele contexto histórico.

Dessa maneira, o que temos na fala de Paulo no início do capítulo 4 de 1 Tessalonicenses é a determinação de um sintoma que caracterizava a sociedade em Tessalônica: a violência. Em virtude da forte tradição do dionisismo que se desenvolveu naquela comunidade, os indivíduos não conseguiam perceber que a objetivação de seres humanos — especialmente de mulheres, com relação à sexualidade — é um dos mais degradantes atos de subjugação. Por isso, o que Paulo faz nesse momento de seu ministério é denunciar elementos de injustiça e dominação que operavam em Tessalônica sob o pretexto de piedade religiosa.

Sobre os cultos orgiásticos a Dioniso, Frontisi-Ducroux afirma:

Que Dioniso seja um deus complexo é uma das afirmações unanimemente reconhecida pelos estudiosos da religião. Complexo pela variedade de representações e epifanias, oscilante entre antropomorfismo completo ou parcial (face, falo), teriomorfismo (touro, leão, serpente, bode), mas, sobretudo, por motivos dos diversos componentes do seu culto; vinho e embriaguez; transes e possessões femininas; festivais dramáticos; procissões fálicas; incursões no mundo dos mortos; iniciações nos mistérios. (FRONTISI-DUCROUX, 1997, p. 275)

Como se pode perceber, a exortação paulina à santidade na sua epístola aos tessalonicenses, quando devidamente contextualizada, ganha outras

conotações que vão além de um mero ascetismo cristão. As preocupações de Paulo com aquela jovem comunidade estavam diretamente ligadas à urgente necessidade de cada indivíduo perceber a completa incompatibilidade que havia entre o culto a Cristo Jesus e às celebrações, por exemplo, a Dioniso-Osíris.

A problemática da prostituição — para além de todo o debate estabelecido por Paulo em outros textos — está relacionada em Tessalônica à questão das possessões dionisiacas durante os bacanais.<sup>11</sup> A devassidão sexual, sendo prática condenável em si mesma segundo a ótica cristã, estava diretamente associada às potestades que envolviam os cultos dionisiacos. Alertar a cada um possuir seu vaso em santificação e honra (1 Ts 4.4) envolve diretamente a necessidade de manter o corpo em separação exclusiva para Deus.

Perceba, no entanto, que a dedicação religiosa do corpo a Jesus Cristo no culto cristão significa algo completamente diferente daquilo que a possessão dionisiaca produz. Enquanto Dioniso bestializa seus adoradores — conduzindo-os ao completo descontrole, aos seus instintos mais baixos e à perda da consciência de si —, a consagração do corpo ao Senhor Deus implica domínio próprio, adoração consciente e profundo autoconhecimento — produzido pelo entendimento da fragilidade constitutiva de tudo aquilo que é humano.

A santidade de Deus em nossas vidas conduz-nos, muitas vezes, a um padrão de sociabilidade que, de várias maneiras, transcende as convenções sociais convenientemente aceitas, porém moral e espiritualmente reprováveis. Assumir-se cristão em Tessalônica implicava em enfrentar a fúria dos seguidores de César, Baco, Osíris e de tantos outros seres e deuses que dominavam a cena política e religiosa daquela cidade.

É para tal nível de comprometimento que Cristo convida-nos hoje. Numa ambiência tão politeísta quanto aquela — tendo o dinheiro, a luxúria, o corpo e a tecnologia como as principais divindades desse tempo —, declarar-se

contrário a determinadas práticas publicamente aceitas e estimuladas era o mesmo que obter ojeriza de grande parte da sociedade. Somos vocacionados para, por meio de um relacionamento verdadeiro com Cristo, apresentarmos outro modelo de comportamento e atitude diante de nossa sociedade.

A finalização da reflexão de Paulo sobre a questão da santificação dos cristãos em Tessalônica desemboca na necessidade de estabelecimento de um padrão relacional que espelhe a salvação que os envolveu. Segundo Paulo, não faz sentido assumir uma fé em Cristo, mas manter os negócios pessoais sob o domínio de *Mamon* (ver 1 Ts 4.6 – NVI). Ao homem nascido de novo é-lhe exigido não apenas o abandono dos antigos ídolos religiosos, mas também das perversas práticas econômico-sociais.

O esforço por uma vida em santidade tem um componente triplo: individualmente, passa pelo respeito à dignidade do próprio corpo e da integridade da vida de cada sujeito; em segundo lugar, em sua correspondente comunitária, a santidade exige de cada um de nós o reconhecimento do outro, ou seja, a capacidade de superar uma mera percepção coisificante dos demais indivíduos ao nosso redor, para, assim, a designação do respeito próprio a cada ser humano; e, por fim, no que se remete à espiritualidade, a santidade é uma condição *sine qua non* para nosso relacionamento com o Senhor.

## Conclusão

Os desafios que os tessalonicenses enfrentavam tornam-se cada vez mais evidentes a partir do momento em que nos debruçamos com mais cuidado — e simultaneamente — sobre o texto sagrado e sobre o contexto histórico que envolvia aquela comunidade.

Com relação a nossa espiritualidade hoje, nada é diferente. Somente nos concentrando em orientar nossas vidas conforme os padrões da Palavra seremos capazes de restabelecer a glória de Deus sobre nossa sociedade, sobre nossa geração. Não somos mais escravos; antes, nossa vocação é para a

liberdade, que se manifesta para nós em Cristo Jesus — dentre tantas outras maneiras possíveis — como santidade, isto é, como um padrão de vida que se inspira na graça e no amor de Deus.

## Bibliografia

ALMEIDA, João Estavam Lima de. *Um deus a céu aberto*: Diônisos e a expressão material do teatro na passagem da pólis na Grécia arcaica e clássica – Séc. VI-III a.C. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) São Paulo: USP, 2014. 251 f.

FRONTISI-DUCROUX, F. *O deus mascarado*: uma figura do Dioniso de Atenas. Paris: Editions la Découverte-École Française de Rome, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura*: um conceito antropológico. 24ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LUZBETAK, Louis J. (pres.). *O Evangelho e a Cultura*. Série Lausanne 3ª ed. São Paulo: Aliança Bíblica Universitária, 1985.

SCHWAMBACH, CLAUS. *Cristianismo e mandato cultural*. Uma análise bíblica e histórico-teológica de modelos de compreensão da relação entre Fé Cristã e cultura. *Vox Scripturae*, v. XIX, p. 30-69, 2011.

---

<sup>9</sup> Que fique registrado que uma questão absolutamente similar na Igreja de Corinto também é abordada de forma análoga por Paulo (1 Co 8).

<sup>10</sup> Especialistas afirmam que o Dioniso greco-romano é a mesma divindade que era cultuada no Egito sob a denominação de Osíris. Dioniso-Osíris é, dessa maneira, o deus dos rituais de fertilidade, do vinho e dos êxtases sexuais coletivos. Cf. SISSA, Giulia. DETIENNE, M. *Um falo para Dioniso*. In: Os deuses gregos. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p. 267-277.

<sup>11</sup> Eram assim que se denominavam oficialmente as celebrações a Dioniso — ou Baco, como também era nomeado. Esses rituais envolviam predominantemente mulheres que, entusiasmadas por Baco, entravam em transe religioso, despiando-se, indo em bandos para



as florestas, tomadas por um frenesi bestial que as conduzia às mais animalescas práticas sexuais.

## Capítulo 6



# Vivendo Amorosa e Honestamente

## Introdução

**N**este capítulo, discutiremos sobre a vivência do amor de Deus na comunidade em Tessalônica e, também, sobre a exortação paulina com relação à necessidade de desenvolvimento de uma vida honesta e simples. Essas duas temáticas são muito caras a Paulo na escrita desta

epístola e extremamente atuais se levarmos em consideração os princípios que orientam a sociedade contemporânea. Busquemos, nas instruções de Paulo a Tessalônica, fundamentos que nos possam ajudar a experimentar o verdadeiro amor de Deus em meio a uma geração ímpia e corrupta.

## **O Amor como Alicerce da Comunidade Tessalonicense**

Não existe outra maneira de experienciar o amor senão por meio de uma relação íntima e profunda com Deus. Ele é a fonte primária do amor; por isso, toda vivência comunitária de amor também passa por uma ação direta do Criador.

No texto em 1 Ts 4.9, ao tratar sobre a excelência da fraternidade (φιλαδελφία) dos tessalonicenses entre si e, também, destes para com todas as comunidades no entorno daquela cidade, Paulo esclarece que não há qualquer necessidade de orientação externa, uma vez que o testemunho de Timóteo e das igrejas circunvizinhas apontava para a maturidade do amor daqueles novos irmãos.

Há um detalhe bastante importante nesse mesmo versículo: no início da frase, Paulo elogia o “amor fraternal” dos tessalonicenses — termo este compreendido morfológicamente como um substantivo. Já no final da sentença, ao falar sobre a prática dessa amabilidade que se destacava naquela igreja, o apóstolo não utiliza um verbo derivado de φιλαδελφία para definir a relação de amor entre aqueles irmãos, mas, antes, o verbo ἀγαπάω. A vida em fraternidade testemunhada em Tessalônica era fruto direto do amor pleno que emana exclusivamente de Deus para os homens e da humanidade redimida para aqueles que ainda estão em obscuridade.

O amor, como demonstra o apóstolo nesse texto, é a mais intuitiva das virtudes cristãs; em outras palavras, se a compreensão daquilo que seja *domínio próprio*, *perdão* ou mesmo *paciência* é algo que demanda um conjunto de conhecimentos prévios, a experiência do amor, no entanto, é algo absolutamente natural para aquele que vivenciou a graça da salvação em Cristo.

Não é possível aprender a amar em um curso de cinco passos, muito menos por meio de um *best-seller* de autoajuda. O entendimento do amor advém da obra da salvação presente em cada um daqueles alcançados pelo evangelho de Cristo. Ao invés de um investimento pessoal ou coletivo numa compreensão exclusivamente teórica do amor, precisamos vivenciar uma existência cotidiana do amor sob a orientação do Pai.

Sobre esse aspecto da transmissão do amor pelo Pai a cada um de nós, defende Claro:

Paulo introduz o tema da fraternidade com uma preterição: explica que não tem necessidade de escrever, mas acaba por abordá-lo, pretendendo ligar o tema do amor fraterno (1 Ts 4, 9-10a) com o tema do trabalho (1 Ts 10b-12). O apóstolo explica que foi o próprio Deus quem ensinou os tessalonicenses a amarem-se uns aos outros, em caridade fraterna. O termo usado por Paulo – θεοδιδάκτοί – é único na literatura grega e original de Paulo. Não excluindo que a pregação evangélica foi mediada pelos apóstolos, pretende evidenciar que a mediação humana no processo de evangelização pretende conduzir o crente numa relação direta com Deus. Na verdade, Paulo parece aqui querer contrapor-se ao frequente autodidatismo das correntes filosóficas helenistas, particularmente cínicas, bem como aqueles que, como os estoicos e epicuristas, julgavam possuir um conhecimento inato. (CLARO, 2017, p. 68)

Uma humanidade afastada de Deus e atravessada pela tragédia do pecado estruturalmente assimilado é incapaz de crer no amor. Por isso, o que muito se observa na sociedade atual são ações de autopromoção, práticas de desencargo de consciência e, até mesmo, constrangimento moral. Contudo, nada disso é a verdadeira manifestação do amor, a qual é mediada exclusivamente pela operação do Espírito Santo no coração daqueles que reconhecem Jesus Cristo como o Senhor.

Ora, percebamos a aparente contradição: Os tessalonicenses eram perseguidos, novos conversos e uma comunidade sem um pastor; todavia,

eles eram abundantes no amor uns para com os outros e também para com aqueles que não eram de seu círculo comunitário. De fato, não há qualquer absurdo aqui; na verdade, foi o amor que vinculou cada um daqueles irmãos à causa de Cristo. Sem a conectividade produzida pelo amor que vem de Deus, aquela jovem igreja certamente não se manteria una em meio a tantas oposições e perseguições.

Esse parece ser o melhor caminho para a prosperidade de qualquer comunidade local hoje. Em um tempo de crise institucional-religiosa como o nosso, líderes e igrejas estão, de maneira desesperada, em busca de fórmulas mágicas para a superação de seus dilemas particulares. Fundamentar todas as suas ações no alicerce do amor, assim como fizeram os cristãos tessalonicenses, é, sem dúvida, a melhor atitude a ser adotada por cada um de nós.

### **O Caráter Contagante do Amor**

O amor é, com muita naturalidade, a instância existencial mais desacreditada pela sociedade contemporânea; é claro, porém, que tal rejeição possui uma justificativa lógica. Vivemos num modelo social anticomunitário; somos um amontoado de pessoas, mas cada um está preso as suas ambições e desejos individualistas.

A cibercultura, componente inegável de nosso mundo atual, tem contribuído, direta e paradoxalmente, para o afastamento das pessoas. Deve-se entender como uma incongruência esse nexos causal entre cibercultura e atomização dos indivíduos, pois o discurso que se propagandeia associado aos mecanismos de comunicação em massa atrelados à Internet é o de que eles foram criados para facilitar a comunicação e interação interpessoal.

Entretanto, não é essa a constatação empírica que percebemos na realidade. A Internet — e, de maneira mais específica, as redes sociais — torna-se cada vez mais num ambiente de isolamento dos indivíduos e seus discursos. Ora, num esforço para dar a cada indivíduo a tão prometida visibilidade universal

— objeto de desejo incessante da maioria das pessoas hoje — a Internet fez com que todos pudessem falar o que quisessem, o quanto desejassem e da maneira como melhor acreditassem.

Em tempos de culto à imagem de si mesmo, cada um agora tem sua própria tela de projeção pessoal (*Youtube*), por meio da qual pode criar as histórias de si e para si o quanto quiser. Numa sociedade onde as grandes obras da literatura mundial estão sendo relegadas ao esquecimento, qualquer indivíduo pode escrever um livro contando sua história particular (*Facebook*), a qual, sob seu controle, sempre enaltece seu personagem principal. Em última análise, as pessoas nem se comunicam mais; elas apenas, de modo animalesco, emitem seus grunhidos (*Twitter*) umas às outras.

Como consequência dessa ilusória liberdade de dizer e de ser visto, temos um culto ao monólogo, onde as pessoas falam sozinhas sobre o que acham, desejando que outros indivíduos concordem com elas, compartilhem, curtam, façam *views* de suas opiniões, sendo que, na maioria dos casos, a fala do outro, o ponto de vista do outro e até mesmo os argumentos do outro são sufocados pela preocupação mesquinha de cada indivíduo consigo mesmo.

Todos querem ser vistos e ouvidos, mas quem deseja acolher e compreender o outro? Pouquíssimas pessoas. Instalou-se, assim, um culto ao individualismo. O suposto amor que se encerra em si é, na verdade, narcisismo ou, até mesmo, idolatria. Essa é a maior sofisticação da operação do erro na contemporaneidade: “Por que preciso da imagem de outro ser se posso cultuar a minha?”, “Por que devo ajoelhar-me diante do altar de outro personagem se posso prostrar-me diante de mim mesmo?”, “A quem oferecer glórias se a vanglória a mim direcionada satisfaz meu ego?”.

É por isso que o amor não tem espaço nessa sociedade, pois, enquanto categoria constitutiva do ser divino, o amor implica doação. Ora, não se doa nada a si mesmo; para algo ser oferecido, é necessária a existência de um alguém a quem se dedique aquilo que se está a oferecer.

O amor não cabe em si mesmo; não pode conter-se num único ser. Por isso, o universo foi criado em amor, como que pelo transbordamento de Deus no cosmos. A constatação de que se vive em amor é alcançada a partir do momento em que se compreende que não se deve viver apenas em si ou para si, pois se precisa, de modo concreto, do outro.

Os surpreendentes acontecimentos em Tessalônica só podem ser explicados mediante o amor contagiante que aqueles novos irmãos experimentaram. A pequena semente que foi espalhada por Paulo converteu-se numa frondosa árvore cujos frutos não apenas o apóstolo colhia, mas também a própria comunidade de novos cristãos e, de maneira surpreendente, toda a região ao redor.

Qualquer tentativa de conter esse amor que constantemente aumenta acarretaria na crise da própria experiência cristã. Um cristão medíocre é identificado por sua carência de amor. Quem vive em comunhão íntima com o Pai pode enfrentar a escassez com relação às coisas supérfluas da vida, mas nunca será privado da dádiva do amor.

Por isso, a oração de Paulo, antes mesmo de concentrar-se em qualquer clamor por segurança física ou prosperidade material daqueles irmãos, era pelo crescimento em amor de cada tessalonicense. E o quanto é possível crescer em amor? Infinitamente. Por muito amar seu filho, uma mulher foi capaz de abrir mão de seu direito de maternidade para não testemunhar a morte de seu filho (1 Rs 3.26); por amor à vida de sua filha, um príncipe da sinagoga prostrou-se em público diante de Jesus, rogando pela vida de sua filha (Mc 5.22,23); exclusivamente por amor, Jesus fez tudo o que era necessário para garantir-nos o acesso à salvação.

E o que significa crescer em amor? Significa transcender padrões humanos de relacionamento e aproximar-se continuamente do exemplo vivo do caráter de Deus, que é Cristo. Significa estender abraços de misericórdia e perdão àqueles que, por necessitarem, estão amargurados de espírito. Assim como os

tessalonicenses, cresçamos em amor; que haja entre nós mais líderes que orem continuamente por uma experiência comunitária de amor.

## **Paulo aos Tessalonicenses: sobre uma Vida Simples e Sossegada**

Consumismo, busca desenfreada pelo estrelato, desejo de poder. Essas são algumas das doenças de nosso tempo, por meio das quais as pessoas têm-se submetido a padrões de vida extremamente degradantes na intenção de atingirem o tão sonhado *status* social.

As orientações de Paulo para os cristãos tessalonicenses vão na contramão de todo esse projeto de vida contemporâneo; o apóstolo sugere que cada indivíduo busque uma vida quieta (1 Ts 4.11), isto é, longe das discussões inúteis e apartada das confusões gananciosas que se estabelecem em nosso entorno.

O ensino de Paulo não procura justificar qualquer tipo de acomodação ou falta de atitude — inclusive, como discutiremos a seguir, a fala do apóstolo vai na direção da exortação ao trabalho pessoal —, mas, sim, um ideal de vida que fuja da ambição por glória ou poderes humanos.

De que maneira, conforme o entendimento de Paulo, estabelece-se uma vida de simplicidade? Basicamente, de duas maneiras: primeira, cuidando daquilo que diz respeito a nós mesmos e, segunda, utilizando nosso tempo com atividades úteis para nossas vidas. Passemos a analisar cada uma dessas duas medidas a serem tomadas de forma prática para o bem-estar de nossas vidas.

A sabedoria judaica antiga já afirmava: “O que, passando, se mete em questão alheia é como aquele que toma um cão pelas orelhas” (Pv 26.17). Muitos dos problemas que enfrentamos na vida não dizem respeito diretamente a nós mesmos, mas aos outros; dessa forma, no intuito de ajudar um amigo, intrometemo-nos em graves e complexos conflitos.

O que devemos fazer? Devemos aceitar que a colheita de determinadas consequências é algo inevitável para todos nós e que, por mais que amemos



alguém, algumas pessoas terão de sofrer as repercussões de suas tortuosas escolhas. Isso não é egoísmo, mas, sim, consciência de responsabilidades. Devemos ajudar os irmãos em suas aflições e apoiá-los em suas dores; todavia, procurar assumir suas responsabilidades, como já diz o texto sagrado, é tolice.

O que a sabedoria do proverbialista aponta-nos é que, ao “intrrometer-nos” em problemas alheios, entramos num campo desconhecido, no contexto do incontrolável, onde haverá enormes possibilidades de sairmos feridos. Mas por que se ferir por uma situação que você não promoveu? Novamente, concentrar-se na resolução de seus problemas não é individualismo, mas um simples reconhecimento de limitação humana — se não sou capaz de resolver todas as minhas dificuldades (e quem é?), como serei capaz de solucionar as dos outros?

Em seu comentário sobre as epístolas aos tessalonicenses, Tomás de Aquino compreende a questão de não se envolver em questões alheias da seguinte maneira:

Reprimindo-se o ócio por exercer algum ofício. Por isso diz: Procurai ocupar-vos dos vossos negócios. Prov. 24, 27: Lavra cuidadosamente o teu campo, para que depois edifiques a tua casa. Diz, porém, os vossos; mas porventura não se deve cuidar de negócio alheio? E parece que sim. Rom. 16, 2: E a ajudeis em qualquer negócio.

Respondo: deve dizer-se que todas as coisas podem ser feitas desordenadamente, se são feitas fora da ordem da razão, ou seja, quando alguém age improbamente, e [podem ser feitas] ordenadamente, ou seja, quando se observa a ordem da razão, e em [caso de] necessidade; e isto é louvável. (AQUINO, 2015, p.52)

Dedicar-se à superação de nossas crises pessoais é manter o foco em algo específico. Muitas vezes, no esforço de auxiliarmos a família alheia, esquecemo-nos da nossa; quantas vezes já não ouvimos histórias trágicas de pessoas que, no afã de salvar o casamento dos outros, destruíram os seus.

Deus não está nisso!

Por fim, podemos entender a orientação paulina como uma radical crítica à fofoca. Se pararmos de “pré-ocuparmo-nos” com aquilo que os outros estão pensando ou fazendo, estaremos muito menos ocupados e mais livres para lutarmos por nossa felicidade. Invocando mais uma vez a sabedoria dos antigos judeus, esta nos atesta que se dedicar a fazer suposições sobre a vida de alguém não faz bem a ninguém (Pv 26.22). Dedicemo-nos a nossas vidas!

Já a segunda orientação apostólica para uma vida boa e sossegada diz respeito à necessidade de trabalhar em prol da própria subsistência. Paulo é bastante enfático aqui e em 2 Tessalonicenses ao denunciar todo tipo de prática de autofavorecimento injusto. Em outras palavras, aquele que não se esforça para honestamente adquirir seu sustento ainda não teve um real encontro com Cristo.

Sobre a questão do trabalho naquele contexto histórico, afirma-nos Richards:

A instrução de Paulo sugere que muitos em Tessalônica eram ociosos e precisavam concentrar-se na colocação de seus próprios negócios em ordem. No entanto, o seu chamado para trabalhar com as “próprias mãos” sugere muitas coisas sobre a camada social que compunha a igreja.

No mundo romano, trabalhar com as próprias mãos era considerado algo inferior — uma atividade que só era apropriada para escravos e para aqueles que foram libertos, pertencentes à camada mais baixa da ordem social. Em contraste, o judaísmo exaltava o trabalho com as mãos, e o judeu ideal era um homem que era treinado tanto nas Escrituras como no comércio. O Cristianismo compartilhava esta visão do trabalho, e, para dar o exemplo, o próprio Apóstolo Paulo ocupou-se do seu negócio na confecção de tendas (trabalho em couro) sempre que possível.

O chamado de Paulo para trabalhar com as próprias mãos sugere fortemente que a maioria dos cristãos em Tessalônica originava-se das classes mais baixas da sociedade (1 Co 1.26-31). (RICHARDS, 2008, p. 456)

O trabalho é um mandado divino universal ordenado por Deus à humanidade antes mesmo da Queda. Por isso, ter saúde para trabalhar honradamente deve ser o anelo de todas as pessoas. Como bem declara o apóstolo, se individualmente lutarmos para a manutenção de nossas vidas, não enfrentaremos qualquer tipo de constrangimento em virtude da necessidade de dependermos de outra pessoa para sobrevivermos.

Dessa forma, devemos dar o máximo de nós para trabalharmos por meio das habilidades e dons individuais que Deus concedeu a cada um de nós. É de vital importância, no entanto, que tudo o que fizermos seja realizado dentro da mais digna honestidade. Não somos chamados para estarmos entre os preguiçosos, muito menos entre os corruptos.

O próprio Jesus, sendo Ele homem de uma comunidade própria, tinha sua atuação profissional a qual exerceu até o início de seu ministério (Mc 6.3). Muitos indivíduos, sob o pretexto de piedade, quando, na verdade, não conseguem esconder sua ociosidade, afirmam que é impossível atuar ministerialmente de modo sério e continuar trabalhando. Bem, na verdade, não é isso o que Paulo defende em vários momentos de seu ministério (At 18.3; 1 Co 4.12; 2 Ts 3.8-11).

Na verdade, é compreensível que, em situações específicas, a igreja sustente integralmente seus ministros; o que é inadmissível é que estes — à custa de comunidades humildes — vivam como verdadeiros marajás. Se tais obreiros sentem-se vocacionados a uma vida integralmente dedicada ao trabalho de Cristo, pois que vivam na simplicidade de Paulo e na crença na providência diária do Pai, assim como Jesus Cristo.

## **Conclusão**

Como se pode perceber até aqui neste estudo sobre a primeira epístola de Paulo aos tessalonicenses, não são os temas complexos que perturbavam o

apóstolo com relação à comunidade em Tessalônica, mas, sim, o fortalecimento dos princípios mais elementares, os quais seriam capazes de conduzir aquela igreja local a um novo patamar de espiritualidade para, dessa forma, completar a obra de Cristo no meio deles.

## **Bibliografia**

AQUINO, Tomás de. *Comentário a Tessalonicenses* / tradução de Tiago Gadotti. Porto Alegre: Concreta, 2015.

CLARO, Francisco Eloi Martinho Prior. *Marcas helenistas na Primeira Carta de São Paulo aos Tessalonicenses: A inculturação no primeiro escrito bíblico cristão*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Porto, 2017. 116f.

RICHARDS, Lawrence O. *Comentário Histórico-cultural do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

## Capítulo 7



# Nossa Esperança na Vinda do Senhor

## Introdução

**P**aulo é um escritor muito atento ao seu tempo; não é à toa que, quando esteve entre os gregos no Areópago, como registra Lucas em Atos, o apóstolo utilizou de toda sua retórica, certamente advinda de sua formação educacional num contexto romano. Agora, escrevendo aos

tessalonicenses, o missionário sabe que a temática relativa às últimas coisas é uma questão a ser encarada de forma complexa, pois, em virtude da presença do forte politeísmo existente ali naquela cidade e com muito mais atenção à questão do orfismo e do culto a Dioniso, Paulo precisa esclarecer bem os tessalonicenses sobre problemas escatológicos.

Reflitamos, então, sobre a abordagem acerca das coisas futuras presente em 1 Tessalonicenses, tomando como pano de fundo a informação de que, por influência de sua tradição cultural, aqueles irmãos já possuíam crenças sobre ressurreição, vida *post mortem*, num conceito de *parusia*, etc., todas atreladas à veneração das divindades ali reverenciadas.

### **A Imensa Variabilidade Cúltica em Tessalônica**

Sendo a cidade de destaque na região da Macedônia — considerada por alguns como a “segunda Roma”<sup>12</sup> —, Tessalônica abrigava uma infinidade de tradições e práticas cúlticas. Havia uma forte influência da religiosidade egípcia e greco-romana; na verdade, instalou-se naquela cidade um conjunto de ações religiosas sincréticas, chegando ao ponto de construir-se naquela cidade um templo destinado à adoração simultânea de deuses romanos e egípcios.<sup>13</sup>

As divindades reverenciadas majoritariamente em Tessalônica até antes do primeiro século da era cristã eram Apolo, Atena e Hércules. Todavia, já no contexto da escrita da carta, as religiões mistéricas, assim como o culto a Dioniso, Asclépio e Deméter, ganharam grande espaço no seio daquela comunidade. Como nos afirma Ramos:

O mundo religioso de Tessalônica “compilava” religiões estrangeiras juntamente com os cultos locais. As evidências históricas que nos chegam falam-nos da adoração ou veneração de muitos dos deuses do panteão grego, tais como: Zeus, Apolo, Atena, Hércules, Afrodite, Deméter, Perséfone, Poseidon, Pan (Fauno) e Hades, entre outros. Várias divindades gozavam, em Tessalônica, de uma proeminência especial, destacando-se, neste sentido, Cabirus [...], Dionísio e os

deuses Egípcios, aos quais também nos referiremos. (RAMOS, 2014, p.32)

Ao tomarmos conhecimento desse aspecto histórico da comunidade em Tessalônica, podemos refletir no enorme desafio missionário que se impôs a Paulo na evangelização daquela cidade. Se o anúncio das Boas-Novas não houvesse sido feito debaixo da orientação e graça divinas, Jesus seria apenas mais um dos deuses a entrar na lista da religiosidade sincrética dos tessalonicenses.

É por isso que a conversão daqueles irmãos constitui-se como um enorme milagre em si mesmo. Em primeiro lugar, porque o anúncio do amor sacrificial de Jesus, que, literalmente, se entregou pela humanidade, foi capaz de tocar os corações entenebrecidos dos tessalonicenses a ponto de estes acreditarem na mensagem salvífica.

É necessário lembrar que havia todo um repertório de histórias fantásticas associadas aos deuses que eram cultuados ali. Diante da extraordinária narrativa de Paulo sobre Jesus de Nazaré, aquela população poderia identificá-la apenas como mais uma narrativa mítica dentre várias contadas e recontadas naquela cidade. O poder da Palavra, todavia, fez com que a fé para a salvação brotasse no coração daqueles irmãos.

A proximidade temporal, de menos de 30 anos, corroborou para o estabelecimento do cristianismo entre os tessalonicenses. A verdade do evangelho ante a ficcionalidade dos mitos greco-romanos constituiu-se como o alicerce para edificar uma igreja viva e dinâmica naquela região culturalmente politeísta.

Outro enorme desafio enfrentado por Paulo para concretizar o discipulado dos tessalonicenses era a naturalidade com que estes entendiam o sincretismo religioso. Uma vez sendo o discurso dos missionários cristãos apresentado àquela comunidade, corria-se o risco de que o mesmo fosse apenas assimilado e associado às outras práticas religiosas já vigentes.

Entre os cultos e exercícios espirituais praticados em Tessalônica, havia vários conceitos que poderiam muito bem ser equiparados ao do recém-chegado cristianismo. Coube a Paulo e a sua equipe, no pouco tempo que lhe foi possível ficar ali, defender a necessidade de um exclusivismo cútico para Jesus. Diferentemente dos deuses do paganismo egípcio-greco-romano que os tessalonicenses estavam acostumados, a adoração a Jesus Cristo exigia separação e consagração total.

Sobre o caráter sincrético da religiosidade tessalônica, afirma-nos Abreu:

A terceira característica era seu caráter plurirreligioso, pois, como outras cidades de sua época, ela mantinha certa dependência ideológica para com a capital do Império; isso obrigava seu povo a cumprir os cultos ao imperador, mas não lhe proibia de cultivar suas próprias práticas religiosas, de modo que a cidade prestava culto a divindades egípcias, gregas e asiáticas, possibilitando uma convivência entre essas crenças e favorecendo o sincretismo (ABREU, 2015, p.83).

Diante de um choque de realidade tão grande, a possibilidade de haver uma rejeição completa de tudo o que estava sendo anunciado era muito grande. Contudo, o efeito foi muito eficaz na vida de uma parcela considerável de pessoas de Tessalônica. Houve uma significativa adesão, e, como o próprio apóstolo testemunha, os tessalonicenses converteram-se dos ídolos a Deus (ver 1 Ts 1.9).

A variabilidade cútica impunha-se a Paulo como um enorme desafio a ser superado, uma vez que a religiosidade, como se sabe, transcende os aspectos litúrgicos ou ritualísticos da própria religião, associando-se, na maioria dos casos e de maneira íntima, a componentes sociais e culturais de um povo.

Dessa forma, não bastava anunciar Cristo como salvador das almas — o orfismo muito difundido em Tessalônica já fazia isso. Era necessário demonstrar que Jesus mudava o modo de viver das pessoas. Daí, tantas



orientações práticas que se podem encontrar no curso de todas as duas epístolas.

Conheçamos, então, algumas das divindades e dos cultos reverenciados em Tessalônica para, assim, compreendermos ainda mais o significado de algumas exortações e orientações paulinas em 1 Tessalonicenses.

### **Cabiros e o Mito da Divindade que Socorre os Vulneráveis**

Cabiros são entidades da religião pública grega que paulatinamente foram apropriadas pelos cultos dos mistérios. Segundo a tradição helênica, eram divindades mistéricas (de quantidade variável; conforme algumas narrativas três; em outras, quatro ou seis) e filhos de Hefestos. Seu culto estava associado a rituais sexuais e eram protetores dos navegantes.<sup>14</sup> Já de acordo com as lendas oriundas da Samotrácia (At 16.11) — região de onde provavelmente o culto a essas entidades migrou para Tessalônica e popularizou-se —, os Cabiros eram três, sendo que um dos irmãos foi assassinado de maneira covarde e cruel pelos outros dois.<sup>15</sup>

Após o assassinato, a cabeça do morto foi enterrada no sopé do Monte Olimpo para que jamais fosse encontrada. Todavia, por benevolência dos deuses, este ser volta à vida, devotado, agora, a ajudar àqueles que enfrentam dificuldades no mar, os que são escravizados e oprimidos militarmente.<sup>16</sup>

O culto aos Cabiros estava intimamente associado a possessões violentas, com manifestações de agressividade e gritos amedrontadores. Segundo uma tradição antiga, apenas os iniciados nos mistérios poderiam invocá-los, sob a pena de serem sacrificados aqueles que, de maneira inadvertida, ousavam chamar essas divindades.

Dessa maneira, foi mais do que natural tal culto popularizar-se e tornar-se o mais importante entre a maior parte da população, que era majoritariamente pobre e escrava. Havia, assim, a crença de que o Cabiro assassinado regressou da morte para ajudar os mais frágeis e vulneráveis. Destaque-se aqui, ainda que sinteticamente, que a ideia de uma divindade que retorna para

ajudar os desvalidos e perseguidos não era uma novidade entre os tessalonicenses. A grande questão no discurso de Paulo diz respeito à motivação do retorno de Jesus e aos acontecimentos que se desencadearão a partir desse fato.

Como afirma WANAMAKER (1990, p.5), com o passar do tempo, o culto a essas divindades acabou sendo incorporado pela aristocracia — que, naquele contexto histórico, governava Tessalônica localmente — e, dessa maneira, foi institucionalizado, a ponto de haver registro de moedas cunhadas com a efígie do deus.

Nesse novo contexto, os Cabiros tornaram-se as divindades favoritas dos ricos, que, por sua vez, as utilizavam como elemento de unificação comunitária e defendiam que o ataque a tais seres era sinônimo de ataque à própria comunidade. Entretanto, os Cabiros tornaram-se rejeitados pela população mais pobre exatamente por sua associação com a aristocracia que a oprimia.<sup>17</sup> Em determinado momento histórico, os Cabiros tornaram-se as divindades patronas de Tessalônica (Green, 2002, p.3).

Sobre os testemunhos antigos acerca dos rituais celebrativos aos Cabiros, Ramos afirma:

Estrabão descreve os crentes ou adoradores neste culto e noutros similares como «uma espécie de pessoas inspiradas, sujeitas ao delírio báquico, e, disfarçados de ministros, que espalham o terror na celebração de ritos sagrados por meio de danças de guerra, acompanhadas de armas e clamores». Não é possível determinarmos com exatidão como era celebrado o culto de Cabiros em Tessalônica, porém, aparentemente o Falo tinha um papel preponderante nas celebrações. (RAMOS, 2014, p.32)

Diante desse quadro religioso, Paulo ainda enfrentava outro sério problema: a associação entre o mito dos Cabiros e a história de Jesus. Que credibilidade receberia um pregoeiro que anunciasse uma nova divindade com uma história

tão similar a do deus local? Um Deus que se associasse aos mais vulneráveis, que fora morto por seus irmãos, que ressuscitara e agora vivia para ajudar pobres e escravos. De fato, esse era um enorme desafio, pois, ao que parece, naturalmente haveria uma rejeição, em virtude da opção de permanecer com o deus local.

Além disso, a institucionalização do culto aos Cabiros por parte da aristocracia e a rejeição da parcela mais pobre da população conduziriam a outro grave problema: a introdução de outro culto soaria aos responsáveis pelo comando da cidade como um desrespeito à divindade local; já entre os mais frágeis, a associação entre Jesus de Nazaré e os Cabiros produziria um desprezo imediato ao primeiro.

Conforme lemos na epístola aos tessalonicenses, houve, no entanto, uma boa parcela da população da cidade que creu no anúncio das Boas-Novas trazidas por Paulo e seu grupo de cooperadores. De forma que Paulo escreve àquela igreja assegurando que a salvação que eles receberam teria seu ápice não num ritual de iniciação misterioso, com a necessidade de práticas sexuais coletivas, e sim num encontro triunfal com o redentor nos ares, juntamente com todos os santos que ressuscitarão.<sup>18</sup>

## **Dioniso como Simulacro de Jesus**

O estabelecimento do culto a Jesus passava ainda pelo desafio de superar a forte imagem de Dioniso entre os tessalonicenses. Assim como os Cabiros, Dioniso é um deus “importado” pela comunidade de Tessalônica, muito provavelmente como resultado das múltiplas interações sociais e culturais estabelecidas naquela destacada cidade da província da Macedônia.

Assim como no mito de Cabiros, há muitas similaridades entre a história de Jesus e os mitos que se relacionam a Dioniso; senão, vejamos: Dioniso/Baco é filho de Zeus — potestade máxima do Olimpo — e nasceu de forma miraculosa. Fruto de um adultério, Zeus, disfarçado em forma humana, engravidou a mortal Sêmele; Hera, a esposa do soberano do Olimpo, quando

soube do fato, também se disfarçou de humana e manipulou Sêmele para que esta exigisse que seu amante apresentasse a sua verdadeira face.

Ora, diante da insistência enlouquecedora da humana, o deus do relâmpago manifesta-se, sendo que o resplendor de sua glória fulmina Sêmele. Todavia, antes de permitir que a criança seja também destruída ainda na barriga, Hermes salva-a e esconde-a, costurando-a na coxa, o que permitirá não apenas a continuação de sua gestação, mas, na verdade, uma nova gestação e um novo nascimento, porém, agora, divinos. Por essa causa, Dioniso é, dentre os deuses do panteão grego, um genuíno filho de Zeus, carne da mesma carne do rei do Olimpo.

Em razão da fúria de Hera, Dioniso torna-se um deus errante, fugitivo e, mais tarde, um ocioso. Inicialmente, ele é disfarçado sob a forma de bode para esconder-se da mulher de Zeus. Por viver sob os cuidados das ninfas, ele cresce com trejeitos afeminados. Em suas muitas andanças, torna-se companheiro de Sátiros e Mênades, que lhe servem, além de patrono do vinho e dos bacanais.

Segundo as tradições da Grécia arcaica, isto é, na primeira referência a Dioniso na *Ilíada* (*Canto VI*, 130-140), este é descrito ainda na adolescência sob forte perseguição de Licurgo, rei dos Edônios na Trácia. Diante dessa situação desesperadora, tomado pela *mania* (loucura divina), Dioniso lança-se no mar — como num atormentado ato de desprezo pela vida —, mas acaba sendo salvo por Tétis (uma das divindades do mar) e vingado por Zeus.<sup>19</sup>

Sobre o caráter contraditório de Dioniso, defende Almeida:

Diônisos confunde as fronteiras que poderiam parecer tão estabelecidas, entre homem e mulher, grego e bárbaro, deus, homem e animal; tudo se amalgama, tudo muda. [...] Não se trata de algo contraditório, é complementar. [...] Ao avaliarmos o deus do vinho como *ksénos*, não um bárbaro, um estrangeiro que pertence ao mundo helênico, visualizamos melhor porque Diônisos está tanto na esfera pública quanto na cênica. Ele é outro e este outro não deixa de ser um grego... (ALMEIDA, 2014, p. 36)

É por isso que, já na Antiguidade, diversos autores debruçaram-se sobre a tarefa de descrever e refletir sobre o êxtase báquico. De ano em ano, as três festas que se celebravam oficialmente a Dioniso eram regadas de muito vinho, de procissões fálicas, de danças e êxtases coletivos.<sup>20</sup> Se as outras divindades são celebradas na intimidade de templos, cavernas ou lugares secretos, o culto a Dioniso é feito a céu aberto, diante de todos, envolvendo especialmente mulheres e escravos — estes eram tão desprestigiados socialmente que sequer possuíam direitos de cidadania —, aos quais se apresenta a possibilidade de vivência não apenas de deslumbramento individual, mas também de um êxtase coletivo e contagiante, sempre e necessariamente, vivenciado em grupo.

O persistente uso da imagem do falo nos rituais dionisíacos tinha, como bem nos atesta, uma dupla finalidade: associar-se à imagem campestre da fertilidade, voltada mais para a população pobre do campo, e a autoridade patriarcal familiar, muito forte no espaço urbano, especialmente com relação ao desenvolvimento da política.

Estando sob o domínio de Baco, os excessos e descontroles de qualquer pessoa seriam vistos como aceitáveis, compreensíveis e, em alguns casos, desejáveis. Diante de um contexto como esse, Paulo precisa anunciar uma santidade que denuncia diretamente os excessos do dionisismo.

Além desses importantes fatos da biografia de Dioniso, há dois acontecimentos que a tradição mítica narra e que serão de extrema importância para a compreensão do discurso de Paulo sobre as últimas coisas: a morte e a ressurreição de Dioniso.

Segundo outro mito sobre o nascimento e infância de Dioniso, sendo este o mais amado entre os filhos do deus do Olimpo, ele estava destinado a suceder Zeus no trono; todavia, por medo de Hera, o pai dos deuses do Olimpo pôs o pequeno Dioniso sobre os cuidados de Apolo, que o escondeu nas florestas

do Parnaso. A enfurecida mulher de Zeus, entretanto, encontrou a criança divina e ordenou aos Titãs — divindades pré-olímpicas — que o matassem.

Disfarçados, os Titãs atraem a criança divina por meio da oferta de brinquedos. Seduzida, a criança divina é raptada, morta, despedaçada, cozida e devorada pelos Titãs, que deixam apenas o coração de Dioniso como prova de seu ato malévolos. Zeus, irado, fulmina os Titãs. Das cinzas destes, surgem os homens — parcialmente maus, por sua ancestralidade titânica e parcialmente bons, por sua ascendência dionisiaca. Resta dizer que, do coração não devorado, Zeus faz ressurgir o imortal Dioniso.

Esse movimento de morte e ressurreição, queda e ascensão, era uma característica das religiões místicas descrita comumente por meio dos termos *katábasis* e *anábasis*. Paulo, ao falar sobre o retorno de Jesus, que “descerá do céu” (1 Ts 4.16), usa o consagrado termo *καταβαίω*.

As semelhanças do mito de Dioniso com a história de Jesus de Nazaré são gritantes: São duas crianças perseguidas, que precisam fugir e esconder-se para sobreviver. Diante de suas fragilidades, seus pais livram-lhes da morte que constantemente o cerca. São covardemente assassinados; todavia, ressurgem de maneira sobrenatural. O fato de o texto aos tessalonicenses ressaltar essas semelhanças em vários momentos serviria como elemento de aproximação discursivo-retórica — estratégia esta utilizada por Paulo em Atenas (At 17), por exemplo — para melhor anúncio do evangelho entre os cidadãos de Tessalônica.

## **Paulo, o Império e a Pregação do Evangelho em Tessalônica**

Como já anteriormente discutido, Tessalônica gozava de um alto prestígio junto ao Império Romano na época da missão paulina na cidade. Em virtude desse fato, ela possuía um conjunto de instituições que se reunia para as decisões de repercussão coletiva.<sup>21</sup> Foi tomando esse *status* como elemento de justificação que algumas lideranças locais da cidade armaram-se contra Paulo e sua equipe. O discurso era de que a pregação do evangelho tanto

causava distúrbios sociais, como disseminava um discurso anti-imperial (At 17.6,7).

Como já foi afirmado em capítulos anteriores, havia um forte culto imperial em Tessalônica; por isso, é importante lembrar que algumas das denominações que Jesus recebe nessas duas cartas paulinas são as mesmas utilizadas para o culto dos imperadores em Roma: “filho de Deus”, “Salvador”, “Senhor”. O que se tem a partir desse uso cristão dos mesmos termos do culto ao imperador é o estabelecimento de um conflito político-religioso: se chamar César de “filho de Deus” e “Salvador” seria divinizar a imagem de um homem, denominar Jesus como “Senhor” é, por outro lado, o mesmo que o declarar imperador e governante não apenas de Tessalônica ou do império romano, mas de todo o mundo.

Sobre esse caráter confrontador do evangelho de Paulo em Tessalônica, conclui Green:

O Evangelho de Cristo (1.5) é a proclamação de que Jesus, e não o imperador ou a autoridade política, é o poder último e soberano. A mensagem é antiimperial e significa o juízo da idolatria de qualquer que exalte o poder político e a posição absoluta do Estado. O evangelho proclamado em Tessalônica não pode ser separado das realidades históricas e políticas da cidade. (GREEN, 2006, p. 21)

Pode-se, assim, compreender que o anúncio do evangelho entre os tessalonicenses teve não apenas repercussões espirituais-religiosas, mas também consequências sociais e políticas. Esse é o caráter do verdadeiro evangelho de Cristo. O Senhor que os tessalonicenses deveriam esperar viria do céu, e não de Roma!

A crítica de Jesus ao falso anúncio de paz e segurança desmascara diretamente o conjunto de práticas político-militares que o Império tomou para instaurar aquilo que se notabilizou como a *Pax Romana*. Declarada em 28 a.C. por César Augusto, essas medidas tinham como pretexto trazer

unidade e paz aos territórios do vasto Império Romano; todavia, o que se testemunhou foi a implementação voraz e violenta de um imperialismo que massacrava e silenciava as vozes discordantes do Império. Sem qualquer sombra de dúvidas, nesse contexto, Paulo e seus cooperadores constituíram-se sérios inimigos da relação de privilégios e subordinação de Tessalônica com Roma.

Mais uma vez, Green, refletindo sobre essa relação das instituições romanas e a igreja em Tessalônica, ajuda-nos a compreender alguns argumentos presentes no texto paulino:

Possivelmente “paz e segurança” era a resposta sobre o anúncio de juízo que viria sobre eles e sobre aquele que se adorava como divino (2 Ts 1.6-10; 2.1-12). A palavra “paz” denota uma realidade política, a ausência de guerra, mas também uma condição social, a garantia de tranquilidade que traria alegria e prosperidade ao povo. A ἀσφάλεια, “segurança” pública e política, era a condição dos que estavam a salvo de qualquer dano e a estabilidade que provinha desta condição. A combinação das palavras encontra-se frequentemente nos textos antigos. [...] Mas a combinação era particularmente um *slogan* imperial, e, portanto, o versículo 3 se deve entender como um ataque de frente contra o programa imperial que prometia *Pax et Securitas*. Representa uma nota da pregação política de Paulo. (GREEN, 2007, p.16).

Por fim, pode-se ainda fazer referência aos conceitos de *parusia* e *apantesis* que, apropriados pelo cristianismo, passaram a ter um determinado sentido no texto bíblico, mas que originalmente eram oriundos do mundo político romano. Denominava-se de *parusia* a entrada triunfal e festiva de uma autoridade política (imperador, senador, etc.); *apantesis*, por sua vez, é a parte mais importante da cerimônia da *parusia*, onde a população em procissão celebrativa saía da cidade para encontrar-se com a autoridade que estava para chegar. Segundo esses cerimoniais, a *apantesis* constituiria uma escolta de honra que conduziria o dignitário político à cidade em que ele



visitaria.

Se em 1 Ts 4.15, Paulo anuncia a *parusia* do Senhor Jesus, em 1 Ts 4.17, ele descreve a *apantesis* da Igreja com o seu Senhor nos ares.<sup>22</sup> Dessa maneira, apropriando-se dos cerimoniais políticos que eram amplamente conhecidos pelos tessalonicenses, Paulo ressignifica-os para anunciar o retorno triunfal de Cristo para vir buscar sua Igreja.

Entretanto, diferentemente daquilo que acontecia nas cidades e colônias romanas antigas, no retorno de Cristo, Ele não virá para adentrar a uma província a ser visitada, mas, antes, levará consigo aqueles que foram esmagados e perseguidos por Roma durante a vida, mas que viverão eternamente na celestial cidade.

Talvez, o que angustiasse aqueles irmãos fosse o fato de como os santos já mortos iriam participar da *apantesis* ao Senhor Jesus; pois se só os participantes deste celebrativo encontro seriam conduzidos pelo rei não de volta à Tessalônica, mas à vida eterna, o que aconteceria com os piedosos que já haviam morrido? É nesse instante que Paulo introduz a temática da ressurreição dos mortos para elucidar as dúvidas daqueles novos irmãos.

Como se percebe, naquele contexto histórico, conforme os termos técnico-políticos utilizados pelo apóstolo em 1 Tessalonicenses, era muito mais fácil para aqueles irmãos recém-convertidos entenderem como os súditos de Jesus de Nazaré ainda vivos — apesar da perseguição — encontrar-se-iam com seu Senhor do que entender como isso aconteceria com aqueles que já haviam morrido.

De uma só vez, Paulo reforça seu discurso de consolo ante as fortes perseguições e esclarece os tessalonicenses sobre o glorioso futuro da Igreja.

## Conclusão

Feitas as devidas contextualizações histórico-sociais, as palavras apostólicas sobre as últimas coisas ganham maior significância. É claro que o texto

paulino tem muito a falar-nos hoje; todavia, ao buscarmos a compreensão pormenorizada da situação dos tessalonicenses, alguns detalhes da fala de Paulo ganham mais clareza.

Não é pelo auxílio de nenhuma divindade helênica que esperamos, mas, sim, pelo socorro bem presente de Cristo. A ressurreição de nosso Senhor não foi um ato misericordioso de um deus que se envolveu em escândalos conjugais, mas a prova material da vitória sobre a morte. A chegada triunfal de Jesus, o Senhor, superará em glória e majestade a *parusia* do mais destacado governante humano. Não haverá alegria tal como no encontro, isto é, na *apantesis*, da Igreja com seu único e verdadeiro Rei. Ali, eternamente no Reino celeste, haverá uma verdadeira paz que não passará.

## Bibliografia

ABREU, Odailson Volpe de. *O trabalho como elemento formativo nas Cartas de Paulo de Tarso*. Dissertação (Mestrado em Educação). Maringá, 2015. 113f.

ALMEIDA, João Estavam Lima de. *Um deus a céu aberto: Diônisos e a expressão material do teatro na passagem da pólis na Grécia arcaica e clássica – Séc. VI-III a.C.* Dissertação (Mestrado em Arqueologia) São Paulo: USP, 2014. 251 f.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. vol. I, II, III. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

CLARO, Francisco Eloi Martinho Prior. *Marcas helenistas na Primeira Carta de São Paulo aos Tessalonicenses: A inculturação no primeiro escrito bíblico cristão*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Porto, 2017. 116f.

GREEN, Eugenio. *El anuncio del evangelio ante el poder imperial en Tesalónica*. Kairós, nº 39, Jul-Dic 2006. p. 9-22.

\_\_\_\_\_. *La Pax Romana y el día del Señor - 1 Tesalonicenses 5:1-*

11. Kairós, nº 41, Jul-Dic, 2007. p. 9-28.

PAGANOTTO, Diones Rafael. *A parusia de Cristo segundo Paulo: Um estudo exegético-teológico de 1Ts 4,13-18*. Dissertação (Mestrado em Teologia). São Paulo, 2015.

RAMOS, José Patrício Seara Pereira. *A salvação na história: o contributo de Paulo e da comunidade em Tessalônica para a reflexão escatológica*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Porto, 2014. 128f.

---

<sup>12</sup> Cf. ASCOUGH, 1997, p. 48.

<sup>13</sup> O referido templo é o Grande Sarapeum, descoberto em escavações arqueológicas em 1920, no qual foram encontrados inúmeros objetos e imagens associados tanto à religiosidade egípcia como aos cultos da religião privada grega.

<sup>14</sup> Cf. BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. vol. III. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. p. 179.

<sup>15</sup> GRIMAL, P. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Trad. V. Jabouille. Lisboa: DIFEL, 2ª ed., 1993. P. 76,77.

<sup>16</sup> Para a maior parte dos especialistas, apenas uma das três entidades, especificamente a assassinada, denominada de *Cabirus*, era reverenciada com maior destaque; todavia, a despeito dessa possibilidade, sempre nos referiremos ao conjunto das divindades, nunca apenas a *Cabirus*.

<sup>17</sup> Cf. GREEN, Gene L. *The Letters to the Tessaalonians*. The Pillar New Testament Commentary. Michigan: PNTC, Eerdmans, 2002, p. 43,44.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Paulo de Tarso, História de um Apóstolo*. São Paulo. Edições Loyola, 2007. p. 74,75.

<sup>18</sup> Cf. PAGANOTTO, Diones Rafael. *A parusia de Cristo segundo Paulo*. Um estudo exegético-teológico de 1 Ts 4.13-18. (Dissertação) Mestrado em Teologia. São Paulo, 2015. 200f (p.114).

<sup>19</sup> Se o encontro dos adoradores de Cabiro dava-se em cavernas escuras e isoladas, a volta do Senhor Jesus será um evento público, através do qual todos saberão sobre o poder e a glória do Rei dos reis.

<sup>20</sup> Para alguns autores, como Brandão (2001, p. 115), esse episódio em Homero associa-se

a duas informações sobre Dioniso: 1) Explicaria, de forma mítica, a origem estrangeira da divindade, que posteriormente acaba sendo apropriada pela cultura helênica de tal forma que, no início da era cristã, Dioniso já era enumerado entre as 12 principais potestades olímpicas que regiam o cosmos junto a Zeus; 2) Justificaria os rituais iniciáticos dos cultos místéricos ligados a Dioniso que se utilizavam da água como elemento de purificação, ou seja, catarse da alma.

<sup>20</sup> Perceba, aqui, a correlação que se pode estabelecer entre as procissões que se formavam para chegar até a Dioniso e o grande encontro do povo de Deus nos ares com Jesus Cristo. Enquanto os tessalonicenses que celebravam a Baco faziam-no por meio de ações e imagens sexuais, a procissão de santos que encontrará o Senhor no céu é constituída por aqueles que foram santificados e que superaram toda dependência do prazer para aguardarem a felicidade eterna com confiança.

<sup>21</sup> A condição de cidade livre concedia à Tessalônica o direito de ter uma assembleia de cidadãos (*demos*) que tinha poder de decisões políticas, um conselho de anciãos (*bulé*) que administrava os recursos da cidade e um grupo de líderes que exercia o governo (*politárcos*).

<sup>22</sup> Cf. excelente pesquisa de Paganotto (2015) sobre o conceito de *parusia* e *apantesis* em 1 Tessalonicenses.

## Capítulo 8



# A Vida Cristã e a Estima pela Liderança

## Introdução

O que será de cada um de nós quando não pudermos mais colaborar em nossas igrejas locais de modo tão ativo e produtivo como fazemos hoje? Seremos simplesmente esquecidos em um banco de nossas comunidades? Ou, ainda pior, abandonados em nossas casas, restritos por limitações físicas

e de saúde?

Bem, é sobre esse tipo de reconhecimento que Paulo está a debater com seus amigos em Tessalônica. Ainda que tudo naquela cidade não tenha ocorrido de forma ideal, algumas lideranças foram estabelecidas mesmo assim; de tal forma que, em nome do respeito e do reconhecimento às pessoas que desempenharam atividades tão relevantes em um contexto tão adverso, o apóstolo dirige algumas orientações à Igreja tessalônicaense.

É pensando sobre este papel do reconhecimento da igreja local — tanto em seu aspecto de honra aos que trabalharam para a expansão do Reino, como com relação à autoridade da coletividade em reconhecer os chamados e as vocações individuais — que discutiremos neste capítulo.

## **Sobre a Necessidade de Anunciar constantemente a Verdade**

Vivemos em tempos de muitas mentiras, erros, falsificações. A crise que nos rodeia é tão grande que muitos insistem hoje que os critérios de verdade, justiça e bondade foram todos relativizados; e, se assim for, deve valer tudo em nossa sociedade. Na verdade, esses dois aspectos da contemporaneidade estão intimamente relacionados, ou seja, a causa de todo relativismo é a profusão de mentiras que se propagam com uma enorme velocidade em nosso contexto histórico.

Uma mentira não precisa ser contada mais de mil vezes para tornar-se uma verdade; as milhares de mentiras coexistentes já emudeceram as poucas verdades que ainda sobrevivem.

Dessa forma, como restabelecer a verdade a seu lugar? Dando-lhe lugar de fala, redirecionando nossas estratégias de combate ao erro. Ao invés de insistirmos em apontar para as falácias, de tal modo que, num mundo midiático, estas ganhem os holofotes continuamente, devemos estar concentrados em clarificar e proclamar a verdade.

Um exemplo muito claro da necessidade deste novo modo de enfrentamento da mentira é o desafio que qualquer liderança enfrenta hoje no contexto

religioso. Os vários escândalos de natureza sexual, as inúmeras denúncias de envolvimento com corrupção pública, o uso imoral do dinheiro de muitas comunidades para a compra de roupas de grife e jatinhos; tudo isso, no julgamento da imensa maioria da população, põe todas as lideranças religiosas na mesma vala comum.

Se reduzirmos essa análise ao mundo evangélico brasileiro, tudo fica muito pior. A credibilidade de pastores e líderes é baixíssima no senso comum da maioria das pessoas. Mas isso tudo porque, numa avaliação generalizante, todos são considerados iguais em suas posturas e intenções.

É claro que esse tipo de ponderação sobre o enorme universo de homens e mulheres que se dedicam ao Reino de Deus é injusto. O que acontece, como já anteriormente apontamos, é que o mal e o erro têm maior visibilidade que o bem e aquilo que é correto. Uma minoria de indivíduos comete erros reprováveis, e suas atitudes vêm a público; contudo, todo um universo de pessoas é pejorativamente mal avaliado.

O escândalo dos mal-intencionados faz com que a imensa maioria dos que exercem serviços de liderança em nossa comunidade sejam malvistas, quando, na verdade, existe um exército de servos que, de maneira desprendida, doam suas vidas, tempo e até mesmo finanças para o desenvolvimento do Reino aqui na terra.

Sobre a necessidade de ponderação e mediação sobre o trabalho dos que lideram, Boor afirma-nos:

Nessa multidão viva e ativa existem pessoas “que labutam em vosso meio”. Porque a longo prazo nenhuma comunhão de pessoas pode subsistir somente com os respectivos serviços voluntários. Carece das ordens e igualmente dos membros que assumem certos serviços de forma duradoura. Nessa questão a igreja precisa levar em conta o permanente perigo de que essas ordens se enrijeçam como fins em si mesmos e de que esses membros da igreja se tornem “papas” (com ou sem talar e tiara!) que transformam o serviço em dominação. Esse perigo precisa ser constantemente superado com reiterados avivamentos e reformas. Mas não é

possível existir sem serviços organizados e permanentes. (BOOR, 2007, p. 47)

## **Paulo, os Tessalonicenses e o Reconhecimento das Lideranças**

Diante desse quadro problemático que se impõe hoje, as orientações paulinas nunca se fizeram tão necessárias. Ao escrever para os tessalonicenses, o apóstolo faz um último rogo àquela comunidade: que reconheçam os que trabalham entre os irmãos e que também lideram conforme as orientações do Senhor (ver 1 Ts 5.12).

Um dos elementos centrais no pedido de Paulo à Igreja em Tessalônica é que o reconhecimento deve ser feito às pessoas, e não ao trabalho realizado. O que se percebe continuamente em nosso contexto evangélico brasileiro é que, muitas vezes, se fala muito sobre o trabalho dos líderes, as obras que eles realizaram, seus feitos; contudo, esquece-se de suas pessoas.

A despersonalização daqueles que se doam aos ministérios de liderança é algo muito sério. Num processo de abuso e uso dos sujeitos, instituições aproveitam-se do coração generoso, das inexperiências juvenis e, muitas vezes, exploram pessoas para, simplesmente, num momento posterior, lançá-las fora.

São incontáveis as histórias de líderes — não apenas de pastores, mas também de irmãs de oração, dirigentes de congregação, piedosos servos e servas — que, durante anos, se entregaram completamente ao apoio a uma determinada obra, mas que, ao envelhecerem ou mesmo apenas ao não serem capazes de doarem-se o quanto faziam antes, são simplesmente afastados, isolados, esquecidos.

Quantos abnegados pioneiros da obra de Deus aqui no Brasil, especialmente do pentecostalismo protestante, estão completamente ostracizados em suas residências, alguns inválidos, outros simplesmente machucados demais na alma para conseguirem, ao menos, congregar-se novamente.

O raciocínio de compreensão do envelhecer em nossas igrejas está abandonando os padrões bíblicos para adequar-se à lógica perversa da



sociedade contemporânea. Em nosso mundo, quando as coisas não produzem o resultado que as demais são capazes de gerar, elas são descartadas de pronto.

Existem inúmeros textos sagrados que apontam para a valorização e honradez da velhice. Envelhecer, segundo os padrões bíblicos, não deve ser visto como um suplício ou declínio, mas, antes, como uma benção, como um privilégio que o SENHOR Deus concede aos seres humanos.

O ancião, com sua bagagem de experiências e dons, tem a capacidade de instruir os mais novos em suas ações e pretensões. A sabedoria de quem já passou por situações semelhantes e encarnou dilemas análogos deveria ser sempre muito bem-vinda. Entretanto, não é assim que muitas igrejas funcionam; em muitos casos, elas estão subordinadas a conceitos humanos de produtividade, resultados e racionamento.

Por isso, a produção em massa de bens fundamenta o princípio da “obsolescência programada”, isto é, os objetos e ferramentas que utilizamos no cotidiano são fabricados com um prazo previsto para seu desuso; por isso, ainda que tal bem não esteja avariado ou quebrado, ele será descartado do mesmo modo, pois é necessário que ele dê lugar a um novo objeto, ainda que este não seja — na maioria dos casos — em nada melhor que o outro.

Quando pessoas são inseridas na lógica da obsolescência programada, tudo se torna mais perverso ainda. Pessoas são “sugadas” em sua força e ânimo até o último estágio — por isso, em muitas pesquisas contemporâneas, há a constatação do elevado índice de *stress* e exaustão entre líderes evangélicos no Brasil e no mundo. No momento em que tais pessoas já não são mais capazes de “dar o retorno” esperado pela instituição ou por aqueles que a comandam, elas são rapidamente trocadas, substituídas, desvalorizadas.

Quantas santas mulheres de Deus, anônimas para o grande público, porém bastante conhecidas em suas comunidades locais, padecem de esquecimento e isolamento em suas próprias casas, pois seus joelhos, que se dobraram

durante anos para clamar pelo Reino de Deus, não suportam mais o peso da idade.

Quantos piedosos pregadores — daqueles que nunca receberam cachês, mas que, durante toda a vida, anunciaram o Reino dos céus por meio da graça que lhes alcançou —, apesar de tudo o que já construíram para igrejas e comunidades locais, estão desprezados em seus lares, sem uma visita de apoio sequer, emudecidos em suas dores.

Não há nenhuma necessidade de culto ao passado e de saudosismos baratos; o que precisamos, decerto, é de uma compreensão presente de que as pessoas não podem nem devem ser descartadas.

Os efeitos desse tipo de relação objetivante são devastadores não apenas para o indivíduo em si, mas também para todo o seu círculo familiar mais próximo. A quantidade de familiares de líderes que rejeitam de maneira absoluta a hipótese de também tornarem-se líderes é altíssima.

Se pararmos para pensar, isto é um completo escândalo: aqueles que conviveram mais próximo de líderes desconsideram a ideia de também servir como líderes em virtude do histórico de desprezo e abandono antes, durante e depois da atuação ministerial.

Por isso, Paulo exorta os irmãos em Tessalônica a acolherem aqueles que foram responsáveis pelo serviço ministerial durante um dos momentos mais difíceis da trajetória espiritual daquela comunidade. Reconhecer as pessoas ali naquela cidade significaria tratá-las como servas e servos de Deus, como pessoas que, encarregadas de continuar o que Paulo iniciou, se dedicaram com amor e prontidão.

## **A Igreja Contemporânea e o Reconhecimento às Lideranças**

E hoje, de que modo uma igreja local pode reconhecer o trabalho daqueles que se doam a ela amorosamente? Em primeiro lugar, mantendo um compromisso com a memória da coletividade; histórias inteiras de uma comunidade não devem ser apagadas ao bel-prazer de um líder inseguro que,

para autoafirmar-se, precisa desconsiderar toda uma trajetória histórica que lhe antecedeu.

Outra medida prática e de simples implantação, porém de destacável relevância, seria o empenho comunitário no acompanhamento sistemático dos anciãos existentes na igreja local. Tanto como num esforço de servir a um público-alvo específico — e cada vez mais em crescimento —, como num ministério de acolhimento, auxílio e valorização do idoso como grupo social relevante dentro de toda e qualquer igreja.

Outra medida de natureza mais específica diz respeito ao trato com aqueles que se dedicaram ao serviço de liderar igrejas. Se uma igreja local desenvolveu um conjunto de atividades de tal forma que exigiu — explícita ou implicitamente — a dedicação integral de seu líder àquelas atividades, essa mesma igreja deve responsabilizar-se por providenciar as garantias para um envelhecimento digno.

Tais responsabilidades de uma igreja local passam tanto pelos aspectos espirituais, como também pelos sociais e emocionais. Não se deve abandonar um líder, mais especialmente quando este, pelo avançar de sua idade, já não consegue exercer da mesma maneira as atividades que realizava anteriormente.

Esse tipo de atitude que toda igreja deve tomar reflete diretamente uma verdade espiritual enunciada por Paulo nesse contexto de sua primeira carta aos tessalonicenses: o ministério que realizamos na obra de Cristo foi-nos dado pelo Pai, mas deve ser chancelado pela comunidade local onde o desenvolvemos.

## **A Igreja como Instrumento de Reconhecimento Ministerial**

No meio evangélico brasileiro, há uma série de anomalias extremamente perigosas, associadas exatamente à quebra desse princípio apresentado por Paulo. Por exemplo, existem indivíduos que, no afã de afirmarem sua suposta vocação ministerial, saem em turnês por vários lugares. São personagens de

vários extratos ministeriais: cantores, pregadores, profetas, etc. Gente que não possui, de fato, uma igreja local para congregar-se.

Como tais pessoas poderão desenvolver qualidades inerentes ao serviço cristão, mas que se evidenciam ou até mesmo se manifestam na vida em coletividade? Valores como submissão, serviço e senso de coletividade somente serão desfrutados numa experiência que envolva um grupo específico de pessoas que congreguem em um local particular.

Como alguém que não se submete a autoridades constituídas, que é incapaz de receber exortações por seus atos, ou até mesmo que não recebe acompanhamento espiritual de ninguém poderá desfrutar de um crescimento equilibrado e maduro? Necessariamente, somos parte de um todo; no caso do exercício de nossos dons e ministérios, eles são para a glória do Reino como um todo, mas tornam-se efetivos circunscritos a comunidades que são geográfica e historicamente localizáveis.

Dessa maneira, é importante destacar que todo esforço para um ministério autossuficiente é satânico e diabólico. Pessoas que se bastam a si mesmas estão adoecidas, maculadas pelo vírus luciferiano da adoração a si mesmo. No cristianismo, a comunidade tem prerrogativas sobre o indivíduo. Por isso, em vários momentos do Novo Testamento, os escritores sagrados atestam que os chamados e ministérios pessoais são todos frutos de demandas reais de igrejas específicas (1 Co 12.27-31; Rm 12.5-8; Ef 4.11-13).

Não foi para a vanglória de homens que a Igreja nasceu; antes, foi para o serviço daqueles que foram vocacionados por Deus à salvação que o Senhor Jesus estabeleceu líderes — homens e mulheres — de caráter e qualidade.

Se alguém não tem testemunho entre os seus (1 Tm 3.6,7), o que ele pretende levar aos demais que estão distantes? Instituições podem até certificar pessoas como líderes; no entanto, é o testemunho da pessoa entre os santos em uma comunidade local que atesta o real fundamento divino de seu chamado.

Como, então, alguém reivindicará para si autoridade ministerial? Tal respeito não se impõe; deve ser outorgado pela comunidade na qual se serve. Foi assim com os diáconos (At 6) e com os encarregados de obras evangelístico-missionárias (At 13). Conforme se percebe no contexto neotestamentário, nenhuma figura expoente do Reino é autônoma quanto a uma igreja local. Todos os grandes homens e mulheres de Deus sempre foram partícipes de uma comunidade que lhes atestava o valor de suas vocações.

Sobre esse caráter comunitário dos carismas, afirma-nos Lazier:

Cada membro do corpo de Cristo tem uma função para desempenhar. Os carismas são dados com este propósito. Esta frase indica que todos os membros da Igreja estão envolvidos no ministério da mesma, não apenas pastores e pastoras. ‘Aqui temos a evidência indiscutível de como o Novo Testamento vê o ministério: não como a prerrogativa de uma elite clerical, mas como a vocação privilegiada de todo o povo de Deus’ [STOTT, John R. W., *A Mensagem de Efésios*, São Paulo, ABU, 1979, p. 120.]. (LAZIER, 2006, p. 89)

Infelizmente, grande parte dos escândalos que ocorrem hoje deriva de pessoas que não tem uma congregação a quem se reportar e que não prestam contas a ninguém — tanto social como espiritualmente. Esses errantes da fé podem até fazer sucesso, emocionar multidões, enganar comunidades inteiras; entretanto, seu caráter é facilmente detectado por meio do convívio social.

É por isso que tais pessoas que estão adoecidas espiritualmente vivem de culto em culto, de igreja em igreja. Por seu caráter decadente e adoecido, jamais atuariam numa igreja local por anos a fio. É muito fácil ser a estrela da noite, sendo cada noite em uma igreja diferente — a racionalidade do estrelato já entrou e muito na mente de várias pessoas na igreja. Difícil é ser profeta de uma geração com endereço fixo e pregar cotidianamente no mesmo local onde também se vive.

Desconfiemos de pessoas que priorizam mais seus ministérios do que seus relacionamentos; que desejam mais a fama e o poder do que o serviço e o ministrar a vida dos outros. Todas as vezes que o rosto de um homem estampa a porta de entrada de uma comunidade, a coletividade está sendo sacrificada em detrimento da individualidade.

É claro que, falando em termos práticos, dependendo do sistema de governo eclesiástico, o reconhecimento comunitário oficial dar-se-á de modos diferentes. Entretanto, não estamos aqui nos atendo a mecanismos específicos de reconhecimento institucional, mas, sim, à natureza comunitária dos dons e ministérios espirituais, os quais emanam, funcionam e finalizam-se por meio da ação de Jesus Cristo com vistas às necessidades locais da igreja.

Por isso, por exemplo, ainda num governo episcopal, os ministérios e serviços que são exercidos por cada pessoa recebem o reconhecimento comunitário, o qual, no caso de governo eclesiástico específico, é coordenado pelo pastor local, que é responsável pelo exercício da liderança espiritual naquela comunidade específica.

O ideal de vida comunitária, no entanto, é um claro pressuposto neotestamentário. Conforme Hackmann e Gomes:

O ideal de vida comunitária descrito por Atos dos Apóstolos se caracteriza pelo desprendimento, a partilha dos bens e a fraternidade, não havendo necessitados entre eles, o que dá a entender que o enfoque de sua abordagem sublinha a dimensão antropológico-social da mensagem cristã. “Todos os fiéis estavam unidos e tinham tudo em comum; vendiam tanto as propriedades quanto os bens e repartiam entre todos, conforme a necessidade de cada um” (At 2,44-45). Não se trata apenas de disposições interiores puramente sentimentais, a comunhão de bens é material, e supõe que os mais ricos repartam seus bens com os mais pobres. É uma comunhão profética que aponta para a necessidade do restabelecimento da dignidade humana fundamental comum a todos. (HACKMANN e GOMES, 2015, p. 289)

Viver em comunidade é uma experiência de fundamentos eminentemente cristãos. A vida em coletividade faz parte da própria condição de existência daqueles que arvoram sobre si a missão de seguir a Cristo. Todo aquele que insiste numa condição de isolamento e autoafirmação contínua ainda não experimentou a verdadeira vida que transborda do sacrifício do calvário.

## Conclusão

Não é sem razão que nosso chamado é para viver em comunidade. É na igreja local que nossas vocações e talentos ganham significado e relevância. Não existem pessoas inúteis no Reino dos céus. Se alguém se encontra inativo e infrutífero na obra de Deus, isso certamente não é consequência de uma falha do Senhor.

Cada um de nós é comissionado pelo Senhor Jesus para realizar a melhor obra possível por meio da operação do Espírito Santo em nós. Dessa forma, congregação não é uma opção; na verdade, é o único caminho para a efetivação e promoção dos dons que foram depositados em nossas vidas.

## Bibliografia

BOOR, Werner de. *Cartas aos Tessalonicenses*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2007.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges; GOMES, Tiago de Fraga. *A Igreja como comunidade evangelizadora em busca da unidade*. Teocomunicação (PUCRS. Impresso), v. 45, p. 285-307, 2016.

LAZIER, Josué Adam. *O carisma dos ministérios dados à Igreja*. Caminhando (São Bernardo do Campo), v. 17, p. 88-94, 2006.

## Capítulo 9



# Coragem em Meio à Perseguição

## Introdução

**C**omo uma jovem igreja deve reagir diante de uma severa perseguição que lhe aflige? Que armas teriam a inexperiente comunidade em Tessalônica para enfrentar as sofisticadas artimanhas do mal, cuja principal finalidade era o desmantelamento à paz interna daquele grupo de



irmãos? Como não havia e nem há manual de instruções com dicas exaustivas para cada situação adversa que enfrentamos, a saída encontrada por aquele grupo de irmãos foi lançar-se naquilo em que eles mais prosperavam: amor, fé e esperança.

Aprendamos, pois, com os cristãos tessalonicenses caras lições sobre crescimento espiritual num contexto de perseguição.

## **Os Tessalonicenses e o Cotidiano de Tribulação**

A maior parte dos especialistas concorda que o contexto histórico que é problematizado na segunda epístola que Paulo escreveu aos tessalonicenses dista apenas em questão de meses com relação ao conteúdo da primeira — ainda que, conforme alguns aleguem, a escrita da carta possa ter sido um pouco posterior.

O principal motivo do envio de uma nova missiva à Tessalônica é a persistência do ambiente de perseguição à comunidade cristã, problemas de compreensão sobre questões escatológicas e a presença de indivíduos com comportamentos socialmente reprováveis. Como se pode ver, um problema político, um teológico e um social.

Nos três pequenos capítulos que compõem 2 Tessalonicenses, temos uma discussão constante sobre a situação adversa que os tessalonicenses enfrentavam. No capítulo introdutório da epístola, temos uma palavra de fortalecimento àqueles que, diante das angústias produzidas pela perseguição do estado e dos fanáticos religiosos, devem crer que receberão a justa retribuição do Senhor, assim como da mesma maneira acontecerá com os ímpios também.

Já no segundo capítulo, Paulo concentra-se em demonstrar que o sofrimento tessalonicense, que pode ser facilmente identificável a partir de um contexto histórico e político, faz parte de um grande plano de resistência que os filhos de Deus impõem contra as forças do maligno que, de maneira muito insistente, procuram dominar toda a história humana.

Por fim, no capítulo que encerra a carta, o apóstolo discute sobre os problemas oriundos da presença de pessoas desordeiras na comunidade. Esses indivíduos estavam causando distúrbios internos na jovem igreja que se estabeleceu naquela cidade: homens desocupados que defendiam sua condição de ociosidade como um comportamento recomendável; pessoas que se intrometiam na vida alheia como instrumento de controle; em suma, pessoas completamente insubmissas.

Fazendo uma leitura apressada, alguém talvez possa defender que esse é o menor dos problemas; contudo, quem convive no seio de uma igreja local sabe o quanto tais conflitos interpessoais prejudicam e desestabilizam a paz que se espera encontrar num ambiente comunitário.

Temos, assim, uma carta majoritariamente escrita com a intenção de consolar aquela comunidade diante desse conjunto de problemas que se impunham. Esta, então, pode ser a chave hermenêutica para uma possível leitura de 2 Tessalonicenses: consolo em meio às tribulações.

Como veremos, Paulo concentra-se em consolar os corações em Tessalônica por meio da lembrança de que o Deus que fez a semente do evangelho germinar entre aqueles irmãos é o mesmo que não desistirá de amá-los e protegê-los em todo o tempo. Este é o maior consolo que podemos ter em tempos de crise e medo: a presença do Senhor é continuamente conosco.

Como bem demonstrará Paulo, a vitória final que alcançaremos será contra as forças da maldade que já operam entre nós hoje, mas que, no momento determinado pelo Senhor, serão completamente destruídas conforme sua vontade. O apóstolo dedica-se, assim, a apontar os sinais que indicam o retorno triunfante de Jesus para o estabelecimento de seu Reino eterno.

Conforme afirma Ghini:

Para o apóstolo a esperança identifica-se com aquilo que é a própria conduta cristã, baseada sobre a fé e vivificada pela caridade. A natureza da esperança é expressa

por meio da paciência na tribulação, apontando para a *parusia*. A certeza da *parusia* constitui-se como a confiança e a consolação de quem espera. A paciência da esperança se realiza somente na união com Cristo. As esperanças humanas que não se fundamentam no Cristo vivo estão mortas. (GHINI, 1980, p.83, *apud* PAGANOTTO, 2015, p.138)

É o consolo que Deus também virá aos tessalonicenses, como podemos perceber na leitura da epístola, por meio da atuação ministerial do próprio apóstolo e sua equipe. É exatamente isto que o Senhor faz: vocaciona pessoas para que, por meio destas, sua glória seja revelada àqueles que necessitam de apoio.

Por vezes, numa compreensão errônea da maneira como Deus age, lançamo-nos ardorosamente em oração e na espera de uma intervenção sobrenatural, quando, na verdade, o Senhor já tem preparado, de maneira providencial, pessoas, amigos e irmãos — isto é, gente de carne e osso — para auxiliar-nos em nossas fraquezas.

Mesmo distante, as cartas de Paulo endereçadas àquela igreja eram um bálsamo em tempos de fortes feridas. A presença do jovem obreiro Timóteo entre eles era prova do imenso cuidado do Senhor por aquela comunidade. O alento de Deus para aquele grupo de irmãos também veio por meio dos obreiros enviados pelo Senhor para anunciar o evangelho.

Por fim, porém não menos importante, o cuidado de Deus para com os tessalonicenses manifesta-se por meio do fortalecimento mútuo que se desenvolveu entre aqueles irmãos em sofrimento. Na verdade, uma das características da ação de Deus no interior de uma comunidade é esta: o Senhor produz unidade e mutualidade.

Por meio da operação do Espírito Santo, as pessoas não se percebem mais como indivíduos isolados e/ou autônomos com relação às outras pessoas; pelo contrário, somos conduzidos a sentir as dores e as alegrias uns dos outros (Rm 12.15), por meio de uma compreensão da realidade que nos liga

profundamente uns com os outros.

Segundo essa operação de consolo patrocinada por Deus e efetivada pelos próprios cristãos em Tessalônica, é do meio do próprio povo que o Senhor suscita as pessoas, bem como as situações, para livrar do sentimento de desamparo e abandono as comunidades que servem a Deus em meio a muitas tribulações.

Diante do entendimento de que o consolo de Deus é uma realidade inegociável do Senhor para com nossas vidas, passemos a refletir sobre como os tessalonicenses reagiram diante da iminência de dor e sofrimentos contínuos.

## **Fé em Contínuo Crescimento**

Ao iniciar seu louvor a Deus com relação ao bem-estar espiritual da comunidade tessalônica, a qual permanece firme em sua vocação salvífica — apesar das fortes oposições que se estabeleceram ali —, o apóstolo Paulo declara-se feliz por reconhecer uma fé que se estabeleceu de maneira profunda e frutificante entre aqueles novos irmãos.

Nas palavras do apóstolo, os tessalonicenses possuíam uma fé que crescia de maneira rica e abundante (ver 2 Ts 1.3). Essa condição de fé dos irmãos em Tessalônica é de caráter surpreendente para muitas pessoas, pois, segundo uma lógica humana, as perseguições e ameaças as quais aquele grupo de irmãos era submetido deveriam ter minuído a esperança daqueles novos cristãos. O resultado, entretanto, foi absolutamente inverso.

A contínua tribulação que se estabeleceu entre os tessalonicenses exigiu que estes fossem capazes de amadurecer no que se refere a sua experiência de fé. Tomando a conceituação do escritor da carta aos hebreus (Hb 11.1), a ausência de qualquer saída humana para os problemas enfrentados pelos cristãos tessalonicenses impulsionou-os a depositar toda a sua esperança no exclusivo cuidado que Deus tem por aqueles a quem Ele ama.

Dessa forma, aquilo que deveria sufocar o desenvolvimento espiritual

daqueles novos irmãos tornou-se o elemento catalisador de uma fé que se enriqueceu continuamente. É evidente que todo crescimento espiritual que se estabelece numa comunidade ou na história de uma pessoa individualmente é o resultado direto da ação graciosa de Deus; contudo, quando refletimos sobre as estratégias e caminhos utilizados pelo Criador para conceder-nos amadurecimento espiritual, estes podem variar de maneira absoluta.

O pedido de oração feito pelos apóstolos a Jesus décadas antes — “acrescenta-nos a fé” (Lc 17.5) — foi vivenciado pela igreja tessalônica de maneira natural e espontânea. Esse tipo de crescimento não está associado a um aumento do quantitativo de pessoas ou do poder aquisitivo do grupo enquanto instituição.

Possuir uma fé que cresce muitíssimo significa testemunhar uma experiência espiritual que envolve indiretamente uma confiança inabalável no amor e cuidado do Senhor. Será que, na igreja de hoje, testemunhamos um crescimento ou um retrocesso de fé?

A cada dia, são fundadas mais igrejas locais; isso, no entanto, não é garantia do crescimento do Reino ou expansão da fé. Placas, *slogans*, *marketing gospel* podem até superlotar espaços numericamente; porém, somente a vivência de contextos-limites, mediados pela graça distribuída no calvário, pode proporcionar um crescimento de caráter, de vida e também de uma fé genuína.

Numa sociedade como a nossa — que, a todo custo, procura acomodar os princípios cristãos com os valores da coletividade decaída —, somente a posse de uma fé multiplicante poderá gerar a distinção entre o que serve a Deus e o que não serve; entre o mundo da religião e a experiência viva com Jesus.

Uma vivência de fé egoísta, pela qual não se evangeliza, discipula ou se propaga a mensagem de amor do evangelho de nosso Senhor Jesus, torna-se mero ajuntamento religioso, e não foi para isso que fomos comissionados.

Sobre o caráter genuíno do amor cristão, bem como sua relação com a vida em coletividade, defende Santos:

[a] unidade defendida por Paulo se manifesta no cuidado de um pelo outro, de modo que todos tenham oportunidade de participar das alegrias ou tristezas uns dos outros. Nessas condições, os membros tornam-se um só corpo, sem distinções ou privilégios. (SANTOS, 2017, p.292)

## **A Experiência do Amor em Meio às Tribulações**

O coração dos tessalonicenses não se fechou para amar apesar das múltiplas dores que aquela comunidade suportou. Quantos de nós, ao menor sinal de contrariedades, isolamo-nos do contato com outras pessoas e, em alguns casos, chegamos até mesmo a romper relacionamentos?

Os cristãos em Tessalônica, ao contrário, expandiram sua compreensão de amor e misericórdia. Conforme Paulo testemunha, os sentimentos amáveis dos tessalonicenses não eram exclusivistas, ou seja, concentrados apenas em pessoas do círculo cristão daquela comunidade; antes, tanto havia amor entre os irmãos que comungavam da mesma fé em Cristo, como o amor dos crentes também abarcou as pessoas no entorno da igreja local que, ainda sem compreenderem as verdades da graça de Deus, recebiam o amor e a compaixão dos nascidos de novo.

Fazendo um comentário pontual acerca da questão da ceia discutida por Paulo ao escrever aos Coríntios, João Crisóstomo (347–407), um dos pais da Igreja, indica-nos um dos princípios centrais da vocação cristã ao viver em comunidade: “A igreja, de fato, não foi construída para nos dividirmos quando nos reunimos, mas a fim de nos unirmos quando divididos.”<sup>23</sup>

O comportamento dos tessalonicenses é muito inspirativo para os tempos atuais. Vivemos em meio a acirramentos políticos, ódios culturais, mágoas históricas que, quando envolvidas com o componente religioso, se potencializam de maneira muito perigosa. Em nosso contexto histórico, há

não apenas supostos cristãos dominados pelo ódio, como também existem pessoas que se utilizam de supostos textos bíblicos para fundamentar seus ódios e intolerâncias.

É claro que tais comportamentos são completamente incompatíveis com a vida cristã. Sim, somos humanos e suscetíveis a iras e raivas; todavia, a permanência nesses estados emocionais — e mais, o aprofundamento de tais posturas — tornar-se-ão em fundamento para o ódio (condição premeditada, contumaz e racional de desejo maligno para com outro ser ou pessoa).

Um mesmo coração não pode ser dominado pelo ódio e pelo amor ao mesmo tempo. Evidentemente, o ódio — por ser movido por passionalidade e impulsividade animalesca — é muito mais fácil de multiplicar-se em nosso ser; entretanto, foi para amar que Cristo resgatou-nos. Desse modo, aquilo que, em tese, seria o mais improvável de realizarmos em nosso cotidiano, torna-se realidade constante e abundante por meio de Cristo Jesus em nós.

Demonstrando a total aversão de Deus à violência, seja qual for o tipo ou natureza, Feliz, tomando como referência as categorias teológicas do pensamento bonhoeffereano, defende que:

Cristo deixa claro qual a vontade de Deus aos seres humanos ao referir o mandamento que segue ao amor a Deus: “E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22.39). Deus não tem prazer no sofrimento humano, não se alegra com a violência existente entre as pessoas. Ele falou através de seu servo e profeta Moisés e deixou escrito nas tábuas da lei os dez mandamentos, sendo que um desses diz: “Não matarás”, conforme Êxodo 20.13. Percebe-se que a violência está estabelecida desde o início da criação e é constitutiva da história humana. Ainda assim, nada a justifica. (FELIZ, 2016, p. 35)

Por meio do testemunho da Igreja em Tessalônica apresentado por Paulo em sua segunda carta a essa igreja, aprendemos que é possível pagar o mal com amor de maneira literal e histórica. Depreende-se da escrita do texto paulino que a comunidade cristã tessalonicense encarou toda a situação adversa na

qual estava envolvida por meio da ótica do amor.

Ora, somente por meio do amor podem-se encarar as mágoas e traições. Sem o maravilhoso *agápe* de Deus, esses irmãos ainda estariam presos em ressentimentos e dores e, dessa maneira, inamovíveis em seus pecados e iniquidades. É o amor que nos move; o elemento propulsor de nosso voo ao céu é o amor.

Se haverá um julgamento sobre as ações daqueles que perseguem o povo de Deus — como a própria Escritura afirma que ocorrerá —, não será a Igreja que impetrará esse juízo; essa é uma prerrogativa exclusiva do Senhor (2 Ts 1.7-9; Tg 4.11,12); à Igreja cabe o testemunho em amor, o anúncio do evangelho por meio da compaixão, o esforço de transmitir o testemunho de Cristo por meio da misericórdia que emana da cruz do calvário e que atinge nossas vidas. Sentenças e juízos não são categorias relacionais do cristão; somos pessoas do amor e da bondade.

## **Os Tessalonicenses e sua Paciência Louvável**

A alegria de Paulo a partir dos relatórios que recebera é imensa, impossível de esconder, tanto na primeira como na segunda epístola. Há, no entanto, um aspecto inerente à comunidade dos tessalonicenses que muito impressionou o apóstolo e que, sem dúvida alguma, é algo muito raro em nossos dias: a paciência.

Ensinar sobre paciência e orientar pessoas a serem longânimes é um exercício teórico muito fácil de ser realizado; porém, quando se trata de encarnar pessoalmente a paciência num período de conflitos e dores, tudo se torna muito mais difícil.

A Igreja em Tessalônica não teve muita escolha; ela aprendeu sobre paciência na prática. No cotidiano do desenvolvimento da fé daqueles irmãos, eles foram desafiados a viver a radicalidade da fé de tal modo que, ou eles aguardavam com serenidade e segurança a ação de Cristo por suas vidas, ou eles caíam numa espiral de desespero e incertezas.



No caso dos tessalonicenses, no que se constitui a paciência produzida pela ação de Deus? No estado de confiar resolutamente na ação de Deus na história a despeito de todos os revezes que se apresentem. Aqueles irmãos possuíam uma paciência pela qual Paulo glorificava a Deus.

Deve-se perceber que a paciência dos crentes em Tessalônica não é uma disposição que brota de sua própria capacidade, autocontrole ou de uma imperturbabilidade interior; a paciência tessalônica é resultado de uma experiência salvífica que estabeleceu confiança nos corações novamente nascidos.

### **O Descanso Eterno como Fim do Sofrimento Humano**

Diante de tão imensas tribulações, somente uma promessa escatológica teria a possibilidade de fortalecer a fé daqueles resistentes cristãos em Tessalônica. Dessa maneira, a questão sobre as últimas coisas novamente retornará à discussão, que está centrada, agora, na análise de algumas figuras/imagens importantes para aquele contexto histórico — abundantemente alimentado por toda uma literatura apocalíptica que acompanhava o judaísmo desde o retorno do cativo da Babilônia.

Entretanto, sobre a superação do sofrimento, a temática da *parusia* torna-se central, uma vez que, diante do retorno triunfal do Senhor Jesus, todo sofrimento e angústia que marca o contexto de vida dos tessalonicenses serão extintos por meio da ação soberana e majestosa do Senhor.

Sobre essa expectativa redentora que se manifesta não só aqui na carta aos tessalonicenses, mas também em vários outros escritos paulinos, defende Souza:

Para Paulo, a espera por um mundo melhor tinha acabado com a morte e a ressurreição de Cristo, com o advento de Cristo como o messias esperado. Havia posto um fim no presente mundo cheio de amarguras e sofrimentos, pois a morte de Cristo e sua entrega teria livrado a todos de seus pecados. Com isso, Paulo afirma

que a promessa havia se concretizado com a morte e ressurreição de Cristo. (SOUZA, 2009, p. 102)

Como se pode perceber, a esperança do retorno de Cristo para salvar sua Igreja fundamentava a vida cotidiana dos tessalonicenses; para alguns, como um desejo ardentemente anelado; já para outros, como um pretexto ideal para uma ociosidade artilhosamente premeditada.

## Conclusão

Os sofrimentos contínuos que a comunidade em Tessalônica enfrentou não foram suficientes para desmotivar aquele grupo de irmãos a viver a verdade do evangelho que lhes foi anunciada. A partir de um tripé de virtudes cristãs: fé, amor e paciência/esperança, a Igreja tessalônica permaneceu fiel e alegre, sempre na expectativa da vinda do Senhor.

## Bibliografia

- FELIZ, Roni Elter. *O retorno ao sagrado a partir de Dietrich Bonhoeffer: a contribuição de Bonhoeffer para uma vivência ética espiritual renovada nos dias de hoje*. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia). São Leopoldo, 2016. 77f.
- JOÃO CRISÓSTOMO. *Comentários das cartas de Paulo*. vol. 2. São Paulo: Paulus, 2010.
- PAGANOTTO, Diones Rafael. *A parusia de Cristo segundo Paulo: Um estudo exegético-teológico de 1 Ts 4,13-18*. Dissertação (Mestrado em Teologia). São Paulo, 2015. 200f.
- SANTOS, Zilda Andrade Lourenço dos. *O discurso constituinte como determinante no uso de tópoi e argumentos retóricos na construção das epístolas de Sêneca e Paulo*. Tese (Doutorado em Letras). Vitória, 2017.

335f.

SOUZA, Maria Isabel Brito de. *Gênese do Cristianismo: a relação entre judeus e gentios no discurso de Paulo em meados do I século d.C.* Dissertação (Mestrado em História). Assis, 2009. 131f.

---

<sup>23</sup> *Homilia, 27, XXII.*

## Capítulo 10



# A Manifestação do Anticristo e o Dia do Senhor

## Introdução

A comunidade em Tessalônica convivia num contexto histórico onde a literatura apocalíptica era comum no meio religioso. O efeito dessa circunstância histórica foi a disseminação de fábulas, lendas, notícias desencontradas sobre o futuro de todas as coisas. Aquela nova igreja não

ficou isenta dessa ambiência, tanto que uma série de pregadores de tragédias inquietava a paz interna daquele grupo de irmãos.

Não sendo suficiente a discussão já produzida pelo apóstolo na epístola anterior, Paulo esforça-se novamente em clarificar tais questões tão complexas àqueles novos irmãos — agora, ele assim o faz através da abordagem de outras questões ainda não discutidas, porém relevantes para aquela igreja local.

### **Apresentação, Descrição e Possibilidades acerca do Anticristo**

O capítulo 2 da segunda carta de Paulo aos tessalonicenses encerra um conjunto de versículos envoltos em uma série de polêmicas exegético-hermenêuticas. Uma das imagens centrais apresentadas nesse capítulo é a do Anticristo. Quem ou o que seria essa figura? Quais suas características e prerrogativas? Em que contexto dar-se-á sua manifestação entre nós? Essas são algumas das inúmeras questões que este texto suscita.

A expressão anticristo (que, em grego, é ἀντίχριστος) não aparece literalmente em 2 Tessalonicenses; contudo, a definição de “homem da anomia” e “destinado a destruição” (ὁ ἄνθρωπος τῆς ἀνομίας, ὁ υἱὸς τῆς ἀπωλείας), que constam em 2 Ts 2.3, parecem referir-se de maneira cabível ao indivíduo/postura apresentado por João em 1 Jo 2.18,22; 4.3 e 2 Jo 7.

Como fica explícito nos textos de João, a figura do anticristo transita entre a identificação pessoal de um indivíduo que surgirá como síntese humana da maldade — numa clara tentativa de emulação de Cristo, aquEle no qual habitou corporalmente toda a divindade (Cl 1.19;2.9) — e a constatação histórica de uma mentalidade que se estabelecerá em confronto a tudo aquilo que se alinha aos valores e princípios cristãos.

A defesa da primeira hipótese estaria mais alinhada à imagem similar proposta por Daniel em Dn 11.36. Em contrapartida, a associação do texto paulino com o de Daniel poderá exigir uma leitura mais histórica da imagem descrita — assim como o indivíduo blasfemador de Dn 11 refere-se

diretamente à Antíoco IV. Nesse caso, a quem se referiria Paulo ao descrever este personagem? Ao César, ao próprio Estado, ou a outro personagem político que nos foge o conhecimento?

Tomando o conceito de Anticristo como uma ideia que perpassa todo um tempo, isto é, como uma ideologia que se alastrará socialmente a ponto de defender a desconstrução de tudo aquilo que se refere a Deus e sua obra, resta também saber sobre quem Paulo falava a partir do contexto histórico dos tessalonicenses e sobre que paradigma ideológico contemporâneo caberia a pecha de anticristão, tendo em vista que a *parusia* de Cristo ainda não se deu.

Diante da impossibilidade prática de chegar-se a uma definição conclusiva sobre tais hipóteses interpretativas, resta-nos analisar a figura em si apresentada por Paulo e procurar, sempre que possível, contextualizá-la com o momento histórico dos tessalonicenses e com o nosso atual.

Primeiro, é importante discutir como Paulo define esse ser. “Homem da anomia” equivaleria a dizer que o Anticristo é uma pessoa ou mentalidade que se opõe a todo e qualquer tipo de regramento social. Ele contrapor-se-á a tudo o que é ordenado e que traga bem-estar social. Se este ser de 2 Tessalonicenses e das epístolas de João é o mesmo a quem este mesmo João refere-se no livro de Apocalipse, deve-se compreender que a oposição que este ser fará a tudo o que é divino, ordenado e regado deriva de um sórdido plano de manipulação e engano da humanidade.

Nesse caso, o anômico seria aquele cujo desejo é completamente descontrolado; é o indivíduo cuja regra é não ter regra, cuja vontade é desconstruir todos os valores e tradições vigentes. O que se ganha com a multiplicação em escala social de um quadro como esse? A insegurança e o desespero dos indivíduos que, vítimas de uma sociedade sem regras ou controle, estariam fadados ao retrocesso primitivo da vida guiada exclusivamente por instintos animais.

“O homem sem lei”, essa é a síntese do Anticristo; um indivíduo sem

escrúpulos, respeito ou qualquer tipo de dignidade. Para onde iria a sociedade seguindo este tipo de paradigma pessoal ou ideológico? Para o caos e a barbárie.

Entretanto, além de “homem da anomia”, a figura descrita por Paulo também é “Filho da perdição”, ou, mais precisamente, “aquele que é destinado à perdição”. Se Cristo Jesus veio ao mundo para encarnar o amor de Deus pela humanidade por intermédio de todo o seu ministério salvífico, a figura apresentada por Paulo seria aquele que assumiria para si o ônus de ser a síntese da perdição eterna.

Ao apresentá-lo como “filho da perdição”, Paulo utiliza-se de uma expressão idiomática que equivale dizer que tal pessoa, na verdade, nasceu para encarnar tudo aquilo que se orienta para a destruição e fim da humanidade. Ele seria o máximo exemplo da decadência que a humanidade pode atingir.

A mesma expressão (ὁ υἱὸς τῆς ἀπωλείας) é utilizada por João para descrever Judas (Jo 17.12) e mais especificamente o espírito que o mobilizava em seu covarde ato de traição. Para Paulo, esse seria o tipo de indivíduo que exemplificaria bem tudo aquilo que se volta contra Deus.

## **A Discussão sobre o Anticristo como Elemento Caracterizador da Parusia**

Como se percebe logo no início do capítulo dois da segunda epístola aos Tessalonicenses, o objetivo de Paulo não é falar sobre o “homem da impiedade em si mesmo”, mas, antes, demonstrar que os acontecimentos referentes ao retorno triunfal do Senhor Jesus estão em íntima conexão com um conjunto maior de acontecimentos que não podem ser desconsiderados.

Paulo informa aos irmãos em Tessalônica que estes não devem deixar-se iludir por qualquer tipo de “notícia ameaçadora” que os leve ao desequilíbrio social sob a alegação de que o fim de todas as coisas já se estabeleceu de forma definitiva.

Sobre a situação de instabilidade instaurada na Igreja em Tessalônica, afirma-nos Marshall:

De um lado, parece que os leitores foram enganados ao ponto de suporem que a *parusia* estava mais próxima do que realmente era o caso, e que assim se tornaram vítimas de esperanças ilusórias. Do outro lado, suas expectativas podem tê-los levado a confundir um impostor com o Messias, assim como em Mc 13, e esta possibilidade é reforçada pela referência ao engano nos vv. 9,12; os leitores devem precaver-se para não serem enganados juntamente com o restante da humanidade. Paulo, portanto, tem de deixar muito clara a natureza dos eventos que antecedem a *parusia* verdadeira. (MARSHALL, 1984, p. 222)

O apóstolo, além da indicação da necessidade de manifestação do “homem do pecado”, informa que existe um que impede a vinda desse personagem, aquele a quem Paulo denomina de κατέχω.

A discussão entre os intérpretes sobre o que ou quem seria o *katechon* é extensa; ela vai desde o imperador romano, passando pelo Espírito Santo, chegando até mesmo ao próprio Paulo e sua pregação.

Sobre esse ser que impede a vinda do “filho da perdição”, Carriker (2002) apresenta-nos cinco possíveis vertentes interpretativas: a primeira, mais historicista, defende que o *katechon* é a figura do imperador ou mesmo do império romano; ou seja, nessa interpretação, o governante é a encarnação da lei, e o “homem da anomia” é a manifestação de tudo o que não seria lei. Todavia, contra essa interpretação, pesa o fato de um aparente elogio ao império romano, o que obviamente seria um tanto quanto contraditório diante da situação de opressão que viviam os tessalonicenses.

A segunda interpretação defende que “aquele que detém” é, a partir de uma relação com uma limitação radical do poder das trevas, similar àquilo que João cita em Apocalipse com relação à prisão de Satanás no milênio (Ap 20.2). Falta a essa hipótese uma maior fundamentação no contexto em debate na segunda carta aos tessalonicenses.



Já a terceira e quarta possibilidades referem-se ao próprio Deus ou sua vontade, uma vez que, não tendo chegado o tempo determinado para os devidos acontecimentos, Ele opõe-se a todas as forças do maligno de maneira soberana e autônoma.

A quinta e última hipótese interpretativa, a qual parece mais pertinente a Carriker é a de que:

Finalmente chegamos à quinta e última interpretação: “aquilo que detém” se refere à pregação do evangelho e “aquele que detém” ao pregador, prototipicamente o próprio apóstolo Paulo. Esta perspectiva foi defendida por Oscar Cullmann, com base numa pergunta feita na literatura apocalíptica judaica sobre a razão da demora da *parousia*. A resposta mais frequente é a falta de arrependimento de Israel. Esta resposta estabelece o palco para a perspectiva cristã da necessidade apocalíptica de pregar o evangelho aos gentios, uma perspectiva expressa mais claramente em Mateus 24.14 e Marcos 13.10. Estes textos destacam a ordem cronológica dos eventos que precedem o fim: “primeiro” (Marcos) de que o evangelho seja pregado a todas as nações para que “então” (Mateus) venha o fim. É importante notar que nestas passagens o aparecimento do Anticristo segue a pregação do evangelho, como ocorre em 2 Tessalonicenses. Outros possíveis paralelos incluem Apocalipse 6.1-8, 19.11ss, e 11.3, onde Cullmann interpreta o primeiro cavaleiro, como o pregador do evangelho pelo mundo, que, novamente, precede imediatamente o Fim. Atos 6.6-9 também relaciona a proclamação mundial do evangelho à questão da demora do reino, ilustrando a perspectiva cristã nascente da atividade missionária, como prelúdio e sinal apocalíptico da vinda na nova era. O contexto imediato de 2 Tessalonicenses 2.6-7 sustenta a interpretação de “aquilo que detém” como se referindo à pregação do evangelho e “aquele que detém” como se referindo ao pregador, prototipicamente o próprio apóstolo Paulo. Versos 9-12 se referem à perdição daqueles que não têm o amor à verdade. A audiência nos versos 13-15 se contrasta com aqueles que rejeitam a pregação do apóstolo. (CARRIKER, 2002, p. 52, 53).

Essa argumentação de Carriker parece pertinente e, como demonstrada, possível de ser textualmente fundamentada. Dessa maneira, Paulo insiste na

ideia de que a comunidade tessalonicense não precisa temer coisa alguma enquanto a pregação sistemática da Palavra continuar a ser anunciada.

## **Conclusão**

Quem ou o que é o Anticristo? Quem ou o que o detém? Essas são questões absolutamente relevantes, porém envoltas em várias possibilidades interpretativas. É necessário, então, compreender que havia um objetivo imediato de Paulo ao escrever a segunda carta aos tessalonicenses; todavia, essa mesma carta foi capaz de transcender as limitações temporais, tornando-se até hoje um texto relevante para a igreja contemporânea.

## **Bibliografia**

CARRIKER, Charles Timothy. *Paulo, o apóstolo apocalíptico: 2 Tessalonicenses 2.6-7*. Fides Reformata (São Paulo), São Paulo, v. 7, n.1, p. 45-58, 2002.

MARSHALL, I. Howard. *I e II Tessalonicenses*. Introdução e comentário. Série Cultura Bíblia. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

## Capítulo 11



# Firmes na Verdade e na Graça de Deus

## Introdução

**H**á todo um esforço divino em estabelecer o melhor dos futuros para todos aqueles que lhe são fiéis. Se por rebeldia contumaz ou vida pecaminosa assumida conscientemente, alguns indivíduos receberão na eternidade juízo condenatório, essa não é a vontade do Pai idealizada para

a humanidade.

Como bem afirmou o próprio Paulo (1 Tm 2.4) e também Pedro (2 Pe 3.9), o anelo de Deus é a salvação de todos os homens, pois foi para a eternidade de paz e segurança eternas que a humanidade foi constituída pelo Criador. Como a Bíblia já atesta antecipadamente, infelizmente haverá indivíduos que, por sua própria escolha, não herdarão o Reino dos céus, mas, sim, o castigo e vergonha eternos.

No entanto, como Paulo assevera aos crentes em Tessalônica na parte final do segundo capítulo de 2 Tessalonicenses, o que Deus tem reservado para seus filhos na eternidade é um conjunto de paz, alegria e conforto eternos. Pensemos, então, mais pormenorizadamente sobre cada uma das orientações de Paulo para os crentes tessalonicenses, referentes à postura destes enquanto desenvolvem suas vidas rumo às promessas eternas de Deus.

### **A Ideia da Trindade como Promotora do Futuro Redentor dos Cristãos em Tessalônica**

Em 2 Tessalonicenses, há uma efusiva referência à obra da salvação realizada por meio da operação simultânea da Trindade. Apesar de associarmos, de um modo geral, a salvação ao sacrifício de Jesus no Calvário — o que é algo absolutamente coerente —, necessitamos compreender que a obra da salvação é um ato de cooperação eterna do Pai, do Filho e do Espírito Santo, de tal modo que, sem qualquer um destes, aquela ação divina não seria possível.

Ao falar sobre o papel de Deus Pai na operação da salvação, Paulo ressalta que somos salvos a partir da eleição promovida pelo Pai mediante Jesus de Nazaré e seu sacrifício. Sobre essa categoria teológica central quanto ao processo salvífico, a eleição, defende Jacó Armínio (1560–1609) numa citação longa, porém imprescindível:

O senhor acrescenta, então, que “ele não morreu igualmente pelos reprovados” (o senhor deve usar essa palavra, e não a palavra “perdidos”), “e pelos eleitos”. O

senhor considera essas coisas na ordem errada, pois a morte de Cristo, na ordem das causas, precede o decreto de eleição e reprovação, de que se origina a diferença entre os eleitos e os reprovados. A eleição se fez em Cristo, morto, ressuscitado e que, meritoriamente, obteve graça e glória. Portanto, Cristo também morreu por todos, sem nenhuma distinção entre eleitos e reprovados. Pois essa dupla relação de homens é posterior à morte de Cristo, pertencendo à aplicação da morte e da ressurreição de Cristo e das bênçãos obtidas por eles. A expressão “Cristo morreu pelos eleitos” não significa que alguns foram eleitos antes que Cristo recebesse de Deus a ordem para oferecer a sua vida como o preço de redenção pela vida do mundo, ou antes que Cristo fosse considerado como morto (pois como poderia ser isso, uma vez que Cristo é o cabeça de todos os eleitos, em quem a sua eleição está garantida?), mas a morte de Cristo só assegura a salvação para os eleitos, (ARMÍNIO, 2015, p. 531)

Sobre a eleição, como argumentado por Armínio no texto acima, algumas considerações precisam ser feitas:

- 1) Quanto à possibilidade de acesso à salvação, para usar as categorias definicionais de Armínio, não há diferenças entre *eleitos* e *reprovados*. Tentando ser mais claro ainda, a hipótese de uma eleição prévia para condenação eterna de pessoas, motivada única e exclusivamente por uma arbitrariedade condenatória de Deus que, segundo essa hipótese, elegeria uns e rejeitaria outros, como denuncia Armínio, não é condizente com a aceitação do Filho de Deus e da proposta de sacrifício na cruz do Calvário para a salvação ofertada a todos os homens.
- 2) Ainda que, segundo uma análise a partir do processo histórico, o decreto de eleição precede o sacrifício vicário de Cristo, ao voltarmos o perfil da análise, não para uma compreensão histórico-processual, mas eterno-causal, ficará evidente que a autodeterminação de Cristo por sacrificar-se por toda a humanidade como oferta necessária e suficiente precede o decreto eletivo que, uma vez antecedido pelo nexos causal do sacrifício,

opera mediante este.

Tomando como referência o fato de que nós, enquanto seres perpassados pela temporalidade, realizamos nossa compreensão de mundo a partir da noção processual-linear de tempo — herança cristã à cultura mundial<sup>24</sup> —, precisamos despir-nos de tais concepções fundamentais ao nosso pensar, para tentarmos visualizar a história da salvação a partir de seus encadeamentos lógicos, os quais nem sempre são subordinados a elementos históricos.

Se primeiramente houvesse ocorrido o decreto eletivo, necessariamente precisaríamos defender teses como, por exemplo, expiação limitada, decreto de condenação previamente estabelecido, monergismo e um tipo contraditório de “liberdade-determinada”.

3) Toda a eleição é mediante Cristo. Descontrói-se, assim, qualquer suposta acusação de pelagianismo ou semipelagianismo que Armínio e aqueles que comungam de suas ideias sofrem. O sinergismo que há entre humanidade e divindade é todo mediado pelo sacrifício de Jesus na cruz. A fé que fundamenta salvação não é oriunda de interpretações carnavais ou de leituras eclesiástico-políticas; ela emana exclusivamente do coração bondoso do pai para TODA a humanidade. Não há autoeleição, ou seja, tudo é obra da misericórdia divina que insiste em alcançar-nos.

Ratificando essa compreensão da eleição no pensamento de Paulo, a qual é diretamente associada a uma ação da Trindade, afirma-nos Paganotto:

... quando se afirma que Deus é nosso Pai, também se diz que Cristo é nosso Senhor; demonstrando a íntima união existente entre o Pai e o Filho, mesmo que não se cite diretamente que Deus é Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, desta

elucidação pode-se afirmar que o apóstolo afirma tal aspecto indiretamente. Sobre a relação existente entre o Pai o Filho, Schnelle<sup>13</sup> evidencia duas linhas teológicas: um traço subordinante na cristologia paulina, pois todas as ações salvíficas do Filho têm o seu início no Pai (cf. 1Ts 1,10; 4,14), e um traço equitativo inicial, onde tanto o Pai como o Filho são os destinatários, por exemplo, das orações feitas por Paulo (cf. 1Ts 1,2ss). (PAGANOTTO, 2014, p.202)

Já com relação à atuação do Filho neste processo, Paulo, escrevendo pela segunda vez aos tessalonicenses, afirma que fomos salvos para alcançarmos a glória do Senhor Jesus. Tal anúncio apostólico indica que há finalidade para a vida humana, de forma que não vivemos à toa, de modo aleatório.

O fim da humanidade deve ser glorificar a Deus, ou seja, viver para que a glória de Deus manifeste-se sobre a humanidade. A vida do cristão não acaba em si mesma; ela transcende a limitação particular da existência de cada um e aponta para a majestade de Cristo. Dessa forma, tudo aquilo que realizamos que não parte de um fundamento cristocêntrico e muito menos visa o enaltecimento da glória de Deus deve ser imediatamente abandonado.

Não foi para brigarmos por coisas efêmeras e passageiras — política eclesiástica, poder institucional — que o Senhor Deus vocacionou-nos. O motivo da nossa salvação foi retirar-nos de uma condição estruturalmente condenatória e miserável, para vivermos eternamente *na* glória e *em* glória.

Logo, as inclinações e desejos de cada um de nós devem espelhar o caráter de Jesus, presente em cada um daqueles que nasceram de novo. O brilho de Cristo deve alumiar todas as motivações de nosso ser. Os reinos humanos abalam-se e perecem, mas o governo do Pai permanece para sempre.

Ora, como afirma Paulo, a questão da manifestação da glória de Deus dá-se por meio do anúncio da Palavra de Deus. Com relação a essa conexão entre anúncio do Reino e a aparição da glória de Deus, afirma-nos Betim:

... o “esvaziou-se” de Jesus, tendo como sujeito ele mesmo, revela que ninguém o obrigou a esta ação: trata-se de uma expressão de liberdade, sendo a única

motivação o querer dele mesmo, motivado pelo amor, além de não ser uma atitude imposta, não foi interesseira (não esperava “benefícios” em troca). Essa é a atitude tipicamente cristã, não se pode “comercializar” com o Pai (dar para receber, em troca, o dobro). A postura de Cristo revela a atitude correta do indivíduo como consequências para toda a comunidade: se o indivíduo se exalta, prejudica a comunidade (como o termo em si mesmo indica, só ocorre se houver “comunhão”); mas, se ele se rebaixa, fortalece a comunidade, pois com esse proceder ele ajuda o outro. (BETIM, 2016, p.56)

O objetivo primaz de tudo o que se estabelece em nossas vidas deve ser a glória eterna de Cristo. A glória sempiterna de Cristo, abandonada em sua *kenosis*, porém restabelecida em sua ressurreição triunfal, conduz-nos a uma vida nos padrões sonhados para cada um de nós.

De forma análoga, porém intimamente condicional, assim como Cristo foi novamente glorificado no céu depois de seu esvaziamento, sacrifício e ressurreição, assim também cada um de nós, depois da superação das angústias e dores deste mundo, receberá de Jesus a glória redentora que nos concederá direito à vida eterna junto ao majestoso trono de Deus.

Por último, mas não menos importante, Paulo louva a salvação promovida pela ação da Trindade por meio da santificação no Espírito Santo. Diante do trágico, porém real impedimento do retorno de Paulo àquela simples comunidade, coube ao Espírito Santo orientar lideranças locais para a continuação da obra divina em Tessalônica.

A santidade que emana da Trindade para a humanidade é-nos transmitida por meio da atuação do Espírito que, em comunhão com o nosso homem interior, testifica das grandezas tanto da salvação como do salvador. O Espírito conclama-nos à separação de tudo aquilo que é pecaminoso, orientando-nos a uma vida dedicada exclusivamente à glória de Deus.

### **A Firmeza dos Tessalonicenses naquilo que Foi Anunciado**

Se a ação graciosa da Trindade manteve a comunidade em Tessalônica firme,



havia uma recomendação paulina que dizia respeito ao procedimento daqueles irmãos, para manter aquela igreja firme em Cristo: a fidelidade ao ensino ministrado. O tempo para a ministração das doutrinas básicas foi pouco; entretanto, a permanência nos princípios que foram apresentados garantiria o bem-estar da comunidade.

Infelizmente, ao mesmo tempo ao anúncio da verdade, as heresias também se manifestam no seio da igreja. Esse era um diagnóstico já verificado por Paulo na jovem comunidade tessalonicense. Se levar a mensagem de Cristo àquela cidade foi algo desafiador e que pôs em risco a integridade física daqueles missionários, a propagação de heresias era algo muito mais fácil de ser feita e, segundo parece ser possível depreender-se do texto, sem tantas oposições externas.

Essa preocupação de Paulo para com os tessalonicenses espelha, de maneira emblemática, o desafio de manutenção da tradição que o cristianismo enfrentou em seu nascedouro. Diferentemente do judaísmo, que já possuía toda uma coletânea de textos sagrados, assim como um enorme universo de comentários a esses textos, ou mesmo das religiões helenísticas as quais estavam respaldadas e garantidas quanto à transmissão às outras gerações por meio do poder do Estado, a igreja cristã ainda estava construindo sua identidade coletiva.

Pressupondo que esta segunda carta aos tessalonicenses foi escrita antes de 55 d.C, temos em nossas mãos o testemunho de um tipo de cristianismo que iniciava sua transição da pura oralidade para o estabelecimento da tradição coletiva por meio de textos instrutivos, os quais, mais tarde, foram reconhecidos, com autoridade institucional, como espaços de conservação dos ideais da Igreja Primitiva.

Sobre esse esforço cristão para garantir a perpetuação de suas tradições na história, defendem Mendes e Cerqueira:

Os sociotransmissores, agentes difusores da memória, garantem a transmissão da tradição de geração a geração. Aqui a memória formativa da tradição cristã é garantida através desses sociotransmissores, ou seja, primeiramente através dos evangelistas e dos evangelhos, e, posteriormente, por meio da sucessão apostólica, através dos bispos e presbíteros que, em seus ensinamentos, transmitem à Igreja, em cada época. Ao final do século II as normas doutrinárias, a Escritura e a tradição já não são independentes, não são mais fontes de revelação diferentes, mas se unem, completando-se e transmitindo o mesmo testemunho — a evocação memorial da figura de Jesus. Deste modo, a doutrina da tradição garantida pela sucessão apostólica e suas formas simbólicas permitem à Igreja edificar a sua teologia. (MENDES e CERQUEIRA, 2011, p. 74)

Para evitar o desvirtuamento da fé por meio de falsos pregadores e seus ensinamentos heréticos, era necessário firmeza nos pressupostos elementares da doutrina que foram repassados por Paulo e sua equipe, inicialmente por meio da transmissão oral e, agora, escrita. O ensinamento dos valores e tradições apostólicas é algo imprescindível para o estabelecimento da jovem fé cristã que se anuncia entre os tessalonicenses.

Contemporaneamente, vivemos uma crise de identidade muito próxima à enfrentada em Tessalônica. A existência de uma multiplicidade de fontes que reivindicam para si a autoridade veritativa é algo extremamente preocupante. Se tantos profetas, mestres e doutores assumem a qualidade de fonte confiável das doutrinas cristãs, como estes podem contradizer-se entre si?

Somente por meio de um esforço contínuo de reflexão e aprendizado da Palavra é que seremos capazes de superar esse contexto de erros doutrinários e heresias e voltar a viver a essência do evangelho anunciado por Jesus Cristo e repassado às gerações pelos apóstolos e pela Igreja Primitiva.

Um povo sem memória não é um povo, mas apenas um amontoado de pessoas limitado por barreiras político-geográficas. Lembremo-nos do povo judeu que, mesmo depois de milênios despatriados, persistiam na manutenção de suas tradições religiosas, sociais e culturais.

Se também somos peregrinos e forasteiros, devemos estar empenhados para a manutenção dos valores e princípios cristãos que foram repassados aos nossos pais na fé. Não se trata de um culto ao passado, mas, sim, do necessário reconhecimento dos fundamentos que nos conduziram até a condição atual de nossas vidas.

## Conclusão

Ante as ferrenhas ações do inimigo e seus serviçais, é necessário confiarmos no amor do Pai para continuarmos firmes na vocação que nos concedeu Ele. Somente por meio da operação conjunta e poderosa da Trindade, seremos capazes de sobreviver aos constantes ataques do Maligno. Entretanto, uma vez apoiados e protegidos por Deus, devemos dar o máximo de nós para permanecer no conjunto de princípios e ensinamentos que nos foram repassados pelos santos apóstolos e pela Igreja Primitiva.

## Bibliografia

- ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. vol 1,2,3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- BETIM, José Augusto Machado. *A kenosis de Cristo (Fp 2,5-11) como parâmetro do exercício da autoridade na igreja*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Curitiba, 2016.
- MENDES, Caterine Henrique; CERQUEIRA, F. V. *Memória Coletiva e Identidade Paleocristã*. Mneme (Caicó. Online), v. 13, p. 67-80, 2011.
- PAGANOTTO, D. R. *A Trindade no mais antigo escrito cristão: elementos trinitários da primeira carta de Paulo aos tessalonicenses*. Revista Eletrônica Espaço Teológico, v. 8, p. 197-215, 2014.

---

<sup>24</sup> É importante destacar que as culturas orientais, não-judaico-cristãs, e as ocidentais pré-

cristãos não conheciam a concepção linear de tempo, a qual lhes foi apresentada a partir da lógica Criação-Queda-Redenção-Consumação própria do cristianismo; ou seja, a ideia de um começo, meio e fim da história, sem versões indefinidas ou retornos cíclicos é parte do *background* cultural cristão repassado às gerações.

## Capítulo 12



# Uma Vida Exemplar diante de Deus e dos Homens

## Introdução

**N**o final do capítulo 3 de sua segunda epístola aos tessalonicenses, Paulo dedica-se a fazer orientações práticas àquele grupo de irmãos, a fim de que as anomalias comportamentais e os abusos de autoridade fossem absolutamente superados. Foram introduzidas entre

aqueles irmãos pessoas de mau caráter, verdadeiros charlatões, que, sob o pretexto de conduzirem os crentes de Tessalônica a uma suposta espiritualidade, estavam, na verdade, explorando aqueles já sofridos irmãos.

É escandaloso pensar nisto: existem pessoas que, conscientes da simplicidade e ingenuidade de alguns e, também, do desespero e ansiedade de outros, se aproveitam das fraquezas alheias para locupletarem-se. É por isso que movimentos religiosos que vendem sonhos, leiloam bênçãos ou mesmo alugam promessas têm um “mercado promissor” em nossa sociedade até hoje.

Pensemos nas orientações apostólicas, de modo a reconhecer quais medidas devemos tomar para evitarmos cair nas mãos de “predadores espirituais”.

### **Vivendo como Modelos em uma Sociedade Relativista**

A vida cristã deve ser sempre exemplar e inspirativa em todos os âmbitos. Se alguém deseja ser líder cristão, por exemplo, Paulo deixa claro ao escrever para Timóteo que os frutos de uma vocação divina manifestam-se em uma vida pessoal e familiar equilibrada (1 Tm 3.1-13).

Há, muitas vezes, um discurso de vitimização dos líderes por meio do qual se invoca o caráter humano destes, e, por isso, falível, bem como de suas famílias. Esse tipo de argumento falacioso distorce várias verdades bíblicas:

- a) Não se exige perfeição do líder, e sim integridade. Todos estamos suscetíveis a erros, falhas e pecados — na verdade, como assevera João, aquele que diz que é impecável vangloria-se pecaminosamente. Todavia, aqueles que lideram devem ser conscientes de que a repercussão de seus erros será bem maior, por exercerem um raio de influência bem maior que um não líder. Sendo o líder uma pessoa com suas dificuldades e angústias pessoais, cabe a esse indivíduo exigir dos outros aquilo que ele mesmo é capaz de realizar, sem hipocrisias ou farisaísmos. O que se testemunha em muitas comunidades, no entanto, é que a medida de exigência, em todos

os níveis, para líderes, é muito menor do que para não líderes; ou seja, na hora de julgar e exigir dos outros, muitos líderes fazem isso com rigidez e contundência; todavia, quando o crivo dos julgamentos cai sobre eles mesmos, estes invocam a misericórdia e o perdão. Um líder precisa ser consciente de que ele também precisa incluir-se em seus julgamentos e exigências.

- b)** Como bem esclarecem as Escrituras, uma pessoa que não foi capaz, durante seu tempo de líder apenas de seu lar, de realizar a contento o serviço que lhe foi confiado, como poderá ser achado digno de orientar as demais famílias de uma comunidade? A verdade é que, se houvesse garantias de sigilo e manutenção da integridade física e emocional, muitas famílias não concordariam com o estabelecimento institucional do ministério de líderes de muitas pessoas. Infelizmente, os critérios para eleição de líderes muitas vezes fogem por completo dos critérios bíblicos e concentram-se muito mais nos políticos (apadrinhamento, nepotismo, tráfico de influências). Não é depois que alguém se tornou líder que sua família tem que se tornar vitrine; todavia, a questão é exatamente o contrário: é das famílias que são exemplares que se devem eleger os líderes de uma comunidade local.
- c)** Se alguém não deseja prestar contas a ninguém daquilo que realiza em sua vida particular, tal pessoa não se enquadra nem mesmo nos critérios para ser um cristão, muito menos um líder cristão. É evidente que nossa intimidade diz respeito apenas a nós e a nossa família; contudo, por vivermos em comunidade, nosso testemunho não pode apenas ser delimitado a nossa vida pública, mas também ao âmbito privado. De que adianta alguém ser um exímio pregador, mas um péssimo cumpridor de suas responsabilidades financeiras? Como creremos nas palavras proféticas de uma determinada pessoa se o vocabulário da mesma, em sua vida privada, escandaliza o mais profano dos homens? O critério jesuânico

é claro: fomos chamados para ser sal da terra e luz do mundo; se nossa presença não fizer diferença no ambiente em que estamos, o próprio Jesus afirma que a suposta graça que está sobre nós não serve para nada, senão apenas para ser humilhanamente pisada pelos homens.

## **Os Tessalonicenses e o Testemunho quanto ao Trabalho**

Concentrado em esclarecer aos tessalonicenses sobre essas especificidades da liderança, Paulo faz questão de tocar de novo no assunto da exigência da integridade social do cristão e, de maneira especial, do líder. Para o apóstolo, é um completo absurdo defender a tese de que um cristão pode abdicar de suas responsabilidades econômico-financeiras para com sua família sob o pretexto de estar envolvido na obra de Deus.

A exortação paulina é que **TODOS** trabalhemos. Refletindo sobre a natureza de alguns indivíduos desordenados que havia em Tessalônica, bem como a reação de Paulo ao comportamento destes, defende o Comentário da Bíblia de Aplicação Pessoal:

É possível que estas pessoas preguiçosas estivessem sendo preguiçosas por motivos “espirituais”. Alguns, na igreja de Tessalônica, podiam ter dito que as pessoas deveriam deixar de lado as suas responsabilidades, deixar de trabalhar, não fazer planos para o futuro, e simplesmente esperar pelo retorno do Senhor. Ou podiam ter pensado que o trabalho estivesse em um nível inferior ao deles e quisessem passar o seu tempo de maneira espiritual. Mas não ter nada para fazer somente os tornava bisbilhoteiros. A sua falta de atividade os estava conduzindo ao pecado. Eles tinham se tornado um peso para a igreja, que os estava sustentando; eles desperdiçavam um tempo que podia estar sendo usado para ajudar outras pessoas. Estes membros da igreja podem ter pensado que estavam sendo mais espirituais com a falta de trabalho, mas Paulo ordenou com firmeza que eles vivessem de um modo correto, trabalhando para se sustentar. Paulo não mediu palavras com estas pessoas. O fato de que Paulo tenha dado esta ordem em nome de nosso Senhor Jesus revela a compreensão que ele tinha de sua autoridade como apóstolo — como um representante pessoal do próprio Senhor. (2010, p. 471)



Naturalmente, se hoje em dia vivemos uma crise econômica em nosso país, na qual postos de trabalho estão sendo fechados, e oportunidades de emprego estão reduzidas, é esperável que tais problemas também atinjam aqueles que servem a Cristo. Não estamos imunes ao desemprego.

Todavia, não é sobre isso que Paulo está refletindo. Às críticas do missionário recaem sobre aqueles que, de maneira imoral, querem permanecer sem trabalhar, mesmo tendo oportunidade de fazê-lo. O apóstolo repudia completamente a hipótese de alguém exigir auxílio financeiro da igreja e dos irmãos se tal pessoa tem plena possibilidade de produzir seu sustento, mas não o fez por ter confiado na exploração da bondade e misericórdia alheias.

Para com esses, a exortação paulina é clara: devemos ficar distantes deles e deixá-los colher o que deliberadamente escolheram. Se não querem trabalhar, então não comam.

Talvez, seja necessário fazer um relevante destaque sobre essa orientação de Paulo acerca do trabalho. Não necessitamos ficar sujeitos ao modelo enlouquecedor da sociedade contemporânea, que busca o enriquecimento a todo e qualquer custo. A orientação paulina é que trabalhemos com sossego (2 Ts 3.12), tendo, como paga de nosso esforço, a honra de receber o sustento necessário para nós e para quem amamos.

Há pessoas que largaram a fé em Cristo para servirem exclusivamente a Mamom em seus trabalhos. A autoilusão a que se submetem tais pessoas chega ao disparate de elas proclamarem que são mais úteis ao Reino de Deus fora da igreja e trabalhando compulsivamente em busca de dinheiro do que “perdendo tempo” numa vida de comunhão.

Essas pessoas imaginam que podem comprar o perdão e o amor de Deus por meio de seus dízimos e ofertas. Não sabem elas que o Senhor, dono de todas as riquezas do universo, deseja muito mais o coração desprendido delas do

que os cifrões de suas doações que são ofertadas para desencargo de consciência.

O Senhor tem prometido a cada um de nós o acesso ao nosso sustento pessoal e familiar com sossego e paz. O sucesso de nenhuma carreira compensará o fracasso da vida espiritual de uma pessoa.

Por fim, é necessário ratificarmos uma posição que foi assumida por Paulo, não apenas em Tessalônica, mas também em toda a sua trajetória ministerial. Não podemos apoiar injustiças ou abusos sob o pretexto de sermos submissos e obedientes às autoridades constituídas política ou eclesiasticamente.

### **O Cristão e a Naturalização da Corrupção**

O cristão deve ser o indivíduo mais rigoroso com a corrupção banalizada que procura naturalizar-se em nossa sociedade. Diante de escândalos de repercussão nacional nos campos da política e da administração pública, existem aqueles em nossa sociedade que pretendem convencer-nos de que todos nós somos corruptos — no significado político da palavra — e que, por isso, não temos o direito de criticar ou denunciar quem quer que seja.

A versão religiosa desse processo de naturalização da corrupção no Brasil orienta-nos a sermos apenas expectadores passivos da história, onde, no máximo, devemos orar por tudo o que está acontecendo. Dizer a um cristão que ele deve orar é o mesmo que orientar um peixe a nadar quando ele estiver na água, ou seja, é tão evidente que não faz sentido algum.

Quando o pecado do homem em Corinto tornou-se público (1 Co 5), assim como seu caráter insubmisso e contumaz pervertido, Paulo não orientou orações por ele; diante do adultério público de Herodes, João não fez intercessões por ele; antes, denunciou seu pecado (Mc 6.18).

O que se deve fazer quando líderes religiosos possuem salários imorais definidos por eles próprios, ou quando, além dos mega-salários, ainda recebem um conjunto de penduricalhos financeiros, como, por exemplo, auxílio-paletó, auxílio-transporte, auxílio-moradia? Denunciá-los. Essa deve

ser a postura prática da Igreja de Jesus.

Como seria aceitável — num mundo de tantas desigualdades e injustiças — a manutenção de privilégios para um determinado indivíduo que não trabalha de modo algum sob o pretexto de estar envolvido num ofício eclesiástico? O princípio paulino continua em vigor: quem não trabalha não come.

Sobre essa contundente afirmação de Paulo e sua correlação com a obra e comportamento de Jesus de Nazaré, assevera Boor:

De modo incompreensível para o entendimento grego — com os coríntios, entre os quais justamente se encontra, Paulo tem de discutir repetidamente a respeito dessa questão — o majestoso enviado do rei dos reis, do soberano celestial, é um humilde operário, que se nega decididamente a “comer pão de graça de alguém”, preferindo acrescentar à sua imensa atuação apostólica, que podia ocupar todo o tempo de uma pessoa, ainda o trabalho manual para o sustento da vida, “em labor e fadiga, de noite e de dia, trabalhamos, a fim de não sermos pesados a nenhum de vós” (v. 8), como repete literalmente sua narrativa de 1Ts 2.9. Desse modo ele, os três, se ofereceram “como exemplo, como tipo, para nos imitardes” (v. 9). Se os fundadores da igreja, os mensageiros do grande rei, vivem dessa forma, que irmão na igreja teria então o direito “de andar fora dos trilhos” e viver “desordenadamente”, ou seja, fora dessa límpida “ordem”? (BOOR, 2007, p.34)

Seguindo as orientações paulinas, devemos, enquanto Igreja, colocarmo-nos como modelo para a sociedade atual de tal forma que nos reconheça como uma coletividade que se desenvolve para além das categorias da ambição e do poder. Se somos Igreja de Jesus, então nosso comportamento é fundamentado no amor e moldado pela simplicidade.

### **A Necessidade de Apartar-se dos Desordenados**

As pessoas que Paulo denuncia tinham um conjunto de práticas completamente reprováveis pela própria comunidade em Tessalônica. Além de ociosos quanto a suas responsabilidades individuais de trabalhar para produzir seu próprio sustento, também eram “pesados” aos mais simples,

exigindo para si privilégios que nem mesmo aqueles que trabalhavam arduamente usufruíam.

O mau-caratismo desses indivíduos, como se pode perceber, beira o cinismo. Além de nada produzirem, ainda exigiam regalias e honras para si. Lembremo-nos: orar e pregar não são atividades profissionais; mas, se por uma radical vocação divina, alguns se dedicam exclusivamente aos seus chamados ministeriais, então que estes estejam cientes de que devem viver o estilo de vida de Jesus, João Batista e Paulo, e não como Herodes, Pôncio Pilatos e César.

O apóstolo denuncia ainda que, para a execução de tarefas úteis, tais indivíduos não possuíam empenho ou disposição, mas eram mestres para coisas vãs (2 Ts 3.11). É escandalosa a quantidade de pessoas que se dedicam exclusivamente a inutilidades sob o pretexto de “viverem da obra”. A bem da verdade, tal grupo de indivíduos não é novo; eles estão presentes nas comunidades cristãs e judaicas desde o primeiro século, como bem denuncia Paulo (2 Tm 3.1-6) e o próprio Jesus de Nazaré (Mt 23.13-16). Esses indivíduos enganam e exploram almas incautas sob o pretexto de piedade.

Há, no entanto, na recomendação paulina, uma orientação cristã de qualidade elevadíssima. Depois de orientar o afastamento dos cristãos sérios do convívio com os indivíduos desordenados, o apóstolo pede que estes sejam acolhidos como irmãos, e nunca como inimigos, desde que haja humildade dos desocupados em procurar a reconciliação.

Sobre as orientações de Paulo aos tessalonicenses em comparação às que foram dadas à Igreja em Corinto com relação aos problemas similares que enfrentava, defende Glubish:

Esse afastamento não parece ser tão severo quanto à ordem que o apóstolo deu aos crentes de Corinto, em relação aos irmãos imorais: “seja entregue a Satanás para destruição” (1 Co 5.5). Podemos estar certos de que Paulo não está falando aos tessalonicenses sobre uma exclusão completa, sem esperança de retorno por meio

do arrependimento. Não nos são dados os detalhes precisos de como tal tratamento deve ser aplicado. O rompimento é sinônimo de vergonha; os culpados devem ser envergonhados, perceber a seriedade da ofensa, e se adequar ao ensinamento apostólico. O coração pastoral de Paulo, sempre cheio de esperança de reconciliação, é surpreendentemente exposto quando defende a igreja e, pelo fato de não considerar seus ofensores como inimigos, mas como irmãos, diz: “admoestai-o como irmão” (v. 15). Marshall (228) esclarece que “um dos problemas de se exercitar a disciplina é a tentação de permitir que sentimentos pessoais afetem a aplicação da mesma”. Uma tendência deplorável ao lidar com os impenitentes é permitir que a hostilidade chegue a tal ponto que a ira intensa seja sentida e demonstrada, ou, de modo trágico, que o ofensor possa ser considerado como morto e não mais visto como parte da família. (GLUBISH, 2006, p. 1431)

Essa proposta de Paulo alinha-se completamente com os valores proclamados por Jesus. Não são os convertidos em Tessalônica que precisam fazer alguma coisa má para que a vida dos desordeiros seja prejudicada. Infelizmente, a falta de conversão daqueles somente os autoprejudicarão.

A exortação do missionário para a Igreja é que esta não se canse de fazer o bem (2 Ts 3.13). Se alguns indivíduos fazem o mal, cabe a cada cristão o esforço de sempre agir de maneira correta e de sempre estar alinhado com os valores do Reino. A igreja, enquanto comunidade, sempre deve estar de coração aberto para receber aqueles que, arrependidos, optam por regressar pelo caminho da salvação.

Evidentemente, as marcas e dores do passado tendem a dificultar as relações; contudo, nosso esforço sempre deve ser o de avaliar as pessoas e circunstâncias pela ótica do amor de Deus. Por isso, mesmo aqueles que nos aborreceram e prejudicaram devem ser acolhidos como irmãos se eles forem constrangidos por seus erros e convencidos da necessidade de recomeçar.

## **Conclusão**

Sobre os ombros de cada cristão, por assim se autodenominar, pesa a

responsabilidade de viver pia, justa e honestamente, assim como o Salvador viveu e desempenhou seu ministério terreno. Os homens sem Deus podem até lutar por honras e glórias, mas a nós cabe o desejo pela simplicidade da vida em Cristo.

## **Bibliografia**

BOOR, Werner de. *Cartas aos Tessalonicenses*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2007.

Comentário do Novo Testamento Aplicação Pessoal. Vol 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. p. 468.

GLUBISH, Brian. *1 Tessalonicenses*. In: ARRINGTON, F. L. e STRONSTAD, R. *Comentário Bíblico Pentecostal – Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

## Capítulo 13



# Conselhos para a Vida

## Introdução

A parte final das duas epístolas aos tessalonicenses é dedicada a saudações finais calorosamente recomendadas. Não há, em ambos os textos, um desfecho dolorido ou áspero; pelo contrário, percebe-se, mais uma vez, o bom relacionamento entre Paulo e aqueles irmãos. Alguns detalhes marcam essas despedidas, como, por exemplo, a referência ao “ósculo santo” e o

pedido de leitura coletiva do texto (o que ratifica o caráter epistolar do escrito), além do sentimento de gratidão que transborda em cada palavra.

Temos, assim, a despedida de um líder que, apesar de toda a tribulação que enfrentou, continua a lembrar daquela comunidade com alegria. Talvez, esta seja a lição mais relevante que o apóstolo concede-nos no momento final das cartas: não devemos permitir que as dores oriundas de fatores estranhos ao evangelho afastem-nos daqueles a quem Cristo tão sacrificialmente amou. Aprendamos, então, com Paulo, como nos despedir de quem amamos e anelamos saudosamente encontrar.

### **Paulo entre os Tessalonicenses: um Modelo de Liderança**

Quem finaliza as epístolas é Paulo, o apóstolo, aquele que ensinou aos tessalonicenses os fundamentos da fé. Temos, assim, nesse contexto histórico, um líder em pleno vigor ministerial — com uma atuação missionária riquíssima e bem-sucedida — e uma jovem comunidade, certamente com apenas alguns meses — talvez com, no máximo, dois ou três anos de fé em Cristo.

Mesmo assim, ao final de seu texto, Paulo roga aos irmãos: “[...] orai por nós” (1 Ts 5.25). Num contexto tão adoecedor como o nosso, onde as pessoas esforçam-se o tempo todo para parecerem fortes e autossuficientes, um pedido como esse soaria como fraqueza ou desespero.

Para Paulo e os tessalonicenses, um pedido como esse tinha uma repercussão completamente diferente. Soava como confiança mútua, como humildade do apóstolo, como reconhecimento de que ninguém é tão independente que não precise de amigos intercessores nos momentos de angústia e medo.

Provavelmente por isso, a relação entre Paulo e os tessalonicenses fluía com tamanha naturalidade: havia sinceridade, mutualidade e humildade. É de líderes como Paulo que as igrejas precisam mais e mais nos dias atuais; precisamos de pessoas que se apresentem como pessoas, e não como deuses.



## **A Igreja Contemporânea, os Ministérios de Liderança e as Doenças de nosso tempo**

Cada vez mais nos assusta o fato de que líderes evangélicos chegam, em números crescentes, à exaustão existencial. Tornou-se frequente as narrativas sobre depressão, estafa, altos níveis de ansiedade e até mesmo suicídio de pessoas que atuam em ministérios de liderança.

A cultura de competitividade que impera em nossa sociedade adentrou a igreja em várias comunidades. Já existem lideranças gerais de grandes denominações que exigem de seus pastores locais o cumprimento de determinadas “metas”, que vão desde um determinado número de pessoas batizadas nas águas por ano, até a arrecadação mensal de valores destinados a campanhas faraônicas, cujo fim nunca chega, mas que produzem elevados índices de ansiedade.

Muitos líderes, no afã de realizarem suas vocações com maestria e dedicação, tomam a corajosa, porém comprometedora decisão, de abandonarem suas carreiras profissionais para dedicarem-se exclusivamente às inúmeras tarefas que se exige de um líder ministerial ou de um pastor local. Merece destaque o fato de que — como, inclusive, já problematizamos em páginas anteriores — alguns indivíduos usam de má-fé ao enveredarem pelo caminho de viverem integralmente *para e da* obra; contudo, e essa ressalva precisa ser feita em respeito à imensa maioria daqueles que servem a Deus com integridade, o grande número daqueles que decidem trabalhar unicamente nas atividades eclesiais doam e doam-se mais do que ganham.

Num país desigual como o nosso e com altas taxas de desemprego, renunciar um salário mensal, uma carreira promissora e a certeza de uma aposentadoria é algo que só alguém motivado pelas boas intenções do Reino é capaz de fazer. Há, dessa forma, um exército de famílias — pois seria injusto excluir esposas e filhos dessa conta — que dependem diretamente

daquilo que recebem da administração eclesiástica. É aqui que os adoecimentos encontram sua justificativa social e econômica.

Refletindo exatamente sobre essa condição vitimizada do líder, Ebert e Soboll, por meio de uma análise de uma série de entrevistas realizadas, atestam que:

“Tinha um professor de seminário que dizia ‘o pastor tem que tomar muito cuidado que ele é como um soldado na guerra. Se ele comete falhas, ele está sujeito a morrer’. Então é uma vida de extrema tensão, isso, sem dúvida, que se você é uma pessoa muito visada. O pastor é uma pessoa visada” (55 anos, sexo masculino, 30 anos de trabalho pastoral).

Este relato apresenta semelhanças a uma guerra a qual, descrita por Dejours (2001, p.14), é travada sem recurso às armas, mas que implica “sacrifícios individuais consentidos pelas pessoas e sacrifícios coletivos em altas instâncias, em nome da razão econômica”. O autor afirma que nessa guerra o fundamental é o desenvolvimento da competitividade e que só permanecem os aptos para o combate, ou seja, que suportem a exigência de “desempenhos sempre superiores em termos de produtividade, de disponibilidade, de disciplina e de abnegação” (Dejours, 2001, p.13). Dessa forma, observa-se no trabalho pastoral a mesma lógica de mercado produtivo, em que o trabalhador é descartável e precisa produzir de acordo com os interesses da organização, a qual associa a manutenção do espaço de trabalho com a condição de que o pastor seja multifuncional em suas tarefas e altamente produtivo. (EBERT e SOBOLL, 2009, p.203)

Muitos líderes vivem debaixo de opressões terríveis e ameaças constantes de liderados que, mesmo longe da vontade de Deus, exigem prestígio e honra à custa de suntuosas ofertas.

O que acontece quando um líder fica refém de uma numerosa família que, apesar de ter pessoas envolvidas em escândalos e pecados, exige — leia-se isso mesmo, EXIGE — que tudo seja jogado debaixo do tapete sob a ameaça de todas as contribuições financeiras serem retidas? Quando um líder cede a esse tipo de chantagem, seu ministério está falido.

Para outros líderes, o problema está na estrutura administrativa, a qual, na maioria dos casos, não está sob o controle da liderança local e constrói uma cultura da punição. Líderes locais que não obedecem cega e alienadamente às suas lideranças maiores são retiradas de suas comunidades de maneira arbitrária; a outros são impostas exigências de uma natureza tão desumana, que forçam os mesmos a desistirem de seus ministérios.

Na balança da desigualdade, o Reino de Deus é posto de lado em muitos casos, e impera apenas o nefasto governo dos homens. É evidente que existe um Senhor no céu, cuja justiça Ele fará valer sobre toda a terra; entretanto, não podemos fazer-nos de cegos ante os abusos e injustiças que são cometidos em nome de Deus, de uma suposta visão e de uma irracional ânsia por poder.

Diante de um quadro tão dramático como esse, como fica alguém que amorosamente renunciou um projeto pessoal de desenvolvimento profissional? É desesperador imaginar que alguns santos homens e mulheres estão à mercê dos caprichos e humores de lideranças gerais que estão fora da vontade de Deus.

A que condições de humilhação um homem que, por exemplo, tenha dedicado vinte, trinta anos de sua vida ao serviço de Deus é capaz de submeter-se ao perceber que não há mais nenhuma possibilidade de retornar ao mercado de trabalho?

Ora, num país onde se discute ferrenhamente ações para reestruturar o modelo previdenciário, sob a alegação de que este não se sustenta a médio-longo prazo, o que pensar sobre o futuro de anciãos dentro da estrutura administrativo-eclesiástica contemporânea onde se insiste em não se discutir sobre o comprometimento social e econômico que as igrejas precisam ter com essas pessoas?

O que será desse conjunto de líderes que, depois de servirem a vida toda a comunidades locais, não recebe qualquer tipo de auxílio financeiro para

garantir-lhe um envelhecimento digno? Projetar o futuro nessas condições adoece qualquer pessoa, por mais espiritual e madura que seja.

É um fato que a esmagadora maioria das igrejas não possui um serviço de atendimento psicológico voltado para o público que trabalha na liderança de ministérios. Além disso, nossa cultura exageradamente preconceituosa ainda associa o adoecimento psicológico a demonismo, ou, em alguns casos, à fraqueza de caráter.

Por tais motivos, o número de líderes adoecidos emocional e psicologicamente é preocupante. Como alguém com feridas e dores insuportáveis em seu ser será capaz de cuidar de outras pessoas? E, afinal de contas, quem deve zelar pela saúde dos líderes? A quem a liderança local de uma comunidade pode ou deve recorrer em um momento de crise? A clareza nas respostas das questões acima pode ser o primeiro passo para apoiar alguém em contínuo sofrimento emocional.

Sobre o papel que a religiosidade pode exercer sobre os indivíduos, Mano, em concordância com Dalgarrondo, assevera que:

Dalgarrondo (2008), ao apresentar uma das dimensões a respeito dos aspectos “positivos e negativos” da religião na vida das pessoas, exemplifica que, assim como na família, no casamento e no trabalho e nos demais constructos socioculturais, haverá sempre essa dimensão contraditória do positivo e do negativo. Quando vivida de maneira saudável, por exemplo, a religião atua como papel positivo de proteção em relação aos transtornos; por outro lado, pode intensificar e desencadear transtornos... (MANO, 2010, p.163)

Por tradição, os líderes pentecostais são envoltos em uma área de santidade e inviolabilidade extremas. Tal estereótipo, muitas vezes alimentado pelo próprio líder, torna-se um perigoso caminho para consolidação e cristalização da condição de sofrimento.

Urge repensarmos nossa prática ministerial de liderança, para, assim,

resguardarmos a integridade psicoemocional de nossos líderes atuais. Chega de tratarmos a obra de Deus por meio de categorias como produtividade, metas ou acúmulo de riquezas. É hora de retornarmos aos basilares princípios da graça, misericórdia e bondade.

## **A Questão do Ósculo Santo como um Traço Cultural da Sociedade Tessalonicense**

A recomendação final de Paulo quanto à saudação com ósculo (1 Ts 5.26) não é uma exclusividade para com os tessalonicenses; ele também faz recomendações idênticas às igrejas em Corinto (1 Co 16.20; 2 Co 13.12) e Roma (Rm 16.16). Deve-se notar, no entanto, que esse tipo de saudação era algo habitual entre as comunidades orientais daquele contexto histórico; tanto que Pedro também faz menção desse mesmo tipo de saudação (1 Pe 5.14).

Além disso, podemos perceber que Jesus, durante seu ministério, também se utilizava da saudação com ósculo, tanto que o traidor Judas sinaliza a identidade do Mestre por meio de um beijo (Mt 26.48; Mc 14.44; Lc 22.47); também, durante a gratidão que Jesus faz à mulher na casa do fariseu (Lc 7.45), Ele demonstra que aquela não pode ser repreendida, visto que ela beija os pés do Mestre humildemente, enquanto que o anfitrião sequer saudou o convidado com um beijo de recepção.

O beijo, φίλημα em grego, era uma tradicional saudação tanto entre judeus como entre pagãos; por isso, tornou-se uma prática comum no paleocristianismo. Inclusive, é importante ressaltar que, no contexto do cristianismo primitivo, o beijo ritualístico foi incorporado em determinadas práticas litúrgicas oficialmente pela Igreja.

Sobre essa temática do ósculo, Airhart defende que:

Saudai a todos os irmãos com ósculo (“beijo”, BAB, NTLH, NVI) santo (26). O modo costumeiro de trocar saudações pessoais naquela sociedade era pelo beijo. Entre os cristãos era um ósculo santo, porque simbolizava o amor cristão e a

unidade em Cristo. Na igreja, a prática assumiu posteriormente significação formal e litúrgica. Paulo está dizendo: “Dai minhas mais amáveis saudações pessoais a todos”. Phillips dá uma conotação moderna com: “Cumprimentem-se com um aperto de mãos por toda a irmandade” (CH) (BEACON, 2006, p.402)

Por exemplo, Justino — um dos pais da Igreja — informa-nos em sua *Apologia*<sup>25</sup> que, tradicionalmente após os batismos, se realizava imediatamente a celebração da ceia do Senhor, em memória do sacrifício de Jesus e para conceder aos novos ingressantes na comunidade cristã a oportunidade de participar desta que é a mais importante cerimônia cültica do cristianismo.

Após o batismo, o novo convertido era conduzido a uma reunião de oração, na qual, ao seu final, o recém-ingressante na comunidade era saudado com ósculos, os quais eram tradicionalmente denominados de “ósculos da paz”.

Fazer menção de tal saudação para com os irmãos demonstra apenas o grau de proximidade que havia entre Paulo e os irmãos em Tessalônica. Todo e qualquer esforço para impor uma tradição cultural como esta como dogma comportamental no culto cristão hoje, ou, mais especificamente, em nossa cultura evangélica brasileira contemporânea, soaria como um total desconhecimento das tradições culturais das comunidades nos tempos apostólicos e um considerável desrespeito aos costumes das igrejas locais atuais.

É claro que o “ósculo santo” ainda é uma tradição em culturas atuais; isso porque naturalmente, entre esses povos, suas tradições interpessoais acolhem tais práticas — até mesmo independentemente de qualquer influência cristã. O que não se pode acatar é a imposição de uma prática cultural local como regra a ser imposta como verdade doutrinária.

## Conclusão

A convivência de Paulo com os tessalonicenses deve servir-nos de modelo

para o estabelecimento de nossas relações interpessoais; tanto como líderes e liderados, como entre pessoas e instituições — questão bastante comum, porém extremamente complexa em nossos dias.

Precisamos constantemente de apoio e cuidado. Se não obtivermos os mesmos por meio de nossos relacionamentos, que também se constituem na igreja local, onde mais alcançaremos o equilíbrio emocional, que é tão importante para cada um de nós?

## Bibliografia

EBERT, C. ; SOBOLL, Lis Andréa Pereira . *O trabalho pastoral numa análise da Psicodinâmica do Trabalho*. Aletheia (ULBRA), v. 30, p. 197-212, 2009.

EARLE, R. (et al) *Comentário bíblico Beacon*. vol. 9, Gálatas a Filemom. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

MANO, Raquel de Paiva. *O Sofrimento Psíquico Grave no Contexto da Religião Protestante Pentecostal e Neopentecostal: Repercussões da Religião na Formação das Crises do Tipo Psicótica*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura). Brasília, 2010. 192f.

---

<sup>25</sup> JUSTINO DE ROMA. *I Apologia*. São Paulo: Paulus, 1995.LXV.1-2.





Certamente, nunca foi o objetivo deste livro elucidar todas as questões suscitadas a partir da leitura de 1 e 2 Tessalonicenses. Na verdade, o que se ousou fazer aqui foi apresentar algumas outras perguntas, que, provavelmente, também não foram respondidas em sua maioria.

A infinidade de problemas, interpretações e perspectivas que a literatura cristã do primeiro século traz consigo apresenta-se como um insuperável problema que qualquer comentário sobre o texto bíblico enfrentará.

A verdade do texto, a qual naturalmente estava muito mais clara para os cristãos de Tessalônica, torna-se para nós um objeto de insaciável investigação. Porém, o fato mais relevante que há no estudo de um texto tão antigo assim é perceber a atualidade do mesmo com relação às questões humanas fundamentais.

É isso que faz do texto sagrado uma literatura imprescindível para os dias atuais, isto é, sua capacidade de abordar problemas que dizem respeito não apenas a uma comunidade de cristãos do primeiro século, mas que também falam à humanidade como um todo ainda hoje.



# Em Espírito e em Verdade

Brazil, Thiago

9788526314245

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste livro, o Pastor Thiago Brazil te indicará um novo nível de adoração sem a necessidade de nenhuma nota musical além da palavra de Deus. Com análises de diversos contextos bíblicos relativos ao tema, este livro te fará entender a essência da adoração cristã e o ajudará a adorar a Deus em Espírito e em Verdade. Um Produto CPAD.

[Compre agora e leia](#)



# BILLY GRAHAM

Paz com Deus



# Paz com Deus

Graham, Billy

9788526312890

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Está à procura por algo que é mais importante do que qualquer outra na vida? Você não está sozinho! Toda a humanidade está buscando a resposta para a doença moral e o vazio espiritual que oprime o mundo. Toda a humanidade está clamando por orientação, conforto e paz. Nesta obra Billy Graham lhe ajudará a buscar a verdadeira calma espiritual em meio a uma vida cheia de estresse, fardo e desânimo. Viva a Paz com Deus! Um produto CPAD.

[Compre agora e leia](#)



# O Sermão do Monte

A Justiça sob a Ótica de Jesus

César Moisés Carvalho

# O Sermão do Monte

Carvalho, César Moisés

9788526314436

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Estudar o Sermão do Monte é um desafio pois a familiaridade com o material e a aparente facilidade dos seus enunciados esconde o fato de que se trata de um texto de difícil interpretação e, ainda pior, aplicabilidade. Nesta obra, os capítulos foram organizados obedecendo a estrutura da revista Lições Bíblicas Jovens, porém desenvolvidos em forma de comentário bíblico valorizando, sobretudo, o aspecto teológico do mais popular e célebre dos sermões proferidos pelo Mestre. Um Produto CPAD.

[Compre agora e leia](#)



# o Caráter do Cristão

Moldado pela Palavra de Deus e provado como ouro

Elinaldo Renovato de Lima



# O Caráter do Cristão

de Lima, Elinaldo Renovato

9788526314429

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

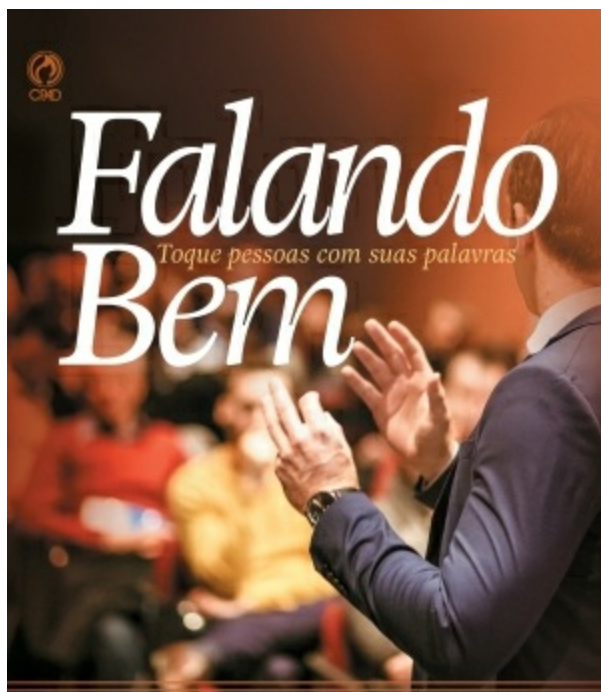
O pastor Elinaldo Renovato prepara um estudo completo de personagens bíblicos que nos ajudarão a entender o verdadeiro caráter Cristão. Começando com Abel, passando por Isaque, Jacó, Rute e Maria, e terminando com nosso maior referencial, Jesus, este livro é um alerta à igreja com relação aos maus exemplos deste mundo e um chamamento a termos a Bíblia como maior parâmetro de caráter.

[Compre agora e leia](#)



# Falando Bem

*Toque pessoas com suas palavras*



Charles R.  
**Swindoll**

O mesmo autor de *Vivendo Salmos* e *Vivendo Provérbios*

# Falando Bem

Swindoll, Charles R.

9788526315679

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Saber comunicar-se bem é uma importante qualidade na vida de qualquer pessoa, mas para os que pregam a palavra de Deus, esta habilidade é um dos principais "instrumentos de trabalho". Em "Falando Bem" o autor Best-Seller e mestre em comunicação, Charles R. Swindoll, conta os muitos segredos práticos sobre como discursar e pregar de maneira eficaz. Repleto de técnicas, histórias pessoais e modelos que explicam claramente as fórmulas de uma fala bem-sucedida, esta obra ensina os principais fundamentos de comunicação, tais como preparar um discurso, organizar pensamentos, filtrar o supérfluo, capturar a atenção do ouvinte e saber como e quando parar. Esta obra é o resultado de uma vida inteira de conhecimentos adaptados às necessidades de comunicação para os que querem aperfeiçoar ou aprender a se comunicar com qualidade. Um produto CPAD.

[Compre agora e leia](#)